



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

MÁRCIA SACRAMENTO ROCHA

**SER EDUCADOR QUILOMBOLA É NOS ENCONTRAR
UNS NOS OUTROS:** uma etnografia sobre educação quilombola
antirracista baseada na ciência do quilombo de Extrema.

GOIÂNIA
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

MÁRCIA SACRAMENTO ROCHA

3. Título do trabalho

SER EDUCADOR QUILOMBOLA É NOS ENCONTRAR UNS NOS OUTROS: uma etnografia sobre educação quilombola antirracista baseada na ciência do quilombo de Extrema.

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Márcia Sacramento Rocha, Discente**, em 09/06/2023, às 17:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Suzane De Alencar Vieira, Professora do Magistério Superior**, em 19/06/2023, às 14:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3772677** e o código CRC **5A2FED79**.

MÁRCIA SACRAMENTO ROCHA

**SER EDUCADOR QUILOMBOLA É NOS ENCONTRAR
UNS NOS OUTROS: uma etnografia sobre educação quilombola
antirracista baseada na ciência do quilombo de Extrema.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Faculdade de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Mestra em Antropologia Social.

Área de concentração: Antropologia Social

Linha de pesquisa: Etnografia dos Conhecimentos e Experimentações Etnográficas.

Orientadora: Profa. Dra. Suzane de Alencar Vieira

GOIÂNIA
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Rocha, Márcia Sacramento
SER EDUCADOR QUILOMBOLA É NOS ENCONTRAR UNS NOS
OUTROS [manuscrito] : uma etnografia sobre educação quilombola
antirracista baseada na ciência do quilombo de Extrema. / Márcia
Sacramento Rocha. - 2023.
131 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Suzane De Alencar Vieira.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em
Antropologia Social, Goiânia, 2023.

Bibliografia.

Inclui siglas, fotografias, lista de figuras.

1. Quilombo de Extrema. 2. Saberes próprios e metodologias
quilombolas. 3. Educação antirracista. 4. Desobediência ancestral.. I.
Vieira, Suzane De Alencar , orient. II. Título.

CDU 572



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 003/23-M da sessão de Defesa de Dissertação de MÁRCIA SACRAMENTO ROCHA, que lhe confere o título de Mestre em Antropologia Social, na área de concentração Antropologia Social.

Aos vinte e oito dias do mês de março de 2023, às 14:00 horas, na Sala de Defesas AS-01 Faculdade de Ciências Sociais da UFG, realizou-se a sessão de julgamento da Dissertação de Mestrado de MÁRCIA SACRAMENTO ROCHA, intitulada "SER EDUCADOR É NOS ENCONTRAR UNS NOS OUTROS: UMA ETNOGRAFIA SOBRE EDUCAÇÃO QUILOMBOLA ANTIRRACISTA BASEADA NA CIÊNCIA DO QUILOMBO DE EXTREMA". A Banca Examinadora foi composta pelos/as seguintes Professores/as Doutores/as: Suzane de Alencar Vieira (PPGAS/UFG - presidente); Alecsandro José Prudêncio Ratts (PPGAS/UFG - membro interno), Cristiane Maria Ribeiro (IFGoiano - membro externo) e Givânia Maria da Silva (UnB e CONAQ - membro externo) tendo como suplente a Profa. Dra. Luciene Oliveira Dias (PPGAS/UFG). A candidata apresentou seu trabalho, foi arguida pela Banca e respondeu às arguições. Ao final da arguição, a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão reservada, pelo qual foi atribuído à mestranda o seguinte resultado: **aprovada** pelos seus membros. Reabertos os trabalhos, a presidente proclamou os resultados e encerrou a sessão pública, da qual foi lavrada a presente ata, que vai assinada por ela e as demais integrantes da Banca Examinadora.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA:

SER EDUCADOR QUILOMBOLA É NOS ENCONTRAR UNS NOS OUTROS: uma etnografia sobre educação quilombola antirracista baseada na ciência do quilombo de Extrema.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Suzane De Alencar Vieira, Professora do Magistério Superior**, em 22/05/2023, às 16:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cristiane Maria Ribeiro, Usuário Externo**, em 23/05/2023, às 08:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **GIVANIA MARIA DA SILVA, Usuário Externo**, em 24/05/2023, às 11:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alecsandro José Prudêncio Ratts, Professor do Magistério Superior**, em 26/06/2023, às 22:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3769686** e o código CRC **7EC20627**.

Referência: Processo nº 23070.013143/2023-58

SEI nº 3769686

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a meu Deus por todas as maravilhas que tem feito em minha vida e da minha família.

Agradeço ao meu povo do quilombo de Extrema por ter acolhido e embarcado nessa pesquisa junto comigo. Gratidão aos intelectuais quilombolas: Jovelina Pereira Rocha Sacramento minha mãe, meu padrinho José Evangelista Rocha, minha tia Domingas Cesário Rocha, minha tia Maria Madalena do Sacramento Rocha, meu tio Cipriano Justino Rocha, Renildes Maria Rocha, meu tio Manoel Bispo, meu tio Abadia Cardoso, tia Francisca Ferreira (Chica), Maria de Fátima Sacramento, Silvani Pereira, Jocilene Evangelista e seu filho Luiz Henrique, meu filho Gustavo Rocha Pereira e todos os outros que direta e indiretamente fizeram essa dissertação nascer.

Agradeço minha mãe por ter rezado por mim todos os dias, certamente, isso fez toda diferença. Por nunca ter deixado que faltássemos aula. Por ter amado e cuidado de cada um de seus dez filhos sozinha no quilombo. Por ter preparado nos mínimos detalhes e com todo carinho de nossas idas à comunidade. Te amo muito, mãe.

Agradeço ao meu esposo André Pereira de Jesus, que deixou toda sua família na Bahia e veio junto comigo aqui para Goiás e juntos construímos nossa linda família. Só nós sabemos as batalhas enfrentadas para chegarmos aqui, para cuidar e criar nossos três amados filhos. Sim, a Larissa é também sua filha, e você nunca fez diferença entre ela e nossos dois filhos, obrigada por tudo. Te amo!

Agradeço aos meus três filhos por todo amor e cuidado, por ser minha maior motivação para eu continuar estudando, caminhando.

Agradeço minha filha Gisele Rocha Pereira, por todo amor, preocupação e cuidado comigo. Por me ouvir ler e reler meus escritos sempre com afeto e paciência. Por contribuir com os cuidados da casa para eu conseguir escrever. Por cuidar do seu irmão, levar à escola e buscar. Sou muito grata e orgulhosa de você, meu amor. Te amo, minha filha.

Agradeço ao meu filho Gustavo Rocha Pereira por todo amor, e por fazer essa pesquisa junto comigo, por ficar ao meu lado no primeiro ano do curso nos momentos das aulas online, por compartilhar comigo todos os seus saberes e conhecimentos com a verdade e pureza que são características das crianças. Te amo, filho!

Agradeço a minha filha Larissa Rocha Nascimento por todo amor, por toda preocupação e cuidado. Pelos debates e trocas que fizemos sobre educação, jornalismo e antropologia.

Por se esforçar, mesmo sem tempo e cansada por causa de seus estudos na universidade, para contribuir com as tarefas de casa. Sou muito orgulhosa em ver todo seu esforço e dedicação para estudar, minha filha. Te amo, filha!

Agradeço a minha tia Domingas Cesário Rocha e minha vó Bitá por toda acolhida em Extrema, por todo cuidado que tiveram conosco nas idas a campo. Por emprestar os cobertores e fazer comidas deliciosas. Pelas conversas sentadas na calçada, por tudo.

Agradeço a minha vó Bitá por todo carinho, pelo café quentinho logo pela manhã, pelas melancias docinhas, galinhas caipiras, feijão de corda, pelas pinhas, mandiocas com torresmo, laranjas e goiabas direto do pé no fundo da casa.

Agradeço ao meu padrinho José Evangelista e minha tia Domingas por terem compartilhado a internet comigo nos momentos que estive em Extrema, isso foi essencial para andamento da pesquisa e comunicação com minhas filhas que ficaram em Aparecida de Goiânia, sem palavras para expressar minha gratidão.

Agradeço a minha tia Maria Madalena do Sacramento Rocha, por ter aberto os caminhos que estamos trilhando, por caminhar e ser caminho, por lutar por nossos direitos, por ser inspiração e contribuir tanto com essa pesquisa e com a educação quilombola de nosso povo, de nosso estado e do país e por nunca ter desistido de lutar, mesmo com tantas barreiras e dificuldades. Por sempre me acolher em sua casa, pelos livros espalhados, pelas conversas instigantes, pelos debates, pelos momentos de reflexão e por me acolher no ateliê Terezinha Rocha. Não tem ideia do quanto me orgulho de ser sua sobrinha, do quanto me inspiro em você!

Agradeço a cada bonequeira do quilombo Extrema pela escuta, por compartilhar comigo tantos ensinamentos, e por todas as brincadeiras e risadas nos dias que estive em campo.

Agradeço minha colega do Núcleo Caroá Emília Guimarães Mota pela gentileza de ter lido meu anteprojeto e ter somado comigo nessa caminhada. Minha gratidão!

Agradeço ao meu amigo Darwin Balanta, o colombiano mais generoso que conheço, por ter somado junto comigo para conseguir passar no exame de suficiência em língua estrangeira. Minha gratidão!

Agradeço minha amiga Anny Silva por ter me presenteado com o dicionário de língua espanhola para brasileiros. Gratidão!

Agradeço a minha querida amiga Keninha (Maria do Socorro) por todas as caronas de moto desde a graduação, por nossa linda amizade, por sempre se ouvir com afeto, pelas risadas e choros nessa caminhada.

Agradeço minhas amigas Michele Bernardino e Carolina Di Ferreira por toda força e incentivo e por se orgulharem tanto de mim. Agradeço a Carol pela amizade e caronas em seu Santana desde a graduação, por compartilhar lutas, sonhos e vitórias, brigando com o povo nas ruas de Goiânia que não sabem dirigir, mas sem deixar a outra para trás. Agradeço a minha amada amiga Marcilene Gonçalves (falecida) por todo amor, afeto e amizade para além da vida. Pelas caronas desde a graduação. Por todas as vezes que estudamos juntas, por ter sonhado esse sonho junto comigo e por ter se orgulhado tanto de mim quando passei no mestrado. Infelizmente, a vacina não chegou a tempo. Perdemos você pelo fato de a covid19 não ter sido levada a sério pelo governo como deveria, perdemos você pela omissão e negligência do estado, perdemos uma grande pesquisadora dedicada e com muitos desejos e sonhos ainda por realizar. Sei que está muito orgulhosa de mim. Nessa dissertação tem muito de você, minha amiga querida. Sempre vou te amar! Marcilene Gonçalves, presente!

Agradeço imensamente ao Núcleo Caroá que me recebeu de braços abertos, por me proporcionar participar de todos os ateliês, terraço, seminários, gratidão a cada um, especialmente as professoras Indira, Suzane e o professor Fuji.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Ciências Sociais da UFG. Agradeço aos colegas do PPGAS/UFG turma de 2021 que ousaram enfrentar essa batalha. Agradeço também a todos os professores/as do PPGAS/UFG que contribuíram para minha formação.

Agradeço a professora Suzane Alencar Vieira PPGAS/UFG, Indira Caballero PPGAS/UFG e Alejandro Fujigaki Lares UNAM pela inesquecível disciplina de Antropologia da vida diante da catástrofe, por terem me abraçado com tanto afeto quando eu estava com minha mãe na UTI com covid19 durante a disciplina. Minha eterna gratidão!

Agradeço a querida professora Izabela Tamaso PPGAS/UFG, que no dia da virada do ano, mesmo estando de férias, nos ajudou e orientou em relação as questões da submissão do projeto junto ao Comitê de Ética. Nunca esquecerei.

Agradeço a mestra quilombola Marta Quintiliano por compartilhar seu anteprojeto de pesquisa comigo com tanta generosidade.

Agradeço imensamente a Andréia Rosalina por ter me ajudado fazendo meu currículo Lattes no momento da inscrição no processo seletivo do mestrado.

Agradeço a Ange, minha amiga querida, que caminhou comigo durante todo esse trajeto. Agradeço por me ouvir, por trocar comigo tantos saberes, por me fazer companhia durante

a pesquisa, por rir e chorar junto comigo e pelas fofocas antropológicas. Sem você, certamente essa caminhada teria sido mais difícil e triste.

Agradeço a Lisi, minha amiga querida, que também caminhou comigo durante esses dois anos. Agradeço por me ouvir falar da pesquisa, da maternidade, por trocar comigo tantos saberes, por me fazer companhia durante a pesquisa, por rir e chorar junto comigo e pelas fofocas antropológicas. Sem você, certamente essa caminhada teria sido mais difícil e triste.

Agradeço minha colega de mestrado Susan por todo movimento que fizemos na luta junto comigo pelas bolsas.

Agradeço minha querida orientadora, professora Suzane de Alencar, por segurar em minha mão de forma tão respeitosa e afetuosa e me conduzir ao longo dessa caminhada. Professora querida, como vem sendo incrível fazer ciência ao seu lado desde a graduação quando nossos caminhos se cruzaram. Quando eu já não aguentava mais e pensava inclusive em desistir do meu sonhado curso de pedagogia, você veio e deu um novo significado em minha caminhada. Obrigada por todas as conversas, pelas orientações individuais e coletivas, por todas as palavras de ânimo e de carinho nos momentos difíceis que passei ao longo desse curso de mestrado, agradeço por toda sensibilidade e empatia. Eu não poderia ter tido orientadora melhor.

A Associação Quilombola Extrema no Município de Iaciara-GO, por todo apoio e por não medir esforços em assinar a documentação, tornando essa pesquisa viável.

A Secretaria de Educação do Município de Iaciara por ter apoiado a pesquisa e pela agilidade na assinatura da documentação.

Agradeço Programa de Pós-graduação em Antropologia Social PPGAS/UFG por meio do Edital PROAP 2021, pelo Auxílio Financeiro a Estudantes para Trabalho de Campo, e foi utilizado para fazer a primeira visita exploratória em janeiro de 2022.

Agradeço por ter recebido da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior CAPES a bolsa DS CAPES ME, que foi implementada em 08 de outubro de 2021, essa fez toda diferença durante meu curso de Antropologia Social.

RESUMO

A presente etnografia aborda os mecanismos que utilizamos para lutar pelas nossas existências através da educação quilombola antirracista de Extrema. Apresentamos as batalhas contra o racismo na vida de meu povo que vem resistindo brincando, vadiando no quilombo baseados em nossa desobediência ancestral e teimosias de quilombo. Assim, intentamos compreender as entrelinhas do racismo vivido há anos pelo meu povo quilombola de Extrema. Quais as implicações que todas as violências racistas vêm provocando na vida dos quilombolas? Quais os mecanismos que meu povo de Extrema vem utilizando como ferramentas essenciais para a luta e o enfrentamento ao racismo diário? Construimos também uma metodologia de dentro e dessa maneira, vamos dialogando a partir da vida e da história de resistência dos quilombolas de Extrema. Propomos como objetivo geral, investigar e analisar de forma detalhada, a partir dos saberes e dos conhecimentos dos quilombolas, com base em nossa ciência que permanece viva apesar das violências sofridas, as práticas de ensino e de aprendizagem no quilombo de Extrema e a análise se dará a partir do laboratório de nosso ensino e aprendizagem, quilombo.

Palavras-Chave: Quilombo de Extrema, saberes próprios e metodologias quilombolas; Educação antirracista; desobediência ancestral.

ABSTRACT

The present ethnography addresses the mechanisms we use to fight for our existences through the antiracist quilombola education in Extrema. We present the battles against racism in the life of my people who have been resisting by playing, wandering in the quilombo based on our ancestral disobedience and quilombo stubbornness. Thus, we try to understand between the lines of racism that my quilombola people of Extrema have been living for years. What are the implications that all the racist violence has been causing in the lives of the quilombolas? What are the mechanisms that my people from Extrema have been using as essential tools to fight and confront racism on a daily basis? We also built a methodology from the inside, and in this way, we will dialogue from life and from the history of resistance of the Quilombolas of Extrema. Our general objective is to investigate and analyze in detail the teaching and learning practices in the Quilombo of Extrema, based on the knowledge of the Quilombolas and on our science, which remains alive despite the violence they have suffered.

Key-words: Quilombo de Extrema, quilombola knowledge and methodologies; anti-racist education; ancestral disobedience.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Escola Municipal João Damaceno Rocha.....	21
Figura 2-Tio Manoel Bispo lendo meu projeto de pesquisa.....	38
Figura 3-Gustavo Brincando com gira-gira de folha de mandioca.	48
Figura 4-Gustavo Rocha e seu amigo Loki vendo desenho no computador.	50
Figura 5-Gustavo brincando com Simbinha no quilombo.	51
Figura 6-Gustavo de camisa branca e Luiz Henrique de camisa preta brincando.....	53
Figura 7-Minha mãe cozinhando os cabelos da Boneca Catarina.	57
Figura 8-Bonequeiras de Extrema no Ateliê Terezinha Rocha	59
Figura 9- Bonequeiras reunidas antes de rezar para iniciar as atividades.	61
Figura 10-Renildes e sua boneca	64
Figura 11-Abadia Cardoso contando suas estripulias do tempo de criança.	68

LISTA DE SIGLAS

AQUE – Associação de Quilombolas de Extrema

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CIP – Coordenadoria de Inclusão e Permanência

CONAQ – Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas

EAJA – Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FE – Faculdade de Educação

FCS – Faculdade de Ciências Sociais

IFG - Instituto Federal Goiano

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira

PPGAS – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

RU – Restaurante Universitário

SIGAA – Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFGInclui – Programa de Inclusão da Universidade Federal de Goiás

UNAM – Universidad Nacional Autónoma de México

UNB – Universidade de Brasília

UTI – Unidade de Terapia Intensiva

Sumário

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 - “ <i>Nós aprendemos a ler foi em casa com os nossos</i> ”: educação quilombola antirracista de Extrema.....	18
1.1 Gurutaba: caçando encrenca em Extrema, aprendendo brincando, tirando sarro da cara deles.	20
1.2 “Tá aí no sangue. O sangue tá aí, tá gritando”: os sonhos, desejos e os reencontros com os meus.	30
CAPÍTULO 2 - A maloca de “nego preto” vão falar, e numa boa: o vadiar, o brincar e a luta ancestral contra o racismo.	43
2.1 “Vadiar”, os quilombolas brincantes e a construção da identidade negra face ao racismo.	44
2.2 Resistencia e luta brincante: “na mesma hora que estamos fazendo as bonecas estamos brincando”. O trabalho antirracista das bonequeiras de Extrema.....	52
CAPITULO 3 - <i>Teimosia de quilombo e desobediência ancestral</i> : porque no quilombo de Extrema respeitar nada tem a ver com obedecer.	89
3.1“ <i>Uma toladora</i> de dentro e sua teimosia em fazer “caber”: transformando essa universidade em um quilombo.	99
3.2 Educação para a proteção: é assim que enfrentamos a onça	104
3.3 As fazedoras de perguntas esquisita: “ <i>mas a gente não é besta não</i> ”	109
3.4 Necroeducação em Iaciara: “se eles pensaram que iam me calar, estavam enganados”	113
3.5 Nossos saberes não têm preço, tem valor.	119
CONCLUSÃO.....	124
REFERÊNCIAS	127

DEDICATÓRIA

Dedico essa dissertação de mestrado ao meu pai Alberto do Sacramento Rocha que ancestralizou antes de me ver ingressar na universidade, e que onde quer que esteja deve estar muito orgulhoso de mim. A minha mãe Jovelina Pereira Rocha Sacramento que criou seus dez filhos com todo seu amor e nunca nos deixou que faltássemos aula, te amo mãe. Ao meu esposo André Pereira de Jesus, que vem enfrentando essa batalha junto comigo há 19 anos, e juntos tivemos os maiores amores de minha vida, nossos três filhos. Aos meus três filhos, Larissa Rocha Nascimento, Gisele Rocha Pereira e Gustavo Rocha Pereira que são meus amores nesse plano para além da vida, e que vêm me impulsionando a seguir caminhando e lutando, amo tanto vocês. Ao meu povo quilombola de Extrema que enfrentaram essa empreitada junto comigo. Amo cada um de vocês.

[...] Sou um pedacinho de muitos
Sou quem caminha e vira o caminho
Eu sou pelo que fomos
Para além do que fizeram com nós[...]

Ana Mumbuca - quilombo Mumbuca no Jalapão estado do Tocantins –TO

INTRODUÇÃO

Fogo! Queimaram Palmares,
 Nasceu Canudos.
 Fogo! Queimaram Canudos,
 Nasceu Caldeirões.
 Fogo! Queimaram Caldeirões,
 Nasceu Pau de Colher.

Fogo! Queimaram Pau de Colher...

E nasceram, e nasceram tantas outras comunidades que os vão cansar se continuarem queimando.

Porque mesmo que queimem a escrita,
 Não queimarão a oralidade.

Mesmo que queimem os símbolos,
 Não queimarão os significados.

Mesmo queimando o nosso povo
 Não queimarão a ancestralidade.

Antônio Bispo dos Santos – quilombo Saco-Curtume em São João do Piauí - PI

Com o poema de Nego Bispo, quero saudar quem veio antes de mim abrindo caminhos para eu passar, quero saudar meus ancestrais. Por isso, ao iniciar a escrita dessa dissertação de mestrado, primeiro peço a benção com todo o respeito a minha ancestralidade, meu pai e minha mãe, minha família, meu povo negro, minha comunidade quilombola de Extrema, e todos que um dia ousaram sonhar e lutaram para que hoje eu estivesse aqui.

Peço licença para que eu, mulher quilombola, bisneta, neta e filha de quilombolas, irmã de nove irmãos, esposa, mãe de três filhos, pedagoga e antropóloga em formação possa escrever junto com meu povo quilombola de forma honrosa, carregando comigo um pouquinho de cada um de nós, sabendo que são todas/os vocês que me constitui, que me impulsiona, e que certamente, estarão em cada ação durante essa pesquisa, em cada pensamento, letra, palavra e frase escrita, pois não sou somente eu, sou todas/os nós juntas/os, e é justamente porque nós caminhamos juntas/os que estou aqui, enfrentando, lutando, resistindo e escrevendo esse texto.

Povoada...
 Quem falou que eu ando só?
 Nessa terra, nesse chão de meu Deus
Sou uma mas não sou só...
 Povoada...
 Quem falou que eu ando só?

Tenho em mim mais de muitos
Sou uma mas não sou só...

Música: Povoada
Cantora e compositora Sued Nunes

Agora, é preciso situar geograficamente que o quilombo de Extrema foi fundado entre 1924 e 1925 por um grupo de “irmãos” que vieram a pé do estado da Bahia e compraram o pedaço de terra em que moramos hoje, ele fica localizado na região nordeste do estado de Goiás, às margens da GO 110, a 6km da cidade de Iaciara-GO.

Para dar seguimento nessa caminhada, é extremamente relevante lembrar que nós, povos negros quilombolas de Extrema, há anos estamos sendo atravessados e sofrendo com as consequências e cicatrizes do processo de escravização a que fomos submetidos e a todas suas formas de violência, entre elas o racismo que vem assolando nosso povo negro quilombola até hoje.

A presente dissertação de mestrado aqui apresentada, inicia-se com base em uma escrita quilombada de Extrema. E dessa maneira, vem trazendo os mecanismos que nosso povo quilombola há anos vêm utilizando para insurgir e transgredir, a partir de nossos saberes e conhecimentos embasados por nossa educação quilombola que começou a se dar nas casas no quilombo, em nosso laboratório de ensino e de aprendizagem, de produção de saberes e conhecimentos, sendo nós mesmos os nossos educadores, numa luta que é ancestral contra o racismo. E também os caminhos percorridos por nós até aqui, a força e o poder de nosso trabalho de forma coletiva e compartilhada que ao caminharmos juntos com toda a força e saberes ancestrais no enfrentamento ao racismo e a todas as formas de opressão e de violência vem nos proporcionando resistir e continuar lutando, permanecer caminhando.

Desse modo, nessa etnografia pretende-se abordar sobre da educação quilombola antirracista, e portanto, uma educação antirracista quilombada, diferenciada, que intenta em se dá de forma compartilhada, a partir do olhar de uma pesquisadora quilombola de Extrema.

Apesar de toda tentativa de esquecimento, apagamento e de violência racista nós resistimos e estamos lutando pela preservação e valorização de nossos conhecimentos e saberes ancestrais que vêm sendo passado de geração em geração, e hoje, estamos fazendo ciência de dentro do quilombo, fazendo ciência no quilombo, apesar das tentativas em negar nossos conhecimentos.

Diante disso, a pesquisa aqui apresentada vem trazendo a partir das falas dos quilombolas de Extrema os mecanismos que utilizamos para lutar pelas nossas existências, pelas nossas vidas através de nossa educação quilombola antirracista, e o reflexo de todas essas batalhas contra o racismo na vida dos quilombolas que resistiram ao racismo brincando, vadiando no quilombo baseados em nossa desobediência ancestral e teimosias de quilombo, diante disso nossa educação vai sendo fundamentada, e vem atuando para sacudir estruturas racistas.

Assim, na base dessa dissertação temos a evidente e exaustiva luta dos quilombolas de Extrema para viver a partir de nossa cultura e conhecimentos, atravessada pelas explícitas violências derivadas do racismo, que insiste em privar-nos de expressarmos nossos saberes, nossos dizeres e de atuarmos enquanto produtores de conhecimentos e de fazer ciência partindo desses saberes¹, mas queremos evidenciar sobretudo, os mecanismos que meu povo vem utilizando até hoje no enfrentamento ao racismo por meio da educação quilombola antirracista.

Diante do exposto, intentamos em compreender: as entrelinhas do racismo vivido há anos pelo meu povo quilombola de Extrema. Quais as implicações que todas as violências racistas vêm provocando na vida dos quilombolas? Quais os mecanismos que meu povo de Extrema vem utilizando como ferramentas essenciais para a luta e o enfrentamento ao racismo diário?

A dissertação aqui apresentada, tem como objetivo geral, investigar e analisar de forma detalhada, a partir dos saberes e dos conhecimentos dos quilombolas, com base em nossa ciência que permanece viva apesar das violências sofridas, as práticas de ensino e de aprendizagem no quilombo de Extrema e a análise se dará a partir do laboratório de nosso ensino e aprendizagem, quilombo.

Partindo dessa mesma perspectiva, proponho como objetivos específicos: a) apresentar a pedagogia quilombola de Extrema e as formas de ensinar e aprender que iniciaram em casa no quilombo; b) investigar baseando em nossos dizeres, os afetamentos causados pelo vadiar dos sujeitos brincantes de Extrema diante da luta ancestral contra o racismo; c) compreender as implicações da educação quilombola antirracista de Extrema e trazer as contribuições de nossa ciência de quilombo, da luta brincante, da teimosia de quilombo e da desobediência ancestral para educação escolar quilombola, de uma

¹ Sem debater o racismo, ele é colocado de forma que não percebamos os processos de exclusão dos nossos, e a desvalorização de nossos saberes implícito nesse processo.

educação diferenciada e compartilhada por meio do quebramento e do descontinuação de estruturas racistas.

Metodologicamente, partimos do ponto de vista que essa é uma escrita contracolonial e portanto, é uma escrita compartilhada, sendo assim, chamamos para essa caminhada o poeta e intelectual quilombola Antônio Bispo dos Santos (2015) do quilombo de Saco-Curtume no estado do Piauí. E para seguir percorrendo conosco esse trajeto, trago Maria Madalena do Sacramento Rocha (2019) quilombola de Extrema no estado de Goiás, professora e doutoranda pela UnB com o método de sacola de campo, para que por meio de conversação espontânea possamos encher nossas sacolas de memórias e resgatar conhecimentos de lá também, e assim, enfrentar a “onça” que tenta nos matar. E para enriquecer ainda mais a nossa pesquisa, convido-os a percorrer esses e entrelaçamentos outros, com Givânia Maria da Silva (2012) ativista, doutora pela UnB, professora quilombola de Conceição das Crioulas no estado de Pernambuco, e a educação diferenciada como forma de luta política, que tem como base conhecimentos quilombolas, ciências de quilombo.

Fazer uma pesquisa etnográfica tem sido necessário para eu conseguir compreender os movimentos que o campo tem me proporcionado perceber durante essa caminhada antropológica. Desde a primeira visita que fizemos a minha comunidade quilombola de Extrema de forma exploratória em janeiro de 2022, eu já comecei sentir um fluxo diferente de tudo que eu havia visto, vivido, feito e pensado durante todo o tempo que estou nesse território universidade.

Ter ido a campo em família após a aprovação pelo CEP² viver toda a experiência extraordinária de pesquisar em casa junto com meus parentes, reaprender a ser teimosa com meu filho e trabalhar tudo isso partindo de nossas histórias ancestrais passadas de geração em geração, de nossas memórias desde a infância, fazer isso do nosso jeito, conversando nos quintais, sentados nos terreiros, embaixo das árvores, e realizar esses registros orais muitas vezes em nossas sacolas de memórias foi de uma potência que só

² A pesquisa aqui apresentada pela pesquisadora Márcia Sacramento Rocha, orientada pela professora Dra. Suzane de Alencar Vieira, tendo como instituição proponente a Universidade Federal de Goiás, com o Parecer nº 5.354.178 foi Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFG) em 18 de abril de 2022.

Recebi do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFG) por meio do Edital PROAP 2021 o Auxílio Financeiro a Estudantes para Trabalho de Campo, e foi utilizado para fazer a primeira visita exploratória em janeiro de 2022.

Recebi da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) a bolsa DS CAPES ME, que foi implementada em 08 de outubro de 2021.

poderia se dar por meio de uma pesquisa de dentro, feita por uma pesquisadora quilombola, a partir de tecnologias de quilombo.

Pesquisar e estudar nas madrugadas, chegar em casa e durante a noite, após todos dormirem, reviver as histórias nos mínimos detalhes, anotar tudo no meu diário de campo e refletir acerca da pesquisa no quilombo foram momentos de entrelaçar mais ainda nossos pensamentos e lutas. Foi necessário lançar mãos de outras tecnologias como o gravador de voz com prévia autorização de meus parentes, conversas também por meio de mensagens escritas e áudios de WhatsApp, nos momentos que eu não estava em casa, no quilombo.

Diante de tudo isso, convido-os a acompanhar-me na arte de etnografar a partir quilombo, para que entendam toda nossa caminhada e o processo de nascimento dessa dissertação de mestrado. O meu desejo em fazer essa pesquisa iniciou-se ainda na graduação em pedagogia. Contudo, trilhei por caminhos outros e não consegui fazer a pesquisa com meu povo quilombola de Extrema. Mas esse desejo permaneceu em mim e ingressei no mestrado em 2021 por acreditar que seria a melhor maneira para eu enfrentar e lutar contra o racismo, e para isso, foi necessário desenvolver a pesquisa juntamente com meu povo quilombola de Extrema, baseando em nossos saberes, em nossos conhecimentos.

Sendo assim, foi necessário caminhar através de nossa educação diferenciada, e fazer o contrário de tudo que já haviam feito e principalmente, de tudo que costumeiramente ainda vem sendo feito e falado sobre nós dentro e fora da academia. Dessa vez, os nossos intelectuais quilombolas, de fato, são as partes principais nessa escrita antirracista quilombola, nessa escrita política, e nossos conhecimentos são as ferramentas de luta e enfrentamento ao racismo, por meio de nossa educação quilombola.

E tudo isso necessitou que fizéssemos por meio de uma pesquisa de dentro, feita pelas nossas próprias mãos no quilombo de Extrema. Trouxemos conosco nossos conhecimentos que preservamos até hoje, e que do nosso jeito, vamos ensinando uns para os outros, aprendendo uns com os outros, e para etnografar tudo isso, careceu ser feito por essa aprendente de antropologia quilombola, uma pesquisadora de dentro. Uma pesquisa de dentro, é uma pesquisa que estamos presentes nela desde sua concepção. É uma pesquisa feita pelas mãos de gente que sempre foi desacreditada nessa sociedade, que tiveram seus conhecimentos invalidados, de gente que ainda querem objetificar para oprimir e explorar, inclusive dentro da academia.

Não tem sido uma tarefa fácil, pois por ser uma pesquisa com os meus, uma pesquisa de dentro, e eu desejei percorrer esse trajeto com os meus, com os intelectuais quilombolas de Extrema e outros intelectuais negros e negros quilombolas de outras comunidades. E sendo assim, foi preciso buscar referenciais negras/os e negros quilombolas que o racismo tanto tenta esconder, tenta apagar e silenciar. Quando você é uma mulher negra quilombola, a luta é uma companhia diária. Lutamos para ingressar, para acessar esses espaços de poder e lutamos mais ainda para permanecermos neles. É necessário resistir. Diante disso, os enfrentamentos são inevitáveis.

Participar de grupos de estudos e pesquisas, promover movimentos outros de encontrar os meus e de trazer os meus para trilhar junto comigo foi essencial nessa caminhada. Eu preciso falar da importância de cada intelectual quilombola de Extrema que enfrentou esse desafio de lutar e resistir de forma coletiva contra o racismo por meio de nossa educação quilombola antirracista, e para fazer uma pesquisa que nos víssemos nela. Cada parente que enfrentou essa luta antirracista, que abraçou as ideias dessa antropóloga em formação em fazer etnografia a partir de nossos saberes, de nossas ciências de quilombo. Essa dissertação é nossa, pois ela só nasceu porque estiveram comigo durante todo o trajeto até aqui.

Diante desse contexto, é imprescindível que essa etnografia que traz história de luta e de resistência a partir dos pensamentos e histórias orais de meu povo e agora, por meio dessa escrita quilombola antirracista de Extrema e todos os seus ensinamentos baseados na educação quilombola antirracista seja capaz de provocar o enfrentamento ao racismo e toda sua violência através da escrita.

Partindo desse pressuposto, essa dissertação foi dividida em três capítulos. O capítulo 1, nomeado “*Nós aprendemos a ler foi em casa com os nossos*”: educação quilombola antirracista de Extrema, o movimento inicia a partir de como se deu nossa educação desde a formação da comunidade, os meios que utilizamos para ensinar e aprender e para enfrentar e se defender do racismo por meio de nossa educação quilombola. O capítulo 2, intitulado “*A maloca de “negro preto” vão falar e numa boa: o vadiar, e o brincar e a luta ancestral contra o racismo, vem trazendo a partir do vadiar no quilombo, os mecanismos que vamos aprendendo desde criança por meio do brincar, das brincadeiras e dos brinquedos que nós mesmos construímos nos quintais das casas, enquanto ambientes educativos e agregamos na luta contra o racismo.*” O capítulo 3, denominado “*Teimosia de quilombo e desobediência ancestral: porque no quilombo de Extrema respeitar nada tem a ver com obedecer, provocaremos a partir do conceito de*

respeito, mas como forma de transgressão e não de obediência, pois com base na ciência quilombola, respeito precisa ser precedido pelo cuidado e pelo desejo de luta.

As pretensões com este trabalho é fazer uma escrita que meu povo se veja nela, se perceba nela enquanto sujeitos de saberes e conhecimentos, que meu povo possa ler e compreender, pois será uma escrita com os quilombolas de Extrema, e não para os quilombolas, como discorre Givânia Maria da Silva (2012). Meu desejo é que seja uma dissertação construída a muitas mãos. Mãos de pessoas que sempre foram objetificadas, subalternizadas e que nunca tiveram seus conhecimentos reconhecidos e valorizados pela academia, pela sociedade em geral, que sempre foram usados como objetos e depois, descartados. E que ao mesmo tempo, seja um texto que vá lá nessas estruturas racistas e balance-as, provoque o descontinuação de práticas racistas, e que por ser racistas são de morte. Que seja capaz de além de descrever nossas vidas no quilombo, transformar pensamentos e provocar, talvez, ações concretas.

CAPÍTULO 1 - “Nós aprendemos a ler foi em casa com os nossos”: educação quilombola antirracista de Extrema.

Em tempos tão sombrios e de morte, com violências explícitas e diárias contra nosso povo negro e quilombola no Brasil, uma mulher negra quilombola de Extrema resiste em meio a toda violência racista, e vai falar. Mas eu não estou sozinha, eu não vou falar sozinha, eu estou com meu povo negro quilombola de Extrema, e junto com meu povo vamos falar, escrever, desconstruir, e a partir de nossos conceitos quilombolas construir espaços outros, que trabalhe baseado na educação antirracista de quilombo, portanto de nossa luta contra o racismo vivido por nós diariamente.

E na coletividade, caminhando com meu povo quilombola de Extrema, vamos enfrentar o racismo por meio da pesquisa, escrevendo a partir de nossas vozes, nossos dizeres, nossos pensamentos, nossas histórias, nossos sonhos, nossos desejos, nossas memórias e nossa coragem para lutar que ressoa na atualidade, numa luta ancestral.

E o risco que assumimos aqui é o ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infantis, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos) que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar e numa boa. (LÉLIA GONZÁLEZ, 2018, p.193)

Precisamos esperar e ter bons ânimos em um país que perpetua violência que ainda assemelha-se ao período escravagista, herança desse triste passado sangrento e que continua presente na vida dos/das negros/as e dos/das negros/as quilombolas de Extrema, sejamos nós adultos, crianças ou anciãos.

Para iniciarmos essa dissertação, é importante escurecer que essa é uma escrita antirracista quilombola de Extrema. É uma escrita ancestralizada, contemporânea, cultural, social e principalmente, é um ato político em uma sociedade racializada. Em um país estruturalmente racista, é gritante que essa seja uma escrita quilombada, e sendo assim, se faz necessário antes de mais nada, trazer para essa caminhada uma *cambueira*³ de gente preta, de negros quilombola de Extrema, pois sozinha eu não dou conta, mais juntos, certamente, pois nossa força é imensamente mais potente.

³ *Cambueira* é uma expressão popular muito falada pelos quilombolas de Extrema para indicar quantidade de gente. Cambueira de gente quer dizer muita gente. Muitas pessoas juntas.

Quero chamar para segurar minha mão nessa travessia a professora Catarina (falecida) minha *mãe de pegação*⁴, professora Tereza Rocha (falecida) minha madrinha e a professora Maria Madalena minha tia e todas as muitas outras Catarina, Tereza e Madalena, que como eu, um dia ousaram sonhar em ser professora em um país que, violentamente, nos negou e continua tentando nos negar o direito à educação, e que, de forma perversa, fizeram com que acreditássemos que não podíamos ocupar esses espaços, pertencer a eles.

Quero trazer comigo meu pai Alberto do Sacramento Rocha (falecido) e minha mãe Jovelina Pereira Rocha Sacramento, que dedicaram a vida a nós, a meus irmãos e eu. Que enfrentaram barreiras internas e externas, mas que nunca deixavam que faltássemos aula, e isso fez toda diferença em nossas vidas. Quero falar principalmente de minha mãe, que por muitas vezes a vi dormir sem comer, para que meus irmãos e eu comêssemos. Ela dizia que não estava com fome. Eu não sabia, mãe, eu não entendia que a senhora estava deixando de comer para que a gente não dormisse com fome, eu sinto tanto por isso. Hoje eu consigo entender, e consigo perceber e sentir, sentir muito. Nenhuma mãe, nenhum ser humano deveria ter que optar por comer ou dar de comer aos filhos, como a senhora fazia, infelizmente. Eu lembro disso e vejo a imagem da senhora dizendo que não estava com fome, e transbordo de emoção, não consigo conter as lágrimas.

Trago todas as avós e avôs, mães e pais, tias e tios e madrinhas e padrinhos do meu quilombo, que um dia sonharam e desejaram que nós estudássemos, e começaram a fazer isso nos ensinando em casa, para que pudéssemos adquirir novos mecanismos de luta para somar com os nossos, e com isso, tentar proteger o nosso povo das violências.

Desse modo, durante essa caminhada junto com meu povo quilombola de Extrema, intento em trazer com base no viver, no ouvir, no olhar e no sentir de uma pesquisadora quilombola, mecanismos de luta e de sobrevivência a partir da ciência de quilombo enquanto sujeitos que travamos uma luta que é histórica e portanto, ancestral.

E é nessa comunidade educadora, que aprendemos a lutar contra o racismo, e assim, por meio da educação quilombola de Extrema, que nasceu dentro de nossas casas, e que vive até hoje, vamos aprendendo desde pequenos a lutar pelo desmantelamento de estruturas racistas, e seguindo esse caminho, estamos provocando resistência e

⁴ *Mãe de pegação* é o nome designado a uma mãe de consideração que tem o mesmo valor sentimental, de respeito e consideração que a mãe biológica. As mães de pegação nascem durante o parto da criança, geralmente são mulheres, parteiras, que ajudavam a trazer as crianças quilombolas ao mundo.

enfrentamento, reconstruindo nossas identidades e histórias outras, de lutas, sonhos, desejos a partir do quilombo enquanto ambiente vivo produtor de ciência.

1.1 Gurutaba: caçando encrenca em Extrema, aprendendo brincando, tirando sarro da cara deles.

E é assim, vadiando e tirando sarro da cara da branquitude que os quilombolas de Extrema vêm insurgindo e transgredindo, e começaram ensinando as nossas crianças em casa, quando nosso povo não tinha sequer direito a educação. “As escolas era as casas, foi assim que começou, e os professores era os próprios moradores”, disse tio Manoel de Joana, negro quilombola de 65 anos, Contador de História que estudou em casa, e depois no grupo de tábua⁵ até a 4º Série, ele afirmou que “ nós aprendemos a ler foi em casa com os nossos”.

Tio Abadia Cardoso, quilombola de 72 anos, relata que nosso povo de Extrema “estudava era nas casas do povo, eu estudei no Levantado⁶ e na casa de Inocêncio, não tinha escola. Saí do Levantado e fui pra casa de Nicolau no Tatu, era na casa de Nicolau, seu Biso, pai de seu avô Leandro, que foi dos primeiros professores aqui”. Assim se deu o início do ensinar e do aprender em Extrema, feito pelas mãos de nosso povo de Extrema. Meu bisavô Nicolau, avó de meu pai Alberto foi um dos primeiros professores que meu povo teve em Extrema.

Tio Abadia ainda explicou o motivo pelo qual a escola da comunidade só levar o nome de João Damaceno e não levar o de Nicolau, sendo que os dois foram os primeiros educadores de nosso povo. Ele afirmou que meu bisavô ficou de fora, e que o grupo escolar não levou o nome de meu biso Nicolau, avô de meu pai Alberto do Sacramento, porque ele mudou-se para o Tatu, uma fazenda perto de Extrema, e passou a dar aulas lá, e que inclusive, ele também estudou lá com ele. Foi na mesma época que construíram o grupo escolar, e que por esse motivo, o grupo não levou seu nome. E discorre ainda que a primeira escola que ele entrou foi, *gurutaba*, em Extrema. *Gurutaba* foi o apelido que tio Abadia colocou no primeiro grupo escolar de Extrema, feito com uso de tábuas de

⁵ Grupo de tábua foi a primeira escola construída com tábuas de madeira em Extrema no ano de 1975. Ao invés de escola, o povo de Extrema chamava de grupo. Ainda hoje alguns mais velhos chamam a escola de grupo.

⁶ Levantado é uma comunidade quilombola vizinha a de Extrema, costumamos chamar de comunidade irmã pois os seus fundadores se consideram “primos/irmãos” e vieram juntos a pé da Bahia e fundaram as duas comunidades, uma de cada vez. Em Extrema e Levantado todo mundo se considera parente.

madeira. De acordo com ele guru - era de grupo, e taba - é por ter sido construído usando tábuas e que por isso, após essa junção ele chamava-o de gurutaba.

Ele me perguntou se eu lembrava desse grupo escolar. Eu disse a ele que lembrava da escola, mas que não estudei lá, pois eu ainda era bem pequena. Aos risos ele me disse que que o povo não gostava que ele chamava o grupo de *gurutaba*, que eles achavam ruim o apelido.

João Damaceno, esse povo não gostava que chamava ele de gurutaba. É porque era um grupo de tábua. Era escola gurutaba. Quando José Gilson Sabath foi prefeito, foi feito a escola de tábua. E quando ele perdeu a eleição para Zé Emílio, foi feito essa escola que tem hoje de tijolo. (ABADIA CARDOSO, 72 ANOS. Conversa em 11 de julho de 2022)

Nesse relato bem humorado, a gente percebe uma passagem de era, de um tempo. Em que as crianças passaram a estudar em uma primeira escola de alvenaria, com piso queimado e banheiro. Apelidar o grupo escolar de gurutaba era uma forma de ele *caçar encrenca*⁷, era *estripulia*⁸s de menino, conta ele aos risos, e diz que era só para *tirar sarro da cara*⁹ deles.

Somente muitos anos depois a primeira escola na minha comunidade foi construída, feita de tábua e apelidada por tio Abadia Cardoso de *gurutaba*, ela foi fundada em maio do ano de 1975. A escola tinha apenas uma sala, e funcionava no formato multisseriado. A escola de tábua foi derrubada para a construção da nova escola, que é a que funciona até os dias hoje, que eu e minhas duas filhas mais velhas estudamos nela. Os professores quilombolas de Extrema desde que chegamos lá até hoje foram: João Damaceno, Nicolau (meu bisavô), Cândida, Félix, Catarina, Cipriano, Maria Madalena, Valdir, Roseli, Terezinha e eu que me formei, mas nunca atuei em minha comunidade como professora. Esse, é um de meus maiores desejos, dar aulas para os meus, ensinar dentro de meu quilombo. Aqui nessa lista tem várias gerações de professores, e pode ter muitos outros, filhos dos parentes que foram embora da comunidade. Logo abaixo veja a

Figura 1- Escola Municipal João Damaceno Rocha

⁷ *Caçar encrenca* é uma forma de afrontar, de procurar confusão no quilombo.

⁸ *Estripulias* era uma espécie de atentação de crianças, arte de aprontar.

⁹ *Tirar sarro da cara* é o mesmo que rir da pessoa, uma espécie de pirraça.



Fonte: arquivos da autora

Na imagem acima está nossa escola de alvenaria, ela foi construída no ano de 1986, e nesse formato podíamos contar com duas salas, uma área aberta, uma cantina, um almoxarifado e um banheiro tipo fossa séptica do lado de fora, e foi nessa escola que eu comecei a estudar. Atualmente, foram construídas mais duas salas de aulas, banheiros, sala da secretaria, um refeitório e uma sala de informática e biblioteca. Agora, em 2022 na comunidade, apenas duas professoras são negras quilombola, três são moradoras pertencentes a comunidade, e dois vem da cidade atuar lá, inclusive o diretor da escola. Diante disso, concordamos com a professora Georgina Helena Lima Nunes (2006) que afirma que é urgente,

Uma concepção de educação e aquisição de conhecimentos que vá ao encontro dos interesses emancipatórios que as comunidades quilombolas vêm construindo desde o período escravista requer a promoção de uma leitura de mundo que dê ênfase a sua trajetória histórica, como lembrança viva de que o tempo não esvaece a disposição para a transformação. Ser quilombola é estar sempre com as armas da perseverança, sabedoria e solidariedade coletiva (GEORGINA HELENA LIMA NUNES, 2006, p. 149).

Chamamos nossa unidade escolar de escola quilombola, mas ela é uma escola municipal e é administrada pela prefeitura de Iaciara, e portanto, ainda não foi registrada e nem recebe recursos referentes a uma escola quilombola regulamentada que trabalha uma metodologia para uma educação quilombola. E essa é uma luta que estamos travando há anos, tentando conseguir que a nossa escola se torne, de fato, uma escola quilombola com uma metodologia e currículo construído por nós, pois sabemos que existem Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola no Brasil como podemos

acompanhar abaixo. Contudo, isso carece de eficaz e de ampla implementação com a participação direta de quem são os principais interessados.

“Art. 1º Ficam estabelecidas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, na forma desta Resolução. § 1º A Educação Escolar Quilombola na Educação Básica: I - organiza precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e alimentando-se: a) da memória coletiva; b) das línguas remanescentes; c) dos marcos civilizatórios; d) das práticas culturais; e) das tecnologias e formas de produção do trabalho; f) dos acervos e repertórios orais; g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país; h) da territorialidade. II - compreende a Educação Básica em suas etapas e modalidades, a saber: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação do Campo, Educação Especial, Educação Profissional Técnica de Nível Médio, Educação de Jovens e Adultos, inclusive na Educação a Distância; III - destina-se ao atendimento das populações quilombolas rurais e urbanas em suas mais variadas formas de produção cultural, social, política e econômica; IV - deve ser ofertada por estabelecimentos de ensino localizados em comunidades reconhecidas pelos órgãos públicos responsáveis como quilombolas, rurais e urbanas, bem como por estabelecimentos de ensino próximos a essas comunidades e que recebem parte significativa dos estudantes oriundos dos territórios quilombolas; V - deve garantir aos estudantes o direito de se apropriar dos conhecimentos tradicionais e das suas formas de produção de modo a contribuir para o seu reconhecimento, valorização e continuidade; VI - deve ser implementada como política pública educacional e estabelecer interface com a política já existente para os povos do campo e indígenas, reconhecidos os seus pontos de intersecção política, histórica, social, educacional e econômica, sem perder a especificidade. (BRASIL, 2012)

Art. 2º Cabe à União, aos Estados, aos Municípios e aos sistemas de ensino garantir: I) apoio técnico-pedagógico aos estudantes, professores e gestores em atuação nas escolas quilombolas; II) recursos didáticos, pedagógicos, tecnológicos, culturais e literários que atendam às especificidades das comunidades quilombolas; c) a construção de propostas de Educação Escolar Quilombola contextualizadas.

Art. 3º Entende-se por quilombos: 4 I - os grupos étnico-raciais definidos por auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica; II - comunidades rurais e urbanas que: a) lutam historicamente pelo direito à terra e ao território o qual diz respeito não somente à propriedade da terra, mas a todos os elementos que fazem parte de seus usos, costumes e tradições; b) possuem os recursos ambientais necessários à sua manutenção e às reminiscências históricas que permitam perpetuar sua memória. III - comunidades rurais e urbanas que compartilham trajetórias comuns, possuem laços de pertencimento, tradição cultural de valorização dos antepassados calcada numa história identitária comum, entre outros. (BRASIL, 2012)

No período que estive na comunidade, proseando com meu padrinho Zé, ele foi contando da alegria de estar ali, nós dois conversando sobre educação, da importância do conhecimento, do orgulho dele por eu hoje ser uma professora. Para minha surpresa, ele começou a contar que lembra exatamente o dia de meu nascimento. Disse que eles tinham um jogo marcado no povoado da Claretiana, e que por causa que minha mãe estava aperreada para me ganhar¹⁰, meu pai não foi ao jogo. De acordo com ele, eles perderam a partida de 5x1, mas que me ganharam. E disse ainda, “quero que coloque aí”, se referindo ao texto.

No meio do diálogo, chegou gente conversando na casa dele, e logo foram repreendidos, ele disse: “ela tá gravando”, e me perguntou se eu concluí tudo, as minhas palavras. Eu respondi que sim. Veja abaixo a fala dele.

O Márcia, eu lembro o dia que você nasceu. Tava uma chuva danada. Teve um jogo na Claretiana e compadre Alberto não pode ir, que Jó ganhou ocê, foi uma felicidade danada, uma benção de Deus, né que chegou pra nós, minha afilhada. Eu que queria ter batizado ocê, mas foi Teresinha e compadre Domingo que te batizou. Mas, no jogo nós perdemos de 5 x1 lá, ele não pode ir naquele jogo, mas ganhamos você, uma benção de Deus nas nossas vidas. Risadas. Perdemos lá, e foi um dia chuvoso, com muita chuva, tomamos uma pêsseira lá, 5x1 e viemos embora. Isso pra mim, ficou histórico na minha vida, dia 25 de março, dia que você nasceu, lembro até hoje. (JOSÉ EVANGELISTA ROCHA, 58 anos. Conversa em 12 de julho de 2022)

Minha madrinha Teca (falecida) era esposa de meu padrinho Zé, e desde quando eu ainda estava na barriga de minha mãe, ela já era minha madrinha, juntamente com meu padrinho Domingos da Santa Tereza. Em quilombo Extrema, algumas pessoas até hoje têm o costume de escolher os padrinhos ainda com a criança na barriga da mãe. Contudo, embora eu já tendo outro padrinho escolhido por meus pais, meu padrinho Zé se tornou meu padrinho de consideração. Quando eu cresci mais um pouco e já dava conta de saltar fogueira andando, ele saltou fogueira de São João comigo e passou a ser meu padrinho de fogueira, um apadrinhamento que é considerado muito fino por nosso povo. Quando eu fui crismar, eu o escolhi para me apadrinhar na crisma, aumentando ainda mais nosso vínculo de apadrinhamento. E no meu casamento, meu esposo André e eu convidamos os dois, padrinho Zé e madrinha Teca para nos apadrinhar, emaranhando todos os laços de apadrinhamento possíveis e considerados em Extrema.

Meu padrinho ao fazer esse relato, queria demonstrar todos os laços que nos envolvem e todo seu afeto, todo seu carinho, amor e consideração de padrinho, que

¹⁰ Ganhar neném em Extrema é o mesmo que dar à luz, parir um filho.

assemelha-se ao amor de um pai e de uma mãe. E eu ao ouvi-lo, eu tive a absoluta certeza que eu só cheguei nessa etapa de minha vida e da pesquisa, porque eu nunca estive só. Eu sempre tive essas pessoas que me ensinaram a caminhar, a sobreviver aos espinhos encontrados ao longo do caminho e mesmo estando de longe, nunca soltaram minhas mãos.

Apesar de toda violência, meu povo por meio de todo afeto, por meio das rezas me ajudaram a ficar de pé. Eles me ensinaram a acreditar, desejar, sonhar e lutar pelo que eu acredito. Por causa de cada um deles, eu sempre acreditei no poder de nossa educação, de uma educação que forma, que (re) forma e transforma vidas, e sobrevivi por que tive e ainda tenho esperanças em dias melhores. Por muitas vezes, eu senti medo, mas meu povo me ensinou a ter coragem e ou a ir com medo mesmo, me ensinaram a continuar, por mim e pelos outros que vem atrás. Por tudo isso, concordo com Mandela que diz “que suas escolhas reflitam suas esperanças, não seus medos” Nelson Mandela (1918-2013), e é carregada de esperança e de afeto que estou aqui.

Sou bisneta por parte de pai e mãe de negros que vieram do estado da Bahia, lutando para viver, lutando contra o sofrimento e os rastros sangrentos de mortes e de dores deixados pelo extenso período de escravização de nosso povo aqui no Brasil. Neta de trabalhadores rurais, benzedores, cantadores de benditos e folião tocador de pandeiro. Filha de Alberto do Sacramento Rocha (falecido) e Jovelina Pereira Rocha Sacramento, trabalhadores rurais, carpinteiro e dona de casa, costureira e artesã bonequeira que me ensinaram ter fé e coragem, e a não desistir, a sonhar, a desejar, a ter força e dar risadas mesmo quando me encontro em meio ao medo e tristeza.

Venho de uma família de nove irmãos, dez comigo. Sendo cinco homens e cinco mulheres. Vou colocar na ordem, do mais velho para o mais novo. Márcia Sacramento Rocha, Roberto Sacramento Rocha, Natal Sacramento Rocha, Marcinete Sacramento Rocha, Renne Sacramento Rocha, Noênia Sacramento Rocha, Jaqueline Sacramento Rocha, Janaina Sacramento Rocha, Adalberto Sacramento Rocha e Pedro do Sacramento Rocha, que quando meu pai morreu em 2002, ele estava na barriga da minha mãe, com seis meses de gestação.

Meu pai morreu e minha mãe grávida, ficou com nove filhos em casa no quilombo. Eu, apesar de muito nova, já havia casado e ido morar em outro lugar. Após a morte de meu pai, algumas pessoas na cidade de Iaciara ajudaram minha mãe, doaram inclusive alimentos. Mas outras, disseram que nós viraríamos ladrões, bandidos, devido as nossas condições naquela época, em que uma mulher ficou sozinha com dez filhos para educar,

para cuidar e para ensinar, morando na roça, sem estudo, sem emprego, sem nenhuma formação e valores que a branquitude valoriza e exige.

Mas uma coisa ela tinha de sobra, muito amor e força para enfrentar e vencer. Posso considerar que ela venceu, que estamos vencendo. Ninguém virou bandido ou coisa do tipo. Quase todos, dos dez filhos de minha mãe, estão na universidade. E temos uma que vos escreve que em breve será mestra em Antropologia Social pela UFG, apesar da sentença que nos foi dada e das violências sofridas por nossa mãe e por nós, estamos aqui, permanecemos aqui na luta.

Nascida pelas mãos da parteira Catarina Maria da Conceição (falecida), minha mãe de pegação, matriarca dos quilombolas de Extrema, e que foi em vida educadora em minha comunidade, possuía imensurável conhecimento e domínio de saberes sobre as plantas que curam e era benzedeira de vários males, e continua sendo hoje como ancestral atuando e habitando na esfera da memória de nosso povo. Afilhada de José Evangelista Rocha e Tereza Rocha (falecida) pedagoga e merendeira, meus padrinhos queridos que sempre foram e continuam sendo, assim como meus pais, referências em minha caminhada.

Sobrinha por parte de meu pai da professora, mestra, doutoranda, bonequeira e liderança quilombola Maria Madalena do Sacramento Rocha, mulher negra quilombola, grande educadora na nossa comunidade, e para nós, ela tem um papel muito importante não só por ser uma grande liderança para o nosso povo, mas por ser para nós uma agente transformadora que luta pela garantia de nossos direitos, pela nossa existência e pela história de nosso povo, embora em muitos momentos seja mal compreendida por alguns.

Na escola do quilombo de Extrema, onde é professora, ela luta diariamente pela valorização da nossa história, da nossa cultura, dos nossos saberes, e para mim, é uma grande inspiração. Ela que me inspira e somou junto com meu sonho e desejo de infância alimentando minha vontade de ser professora. E para nós é motivo de muito orgulho, pois sabemos a luta que ela trava em busca dos direitos de nosso povo. Acompanhe a fala de padrinho Zé, sobre isso.

Antes não éramos reconhecidos como quilombolas, né. E através da associação, sua tia Maria Madalena, que faz um trabalho muito excelente aqui na comunidade. Ela é uma pessoa muito especial que acredito muito no trabalho dela. Corre atrás e busca tudo pra nossa comunidade, até cesta básica vem pra nós. Hoje tá mais fácil, naquela época até para estudar em Iaciara era difícil. Tinha que ir de bicicleta ou a pé. Hoje tá mais fácil um pouquinho, já melhorou bastante, hoje tem o ônibus que leva e traz os meninos. Tudo melhorou em nossa vida aqui em nossa comunidade. Mesmo com todas as falhas dos prefeitos,

dos governantes, melhorou um pouco. Hoje só não estuda quem não quer. A comunidade apoia quem quer estudar. Até esses dias agora estavam, fazendo matrícula para quem quer estudar. Procurando pessoas para estudar, isso é muito gratificante. A educação muda a vida das pessoas. Quando a pessoa tem estudo, conhecimento, já tem uma vida mais digna, né, vai buscar coisas melhores na vida, já vai buscar uma faculdade. (JOSÉ EVANGELISTA ROCHA, 58 anos. Conversa em 12 de julho de 2022)

Sou mãe da Larissa Rocha Nascimento estudante de Jornalismo na Universidade Federal de Goiás (UFG), de Gisele Rocha Pereira estudante de Fisioterapia na (UFG), e de Gustavo Rocha Pereira estudante do 6º Ano do Ensino Fundamental II também na rede pública. Meus três filhos amados, que me fazem mover diariamente, me impulsionam, me fazem sonhar, desejar, motiva e me fazem ousar insistir e persistir nessa caminhada, mesmo enfrentando muitos espinhos em muitos momentos, para que eles e muitos outros possam trilhar esse e ou outros caminhos que quiserem, que desejarem, que sonharem com menos dor e sofrimento e tenham muito mais oportunidades do que um dia eu pude ter.

São essas pessoas e muitas outras, minhas bases de sustentação, que me ajudam a conseguir seguir caminhando e enfrentar o mundo com suas dores e amores e atravessar todos os obstáculos, trilhando em caminhos espinhosos, me ferir e me curar, desde que nasci até hoje enquanto escrevo esse texto. Vocês são a minha essência ancestral de cura, de coragem, de desejo, de sonhos, de existência e de querer viver e continuar a lutar.

Fortalecida por seguirmos juntas/os, ao iniciar essa etapa da pesquisa, apesar de me considerar uma boa parideira mãe de três filhos, filha de parideira mãe de dez filhos e neta de parideiras, na hora de parir essas palavras eu levei muitos dias me perguntando: como parir um texto para defesa do mestrado, como parir o primeiro capítulo e depois os outros capítulos de minha dissertação em tempos tão sombrios e de desânimo? Como parir uma pesquisa capaz sacudir as estruturas racistas e que não seja unicamente descritiva, mas que pudesse fazer uma análise potencialmente crítica e política sobre conhecimentos eurocentrados e hierarquizados que insistem em “invalidar ou validar modos de vida que possuem diferentes matrizes” como os saberes quilombolas? (Ana Mumbuca, 2019, p.15) Imersa em uma explosão de inquietações, tenho a pretensão de trazer narrativas e percepções, tomando como base nossas memórias e atualidades de quilombo, a partir da ótica dessa pesquisadora quilombola.

A essa altura da pesquisa as inquietações vêm sendo constantes. Mesmo sabendo que carrego em mim o meu povo negro com toda nossa sabedoria, e a pesar de todos os

enfrentamentos e lutas para estar e ocupar esses espaços de poder, e apesar de conhecer as diversas Leis como a Constituição da República Federativa do Brasil (1988), que diz que a educação é um direito de todos, e se é de todos, deve ser dos quilombolas também. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB.9394/1996); a Lei 10.639/03 que torna obrigatório o Ensino da “História e Cultura Afro-Brasileira”; e a Lei 11.645/08 que altera a LDB, e muitas outras que deveriam resguardar todos nossos direitos, inclusive o direito por uma educação a partir de nossos conhecimentos e saberes. Pois o que sabemos é que todas essas leis estão longe de, de fato, serem implementadas como deveriam, para que não ficasse ninguém de fora, como é na filosofia de quilombo, de não deixar ninguém para trás, conforme estamos lutando há anos para que nenhum dos nossos fique para trás.

Apesar de tudo, teimamos em iniciarmos essa caminhada, e mais uma vez precisamos repetir, e nunca nos cansar de falar enquanto existir um de nós com direitos negados, para que não seja esquecido que ao nosso povo negro sempre foi negado todos os direitos, inclusive o direito a esse lugar de parto que faz nascer as ideias, os saberes e os conhecimentos.

Tudo isso apesar de nossa luta para preservar e cultivar dentro de cada um de nós e na coletividade esse lugar de brotar vital, que nutre nossa existência e que apesar de não ser reconhecida e valorizada, são a base de sustentação que move a sociedade brasileira, construída em cima de nosso suor e sangue, que é o direito ao saber a partir de todos os conhecimentos e saberes que nosso povo carrega e luta para preservar até hoje.

Sempre foi determinado por essa sociedade, violentamente racista, que esse lugar que ocupo agora, nesse exato momento, não seria para uma mulher negra como eu. E que na contramão dessas e de outras imposições racistas, por pura teimosia de quilombo e necessária desobediência ancestral a essas determinações, insisto em escrever esse texto junto com meu povo do quilombo de Extrema.

Pois o conhecimento e os saberes que tanto lutamos para preservar e continuar fazendo germinar precisam ser compartilhados e isso é uma questão emergente na luta contra a discriminação e o racismo que ainda insiste em matar nossas memórias, histórias, lutas, desejos e sonhos nos causando uma dor constante e uma cicatriz que não fecha.

Há anos, o quilombo vem fazendo ecoar nossa voz por meio de nossas histórias contadas na oralidade, pelas histórias vividas e sentidas, pelas comidas, brinquedos e brincadeiras, risadas e choros e pelos cantos e danças. Mas apesar de sermos considerados povos da oralidade, também falamos por meio das histórias escritas, por meio dos

registros, dos desenhos feitos com carvão, com torrão de barro nas paredes de adobe, feitos no chão com gravetos, nas árvores usando pedra, no papel e agora, o desafio é no computador. Assim, como na casa de Albert Chinualumogu Achebe (2012), “minha educação começava nas paredes de casa, e atravessava de forma desordenada a aldeia toda”. E é por meio das tecnologias outras de quilombo, que na comunidade todos os dias vamos tentando preservar e resgatar nossa memória coletiva e individual, e construir novas memórias que tem como alicerce a nossa essência quilombola na tentativa de fortalecer nossa identidade negra com todos os conhecimentos ancestrais que carregamos em nossos corpos negros e que vamos passando de geração em geração.

Temos na escrita a possibilidade de tornar nossa fala fixada no papel. Somos da fala, não somos do mundo da escrita, o ato de entrar em uma lógica da escrita acadêmica, pertencendo o mundo do falar e dolorido, pois somos obrigados a adequarmos, existe o esforço de enfrentar este desafio[...]. (ANA MUMBUCA, 2019, p.20)

Assim, se faz necessário mais uma vez caminhar junto com meu quilombo, com meu povo de Extrema com toda nossa potência como sempre tentei e desejei fazer, de forma compartilhada. E para fazer essa caminhada ancestral, senti a necessidade de acessar alguns conhecimentos e lembranças em minha sacola de memórias de meu tempo de criança na comunidade. A partir de nossa ótica, com base na perspectiva contracolonial eu vou falar de meu território quilombola de Extrema, falar junto, levando em consideração nossos modos de ensinar e aprender preservados em nossa sacola da memória de forma diferenciada, e é a partir desse lugar que ouço, falo e escrevo essas linhas coletivas, a muitas mãos.

É na alegria dos encontros e reencontros, no olhar para dentro de mim e de meu quilombo, que junto com o meu povo venho construindo esse texto, e o meu povo quilombola de Extrema são minhas principais referências, alguns ainda enquanto ancestrais vivos, outros que já habitam outra esfera, tão importante quanto, que é a esfera da memória, pois concordando com o professor Alex Ratts e Damascena (2008, p.51), “para melhor compreender a participação do segmento negro na formação brasileira, três dimensões são de fundamental importância: a histórica, a memória e as práticas”.

Agora, convido-as/os a continuar comigo nessa caminhada, a partir de um lugar que reivindico por direito, enquanto mulher negra quilombola, bisneta, neta, filha, mãe, professora e pesquisadora quilombola. Quero escrever junto com cada um de nós e, “estamos construindo escritas próprias, rompendo a lógica comum de apenas “outros” escrevendo sobre “nos” em diversos aspectos e razões”. (Ana Mumbuca, 2019, p.21)

Pois entendo que somente juntos poderemos lutar e defender nossos direitos como sempre nos ensinaram os nossos e, é na coletividade que construiremos espaços em que nossos corpos negros e nossos pensamentos poderão circular e ecoar livremente com base na ciência que nasce no quilombo que é uma ciência ancestral.

1.2 “Tá aí no sangue. O sangue tá aí, tá gritando”: os sonhos, desejos e os reencontros com os meus.

Os sonhos, os desejos e as lutas são capazes de mover estruturas, inclusive as racistas. Um dia um de nós ousou sonhar, e a estrutura movimentou. Um de nós desejou que estivéssemos aqui, e lutou incansavelmente para isso acontecer. Meu avô Leandro Cesário Rocha, que é filho de um dos primeiros professores de Extrema, Nicolau Cesário Rocha, ousou sonhar em ter um “doutorzinho preto” em nossa família, como relata minha tia, professora Maria Madalena do Sacramento Rocha, primeira doutoranda de nosso povo, “ eu ouvi ele falar que o sonho dele era fazer um doutorzinho preto na família”. Minha tia Maria Madalena me contou que ela não conheceu o seu avô, o professor Nicolau Cesário Rocha, mas ela sabe que ele era muito inteligente, e que seu pai, meu avô Leandro Cesário Rocha sempre dizia “se você puxar seu avô, você vai longe”.

Um dia, tendo aprendido a sonhar com seu pai, ela também ousou sonhar. E sentada em uma mesa do restaurante universitário (RU) da Universidade Federal de Goiás (UFG), ela desejou que tivesse mais de nós naquele espaço, e vem lutando por isso junto com nosso povo. “Isso me... Sabe Márcia, vem me puxando dos buracos, em meio a toda essa tempestade, toda essa violência, toda essa negação. Aí vem a voz dele falando. Essa sede dele de conhecimento que passou pra mim, de fazer um doutorzinho preto. ” De acordo com ela, essa voz dele, de meu avô Leandro Cesário Rocha é que vem puxando-a dos buracos, mesmo com toda violência e negação que nosso povo vem enfrentando.

Não era só doutor, era ser doutor preto. É uma mulher. É uma doutoranda, é uma mulher. Eu nunca pensei assim, sabe, que seria construído dessa forma, não foi planejado. O que me moveu... Essa fala dele, sabe. Essa reflexão, Márcia, ela surgiu de agora. Mas eu a tinha adormecida dentro de mim, sabe. Eu comecei a ter percepção da realidade, a refletir, e aí veio a memória. Por que que ele falava doutorzinho preto? Eu queria que ele tivesse aqui que nós íamos conversar muito. Se ele tivesse vivo. (MARIA MADALENA DO SACRAMENTO ROCHA. Conversa em 15 de julho de 2022)

Meu avô Leandro Cesário Rocha desejou em ter um doutor preto em nossa família em um tempo que as pessoas diziam para nós que estudar não enchia barriga. “Naquela

época, as pessoas falavam: o quê que estudo dá? O quê que estudo come? É uma frase que Ronaldo fala que o pai dele falava com ele. Estudar não enche barriga”, conta ela.

Sabe Márcia, nossos pais, eles não beberam dessa água. Na verdade, eles, simplesmente... Esse processo de dominação, ele é tão violento, Marcia, e forte, que essa ideia de estudo ser importante, o que fazer com o estudo, só via mais nas famílias elitizadas. Famílias de classe média, e nós era apenas o que, o serviço braçal. Então a nossa preparação para a vida... O meu pai só percebeu isso quando saiu, e foi conhecer. Ele não viu padre preto. Ele não viu doutor preto. E ele percebeu. (MARIA MADALENA DO SACRAMENTO ROCHA. Conversa em 15 de julho de 2022)

O meu pai falava sobre essa questão do racismo. Ele era uma pessoa a frente do tempo. Sem falar a palavra racismo ele debatia o racismo. Eu, eu não entendia. Hoje, eu entendo tudo. Tudo que meu pai queria dizer. Ele era inteligente. Eu falo, meu Deus, meu Deus. Que homem é esse? (MARIA MADALENA DO SACRAMENTO ROCHA. Conversa em 15 de julho de 2022)

Caminhando com eles percebi que as nossas raízes de busca pelo conhecimento são extremamente profundas e potentes, e vem passando de geração em geração, mesmo de forma inconsciente. E que nunca estivemos só nesse sonho e desejo por uma educação que forma e que transforma a partir do quilombo, de nossos saberes. Estamos caminhando a passos lentos, mas fomos ensinados a não parar, e desistir não é uma opção, e eu também ousei sonhar.

Meu sonho começou no quintal de minha casa, brincando de ser professora com meus irmãos e meus primos quando éramos crianças no quilombo. O quadro era o chão ou as paredes, o giz eram os gravetos. Aprendi ser professora foi brincando de ensinar e de aprender nos terreiros de casa em Extrema.

Acredito que meu pai via uma professora em mim, e decidiu fazer um quadro de cimento queimado na parede de nossa casa, quando fomos morar por um ano na cidade de Iaciara. Isso aconteceu em meados dos anos 90, quando eu que sou a filha mais velha passei para a antiga 5ª Série que hoje é o 6º Ano, e só tinha aula na cidade, não tinha na roça. Naquela época, só tinha aula até a 4ª Série na escola em Extrema, e quando passávamos para a 5ª Série, era preciso ir a pé, de bicicleta e ou de carona, quando achava carona, se quisesse continuar estudando.

E diante dessa realidade, meu pai tomou a decisão de mudar para a cidade. Contudo, não gostávamos da cidade, e um dos motivos era por não ter onde brincar, viver preso, e assim, voltamos para a Extrema depois que a prefeitura colocou transporte para

buscar e levar as crianças para os colégios em Iaciara, e logo em seguida, implantou o ensino da antiga 5º à 8º Série na escola de Extrema.

Esse trânsito, o movimento de mudar de um lugar para outro, faz parte de nosso processo de luta, que fomos construindo ao longo do tempo, para que os nossos tenham a oportunidade e o direito de estudar. “A realidade mudou houve desprendimento de propriedades para que as novas gerações possam estudar” (2019, p.18), afirmou minha tia Maria Madalena do Sacramento Rocha em sua dissertação de mestrado.

Morando na cidade, tendo um quadro a luta era pelo giz. Meu avô, que naquela época, já havia se mudado de Extrema e morava na cidade de Iaciara para que as filhas também estudassem, tinha um bar e uma mesa de sinuca, e eu pedia a ele giz, daqueles que passam nos tacos de sinuca, para eu poder escrever e ele me dava. Ou eu pegava no chão da rua os que eram varridos para fora e iam para o lixo. No quilombo ou na cidade, a educação estava entrelaçada em nossa vivência.

Cresci e casei muito nova, tive minhas duas filhas mais velhas, e o sonho ficou adormecido por anos dentro de mim, devido a toda violência e falta de oportunidade, mas um dia, regado pela esperança, ele germinou e brotou. Após fazer a Educação de Jovens e Adultos (EJA), denominada hoje por (EAJA), Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos terminei o ensino médio estudando a noite.

Eu ficava sonhando em fazer faculdade, mas nessa época devido à escassez de emprego, tivemos que ir morar em uma fazenda no Brejo do Bela, município de Iaciara. Já com meus três filhos, estudar era muito improvável para mim naquelas condições. Meu irmão Natal Sacramento Rocha arrumou um emprego para meu esposo André Pereira de Jesus e eu em Goiânia. Ele como jardineiro e eu como empregada em uma chácara, e na hora eu não pensei duas vezes, viemos de mala e cuia, como diz lá em casa.

Mas ao chegar na cidade grande, com as crianças, eu também não consegui estudar, era caro para pagar, o salário mal dava para o sustento. Nessa mesma época, meu povo estava lutando para sermos reconhecidos como quilombolas. No ano de 2014 fomos reconhecidos como Remanescente de Quilombo pela Fundação Cultural Palmares.

Enquanto eu não conseguia pagar uma faculdade, eu decidi fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), não tinha computador e nem sabia fazer a inscrição, e precisei ir a uma lan house. Um dia, eu estava em casa quando minha tia Maria Madalena chegou e me contou da Universidade Federal de Goiás, e eu nem sabia o que era a UFG, só via pela televisão, mas era uma coisa muito distante, eu nem imaginava que era de graça, que era uma universidade pública.

Ela também me falou do UFGInclui, um programa de inclusão que faz parte das Ações Afirmativas da UFG que destina uma vaga para indígenas e outra para quilombolas em todos os cursos de graduação quando há demanda. E eu vi ali a minha chance. Ela disse que falou para muitas outras pessoas de nosso povo, mas que eles não acreditaram, e eu acreditei.

Nas férias de julho fomos visitar nossa comunidade no meio do ano de 2015 e minha tia Maria Madalena estava lá organizando as coisas, arrumando o cabelo de nossa primeira estudante quilombola a ingressar na UFG pelo UFGInclui. A Rayane Maria Rocha que entrou no curso de Nutrição, a primeira de nosso povo a ingressar pelo UFGInclui. Ao final do ano, quando foram abertas as inscrições ela me inscreveu. A dúvida era entre Geografia e Pedagogia, vencendo a segunda. Entrei na faculdade no curso de Pedagogia em 2016, em uma Universidade Pública. Foi uma coisa inacreditável, uma emoção indescritível. Fui da segunda remessa de nosso povo a entrar pelo UFGInclui, e a primeira a formar pelo programa acima citado.

Depois que passou o encanto do ingresso, vieram as dores, o sofrimento, e consequentemente, a vontade de desistir. Mas eu já não podia mais. Muitos, inclusive meus filhos se espelhavam em mim. E eu continuei, e durante a graduação em Pedagogia eu sempre me perguntava: que tipo de políticas públicas são essas que incluem excluindo as pessoas? Por que apesar de estarmos aqui não percebemos essa inclusão, mesmo entrando por um programa de inclusão? Toda essa violência sofrida por nosso povo durante todos esses anos explica o fato que “as políticas públicas chegaram até nós, mas chegaram de forma violenta”, é o que afirma minha tia Maria Madalena do Sacramento Rocha, primeira doutoranda em Linguística do quilombo de Extrema.

O fato é que há anos somos violentados o tempo todo, e vivemos num constante sofrimento como podemos sentir na fala de minha tia Domingas Cesário Rocha, mulher quilombola de Extrema, trabalhadora rural, mãe de quatro filhos e bonequeira, que denuncia que “o racismo ajudou nesse sofrimento nosso. Antigamente, quando ia pra rua, o povo quando via a gente chamava de os negros de Extrema e Levantado. O povo de fora falava isso. O povo queria ser o que eles não era, melhor que nós porque era branco”. Toda essa violência vem impregnada da falta dos nossos nos espaços e todas as ausências nos espaços de poder e tomadas de decisão dizem muito. E essa percepção da falta dos nossos nos fez buscar, e nos fez querer entender.

Renildes Maria Rocha, 35 anos, mulher negra quilombola, mãe de três filhos e bonequeira afirmou que quando ela era criança, era chamada de negona. Apesar de doer,

ela afirma que não ligava muito não. As pessoas faziam isso como forma de “brincadeira”, mas ela relata que hoje não, é diferente, ela consegue perceber, e relata que sabe que aquilo era um racismo disfarçado. Acompanhe a fala dela, “era uma forma disfarçada de discriminar a gente, forma racista de tratar a gente. Naquela época, não se discutia racismo.” Continuando nossa conversa, eu disse que hoje a gente já consegue falar sobre essa violência que a gente sofre. Esse debate que vem acontecendo tem proporcionado isso. Hoje quando uma pessoa faz uma fala, ou até mesmo um olhar racista, uma virada de olhos, de cabeça, a gente consegue perceber, identificar e apesar de toda violência, se defender, falar, responder e buscar meios de denunciar o crime.

Ela continuou discorrendo e asseverou que para ela o debate vem contribuindo para a gente perceber e identificar situação de racismo. E isso se deu depois que passamos a ser reconhecidos como quilombolas. Ela destaca que nem imaginava, “eu nem imaginava a pessoa que eu seria”, e continuou dizendo que para ela, “eu era só a neta de Catarina Maria, a neta de Ana Sabina.” E em tom emocionante afirmou que “jamais imaginei ter uma história tão linda dessa, de luta e de coragem.” Contudo, muito consciente e realista destacou que ainda “tem chão demais pra gente, eu acho que a luta nossa é interminável, Márcia.” Ela, de forma mais incisiva discorreu que “a gente mudou a forma de agir por que hoje veio o conhecimento dos direitos que a gente tem. Antes, nem sabíamos que tínhamos, eu particularmente nem sabia”, disse ela.

Eu mesma, passei parte de minha infância sofrendo racismo. Eu vivi um episódio de racismo que me marcou profundamente, e que só consegui falar depois de adulta, quando já era mãe de meus três filhos, tamanha dor, vergonha e culpa que eu sentia. Um dia, depois de voltar da faculdade no curso de pedagogia na UFG, eu resolvi contar para meus filhos e meu esposo.

Uma vez quando eu tinha uns 13 anos, durante uma “brincadeira” na escola, um colega branco que morava no povoado de Bom Sucesso no município de Iaciara me chamou de “picolé de fumo”. Naquele dia o meu mundo acabou. Eu nunca tinha ouvido falar em racismo ainda. Mas eu sabia que ele falava de minha cor. O que eu sabia era que estava doendo tanto, e eu chorei a noite toda, e nunca, jamais havia contado aquilo para alguém, e ainda está sendo muito difícil escrever sobre isso.

O meu esposo e meus filhos ficaram igualmente emocionados, juntos comigo. E ao escrever sobre isso, parece que eu voltei novamente naquele dia, e continua doendo como naquele dia. O racismo é como uma ferida aberta, que cria apenas uma casquinha

por cima, e que quando você lembra, dói igualzinho como no dia que sofremos o racismo, é uma ferida que dói na alma.

Na faculdade, eu estava rodeada de gente, mas não encontrava minha gente, pessoas iguais a mim, escritores pretos, professores pretos, colegas pretos, e na maioria das vezes de preto só havia eu. Tudo isso me causou muita estranheza. Eu tinha muita responsabilidade de estar ali, de abrir caminhos, mas sabia que aquilo não deveria ser assim, continuar assim. Eu só tive um professor negro na graduação e uma no mestrado.

Mas tudo isso era tão violento, que me fazia sentir culpada quando eu não dava conta, quando eu não sabia alguma coisa, quando eu não entendia aqueles textos dos brancos que nunca foram escritos pensados em nós, para nós, e muito menos por um de nós. Defendi uma monografia branca, que de preto só havia eu. Um tema extremamente relevante, apaixonante, que tratava das pessoas autistas, contudo, meu povo não estava lá.

Todas essas experiências estavam me sufocando. Foi quando eu comecei buscar na internet por pessoas negras, por intelectuais negras, e eu me encontrei ao encontrá-las. E aquilo me empolgou, eu não conseguia mais parar de me encontrar. Eu passei a estudar todos os dias, ler todos os dias. Eu usava a tática de ir nas referências dos textos ou livros lidos e procurar por mais pessoas negras ali, e foi assim que tudo foi começando a se encaixar e fazer sentido para mim.

Desde as primeiras leituras sobre pessoas negras, as leituras para escrever o projeto que me proporcionou ingressar no mestrado, quando eu estudava dia e noite, buscando referências negras e conheci, inclusive, intelectuais como Nilma Lino Gomes, Nego Bispo entre outras/os, tudo sempre foi feito em família aqui em casa.

Eu lia e discutia aqui em casa, dialogava, contava sobre o que li e sobre o autor. E assim, fomos tentando manter, mesmo aqui na cidade nosso jeito quilombola de viver, e por isso, foi um trabalho coletivo para eu conseguir estar aqui hoje, para eu permanecer aqui, cada um fazendo um *tiquinho*¹¹, cuidando uns dos outros, da casa e das coisas.

Outra passagem extremamente necessária em minha existência negra, foi quando ganhei alguns livros da professora Suzane, entre eles um de Grada Kilomba, de bell hooks e outro de Lélia Gonzalez que peguei emprestado, presentes que recebi pela minha colação de grau em Pedagogia. Todos aqui em casa passaram a conhecê-las, inclusive eu,

¹¹ *Tiquinho* significa um pouquinho, mas importante quantidade.

e assim, os livros, as leituras dos nossos chegaram e ficaram em nossa casa e em nossas vidas, e nesse encontro, não tem como todos não sermos atravessados por elas, que bom!

Tudo isso potencializou ainda mais a minha luta pelo conhecimento e pela pesquisa, aumentou a necessidade de “beber dessa água”, como diz Maria Madalena. Vontade de conhecer mais, de reaprender, de compreender e de me reconhecer na luta e na história de nosso povo, apesar das barreiras que sempre estiveram em nossos caminhos, como obstáculos calculados para nos distanciar de nós mesmos.

Desta maneira, formada em janeiro de 2020; devido a pandemia de Covid-19, a primeira visita exploratória que fizemos à comunidade para pesquisa de mestrado em janeiro de 2022, foi também a minha primeira ida formada, Pedagoga. Colocando os pés lá pela primeira vez depois de me tornar professora. A primeira do meu povo ingressa pelo UFGInclui a formar, depois de todo esforço e apoio conjunto de nosso povo para nos mandar para universidade.

Nossa história vem sendo construída tendo como base nossa educação na comunidade feita pelas nossas mãos, e começou em casa. Não somos um professor ou uma professora, somos uma família de professores. Várias gerações que herdaram uma grande riqueza, o desejo de lutar por meio da educação de nosso povo, como afirma tio Abadia Cardoso “ Nossa família é toda de professor, família de Leandro e de Nicolau, era todos professor”.

Todos esses professores, ensinavam e aprendiam em casa, somente bem mais tarde, como eu trago ao longo do texto, foi construída a primeira escola em quilombo de Extrema. Vamos caminhar com tio Cipriano Justino 62 anos, sobre seu início como professor em Extrema.

Eu comecei dar aula naquele grupo de tábuas. Meu pai era professor, o nome dele era Felix Cesário Rocha. Então, em 1985, ele chegou ao ponto de aposentadoria. Aí ele me nomeou como professor. Naquela época era por nomeação. Não foi difícil substituir ele porque praticamente eu aprendi na escola dele, eu aprendi com ele ser professor, como aluno na escola dele da primeira a terceira série, e depois fui pra Iaciara na quarta série, a quinta e a sexta série. Não aguentei mais, o bolso pesou e eu parei de estudar, na sexta série. Só que aí em 85 ele me nomeou professor, então aí eu comecei a lecionar, dava aula.

Um trabalho danado, porque as séries era toda misturada. Então, assim, como era de educação naquela época porque era tão difícil. Porque você pegava uma sala de primeira à quarta série tudo misturado. Imagina que você pegava 6 crianças inicial que não sabia nada, nem pegar no lápis. Você pegava 4, 5 que já sabia ler um pouquinho, já estava na segunda série. Tinha 2, 3 da terceira série. E tinha, às vezes

8 da quarta. E você tinha que passar por esses meninos todos num período só de 7h até às 11h da manhã. Sala lotada, sem auxiliar sem nada, só Deus e eu numa sala de uns 30 alunos. Trabalhei nessa luta 4 anos, de 85 até 89. (CIPRIANO JUSTINO ROCHA, 62 anos. Conversa em 12 de junho de 2022)

Tio Cipriano falou ainda que trabalhou um tempo por nomeação e tiraram ele. Depois passou em um concurso que teve em Iaciara, ele trabalhou alguns anos e pediu exoneração, por causa do baixo salário, da falta de valorização, que não dava para sustentar a família. E disse ainda que não se arrepende de ter saído, mas que entende que todos perdemos com sua saída, “eu perdi, todos perderam, porque eu se tivesse continuado, já seria um velho aposentado. Um professor aposentado”. E continuando ele afirmou ainda que o professor “é uma classe muito importante que merece mais apoio, e melhor salário. Aí foi o qual eu saí. Pedi exoneração e saí. Fui trabalhar braçal”.

A educação escolar aqui em Extrema, os nossos professores que viemos saber foram, Nicolau Cesário Rocha, foi professor aqui. João Damaceno, que dá nome à escola. Depois meu pai Félix Cesário Rocha. Depois teve Catarina Maria da Conceição, minha sogra. Eu, Cipriano (risos), depois de eu tem minha filha Roseli que está no ramo, e tem Madalena. (CIPRIANO JUSTINO ROCHA, 62 anos. Conversa em 12 de junho de 2022)

Ele discorreu que o racismo é uma coisa que está na sociedade “o racismo tá aí no meio de nós. É uma coisa que vive no meio de nós, e a gente, por mais que o debate está aí, debatendo pra que isso não aconteça, a gente até hoje vê na televisão, ainda preconceitos e racismo”. E asseverou ainda sobre a importância do trabalho desenvolvido pela professora Maria Madalena do Sacramento Rocha, e que sermos reconhecidos como remanescentes de quilombo foi muito bom para ganharmos força “estamos ganhando força. Ser quilombola foi muito ótimo, uma beleza. Nem só como a gente ter uma força, como a inteligência da Madalena, porque ela procura, ela busca, ela tem o dom de procurar, ela corre atrás, é uma pessoa muito inteligente”.

Tio Manoel Bispo afirma que as coisas hoje em dia estão mudando. Que antigamente onde a gente estava o adulto que estava lá era responsável por ensinar, por educar. Leia abaixo a fala dele, que discorreu também sobre nosso sofrimento no período da escravidão e a luta para construir o que conhecemos por Brasil.

A educação aqui em casa ficava na mão de pai mais mãe, de meus avós também. Olha, se eu tivesse brincando ali em algum lugar, na casa de minha vó, lá era eles que educava. Onde tava a pessoa era o responsável. A pessoa tinha autoridade, os tios, os avós. Todos educavam e ensinavam. Hoje a gente não pode falar nada, se vê coisa errada tem que deixar, se não, acham ruim.

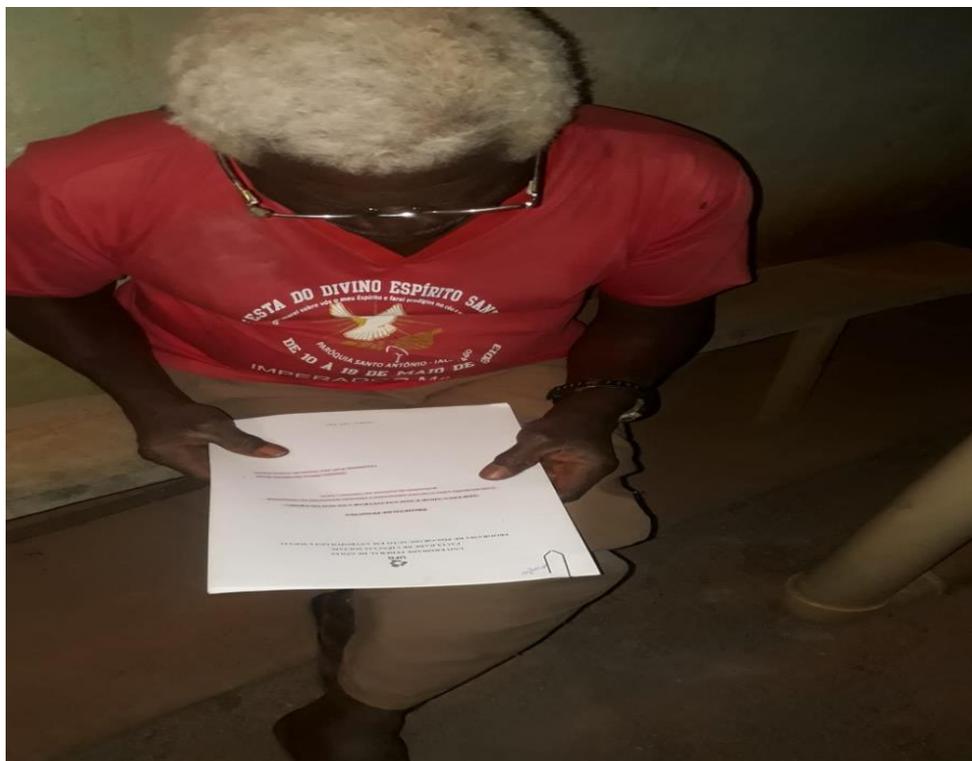
Eu gostava de ir pra escola, minha primeira professora chamava Cândida, ela era minha madrinha, foi a primeira que foi sepultada aqui nesse cemitério. Ela me deu aula na casa dos pais dela. Não tinha escola, e ela falou pra pai mais mãe pra mandar eu pra casa dela, pra mode ela me ensinar, ela era minha madrinha né. Aí eu comecei estudando lá com ela, foi o tempo que madrinha Catarina foi professora, e aí pai mais mãe mandou eu vim cá pra estudar com ela, madrinha Catarina.

Eu estudava com minha madrinha Cândida na casa do pai dela, João Damaceno, que é o nome da escola daqui. Que esse da escola aí. Aí eu estudei com minha madrinha Catarina um bocado de tempo. E depois tio Félix pegou a escola pra lecionar, e eu estudei com ele.

Madrinha Catarina quando ela começou dar aula, ela ganhava salário, minha madrinha Catarina. Agora, minha madrinha Cândida não ganhava salário, era só pra ajudar. Agora madrinha Catarina e o finado Félix, esse já pegou salário, era pela prefeitura.

Nossa família é quilombola. Nosso povo foi o povo que sofreu com a escravidão naquela época, e que eles, foi esse povo que construiu esse Brasil, o nosso Brasil. Porque os brancos só comiam e com chicote batendo na gente, batendo os negros. Agora, você vê, naquela época mostrando cada um tronco de homem negro era arrastando carro, era puxando carro e eles com chicote batendo. Tem gente que pergunta. O nego, você é lá da Extrema, levantado? A gente sente na hora, e dói. A gente sente, o coração dá aquela apertada, a gente vê que é racismo. (MANOEL BISPO, 65 anos. Conversa em 12 de junho de 2022)

Figura 2-Tio Manoel Bispo lendo meu projeto de pesquisa.



Fonte: arquivos da autora

E agora, como mestranda em Antropologia Social, embora sejamos de família de professores, conforme afirmam meus tios, professor Cipriano Justino Rocha, e tio Abadia Cardoso, ainda sou a segunda de nosso povo e também de minha cidade de Iaciara Goiás a conseguir ingressar em um curso de mestrado. “Nós podemos nos considerar uma família de professores, Márcia. Porque desde a descendência de João Damaceno Rocha pra cá, foi: João Damaceno, Nicolau, meu pai Félix, e é vem a descendência até nós, e quem sai aos seus não degenera”, disse ele fazendo *boca de ri*¹² dizendo ele que “é vem de lá, de lá de trás, tá aí no sangue. Foi dos nossos antepassados, lá atrás, que vem de lá até nós. O sangue tá aí, tá gritando”, disse professor Cipriano.

Ele fala isso para que possamos compreender que não somos professores por acaso, é ancestral, está em nosso sangue. E nesse caso, nossos conhecimentos são saberes que vamos construindo a partir de nossas experiências de vidas, experiências essas que vem perpassando gerações. Somos professores, pois nossa família é de professores e que educar está em nossas veias, em nosso sangue, e que esse é um desejo ancestral que mantemos até hoje na contemporaneidade, que vem de longe, passando de geração em geração, até chegar em nós. Ele me disse que a nossa família de professores está se renovando, ao me formar professora, e isso me tocou profundamente.

A primeira ida a comunidade para fazer visita exploratória, fomos toda família para casa. Fomos todos a campo, meus três filhos, meu esposo e eu. Pois uma pesquisadora quilombola não faz pesquisa sozinha, onde quer que estejamos, nunca estamos só, estamos sempre com essas e esses que nos acompanham, de perto e ou de longe. Diante desse contexto, o movimento do campo e a ida com minha família implicou diretamente no rumo que a pesquisa começou a tomar.

Antes de nossa chegada lá em casa em Extrema, minha mãe já começou falar para nosso povo que a filha dela estava indo estudar. Assim, ela já iniciou a arrumação da casa, das coisas, deixando os frangos no terreiro, porco no chiqueiro e as mexericas no pé, e dizendo para ninguém mexer nas mexericas que era para os netos dela.

Uma mãe que mandava as filhas para a cidade para trabalhar de empregada em casa de família agora está recebendo uma filha de volta, que está voltando para estudar no quilombo, para fazer ciência no quilombo, quebrando predeterminações racistas e construindo novos paradigmas, só que agora, feitos por nossas mãos.

¹² *Boca de ri* é sorrir meio de canto, sem gargalhar.

Chegamos na casa de minha mãe já era de noite e justo nesse dia estava tendo reunião da Associação Quilombola de Extrema (AQUE). A reunião era para votar e escolher o novo presidente que sempre é eleito a cada dois anos. Era muito urgente a reunião, pois os jovens que iam ingressar na universidade estavam necessitando de documentos que precisavam da assinatura do presidente e demais membros.

Nesse dia, minha mãe não foi porque estava nos aguardando, agoniada em pé no canto da casa, como ela mesma disse, ficou o tempo todo olhando para a estrada para ver se via as luzes dos faróis do carro apontavam na curva, perto da chácara de Beto Gama.

A reunião ocorreu durante dois dias, iniciando por volta das 19h e encerrando às 21h no primeiro dia. No segundo dia, eu e meus filhos participamos, a reunião se prolongou mais, pois além da assinatura da ATA, teve também um lanche coletivo que foi servido pelos membros da associação. Houve a votação com a assinatura da ATA e Ronaldo Moreira Lopes foi escolhido como presidente da AQUE, para desenvolver esse importante trabalho por dois anos.

Bem na hora que chegamos a comunidade, meu padrinho Zé estava voltando do primeiro dia da reunião que já havia encerrado, e passou lá para nos cumprimentar e receber as nossas bênçãos. Ele falou que de lá viu a luz do carro clareando e imaginou que era nós. Dando risadas e alegre em nos ver lá em Extrema depois desses longos anos de pandemia. Ele perguntou quantos dias íamos ficar, para saber se daria tempo de nos encontrar novamente. Admirou o tamanho que estavam nossos filhos. Depois disse até amanhã, se despedindo, recebeu as bênçãos e desceu pra casa dele.

Diante disso, os primeiros atravessamentos foram dos encontros e dos reencontros de uma filha com sua casa e sua família, em um contexto antes inimaginável. Nos encontramos uns nos outros em um espaço que é e sempre foi educador, o quilombo. Agora, como sujeitos de nossas pesquisas, e não objetos como éramos considerados pela academia que apenas usavam nossos conhecimentos sem nos considerar, sem nos citar, apropriavam-se de nossos conhecimentos e saberes, apropriavam-se de nossa ciência e faziam isso dentro de nosso laboratório, o quilombo.

A educação em uma escola no quilombo, não deveria se restringir unicamente aos conteúdos, ao que se ensina e se aprende dentro das paredes de uma escola, como ocorre, com rara exceção de alguns profissionais da educação que não medem esforços e tentam trabalhar a metodologia quilombola, mesmo a escola não sendo quilombola ainda, e tentam fazer valer a Lei 10.639/03, e levam inclusive os nossos para dentro da escola, para ensinar as nossas crianças.

Já a educação quilombola ocorre principalmente, durante todo movimento diário que acontece na comunidade. Pois, o quilombo todo é educador, é um gigantesco laboratório onde se pode aprender e ensinar com base em nossos saberes. Desse modo, o que percebemos é que há anos, quando não tínhamos escola na comunidade, nosso povo já trabalhava uma educação diferenciada, Givânia Maria da Silva (2012) e faziam isso ensinando em casa, muito antes de falar em quilombo e educação escolar quilombola.

Nós temos nosso próprio jeito e forma de ensinar e aprender, que não foi aprendido dentro das escolas e nem nas universidades, mas que hoje estamos ensinando a academia, ensinando a ensinar. Desse modo, é muito preocupante quando se tem algo que fere, que rompe esse processo educativo no quilombo, que rompe o fluxo de ensino e aprendizagem, esse caminhar, como por exemplo, o racismo e toda sua violência que é reproduzida, inclusive e principalmente, dentro das paredes das escolas e demais espaços acadêmicos.

Fazer uma graduação era uma coisa impensável para uma mulher quilombola e mãe de três filhos como eu. Voltar para casa como professora pesquisadora, e não como pesquisada foi de uma emoção muito grande, um sentimento indescritível. Em outros tempos, meninas e mulheres como eu iam e voltavam para casa como empregada. Mas o ciclo se rompeu.

Diante disso, é compreensível a alegria e o orgulho de nosso povo em mandar jovens para universidade e recebê-los de volta em casa já formados, como podemos sentir na fala do professor Cipriano Justino Rocha. “Olha Márcia, você vê. Eu fico feliz. Eu já tenho uma menina formada. Tem Rauane formada, tem você formada. Olha tem a Rayane que já vai formar, tem Amanda formada na faculdade, tenho um menino fazendo Matemática, tem sua filha estudando”.

E ele segue falando que no tempo que ele era menino, sempre ia para a escola, mas que naquela época, as pessoas não explicavam direito como hoje a gente explica para nossas crianças, porque eles precisam ir para a escola, porque precisamos estudar. “Eles não explicavam porque a gente ia pra escola. Só mandava ir. Hoje a gente explica. A vida não está fácil, e quem tem o estudo vai ter uma vida menos sofrida, vai se defender melhor dos opressores”, enfatizou ele.

Depois que passei a conhecer nossa história e a nossa relação com a arte de ensinar, eu compreendi o meu desejo de lutar e resistir por meio da educação. Temos muitos exemplos a seguir, muitas professoras e professores quilombolas que possamos nos inspirar. Agora, preciso falar da professora Maria Madalena, do professor Valdir

Lourenço e do professor Cipriano. O professor Cipriano Justino Rocha é uma das pessoas mais inteligentes que conheço. Eu disse a ele que eu poderia passar horas e horas ouvindo ele falar. Conversar com ele durante essa pesquisa foi uma das partes mais maravilhosas durante essa caminhada. Conversamos sentados à sombra na calçada da casa dele, bem no finalzinho da tarde, e essa experiência marcará toda minha vida de professora quilombola. Ver na fala dele o quanto ele lutou para ocupar esse espaço de professor, o quanto ele acha importante a educação dos nossos e luta por isso, mesmo depois de parar de atuar dentro da escola, foi muito potente e instigante.

Uma das pessoas que mais me inspiram e que talvez não tem ideia disso é minha tia, professora Madalena. Hoje em dia, não dá para imaginar como seria nossas vidas sem ela lutando juntamente com nosso povo de Extrema, se não tivessem arregaçado as mangas e lutado para estarmos onde conseguimos chegar hoje. E é essa luta que travamos diariamente que vem movendo estruturas racistas e incomodando tanto quem sempre nos objetificou, e que nos faz desejar seguir a caminhada.

O professor Valdir Lourenço, filho de tio Manoel e de tia Maria, que inclusive foi meu professor em Extrema, vem fazendo um trabalho muito importante na comunidade, junto com a professora Madalena. No período que ele foi presidente da Associação Quilombola de Extrema (AQUE), ele fez um trabalho muito marcante, e sempre estava pronto a nos ouvir e a lutar conosco.

Cada uma/um tem um papel fundamental nessa luta antirracista, pela vida de nosso povo de Extrema. Cada professor quilombola é essencial nessa batalha travada contra o racismo. Ser professor é um dos trabalhos mais desafiadores e complexos que conheço. Agora, experimenta ser professor quilombola para você ver. A luta é uma constante em nossas vidas. Nosso trabalho não é apenas o de ensinar os conteúdos, mas é principalmente ensinar os nossos a perceber e a se defender do racismo, é ensinar a se proteger por meio da educação quilombola antirracista. É preciso muita coragem e força para enfrentar as barreiras ao longo do percurso, pois travamos uma luta contra o racismo que é ancestral. E o mais importante nisso tudo, são os movimentos, são os mecanismos que usamos para enfrentar e vencer essas batalhas, inclusive por meio do vadiar, das brincadeiras no quilombo.

CAPÍTULO 2 - A maloca¹³ de “nego preto” vão falar, e numa boa: o vadiar, o brincar e a luta ancestral contra o racismo.

Desde quando eu era pequena, minha mãe tem o costume de dormir cedo e acordar mais cedo ainda, ‘junto com as galinhas’. Ao amanhecer o dia em casa no quilombo, quando chegamos lá, o Gustavo Rocha meu filho mais novo acordou cedo também, para ir brincar no quintal. Já a Larissa Rocha e a Gisele Rocha amanheceram dormindo. Meu esposo André e eu logo levantamos também, porque ninguém mais dorme depois que minha mãe levanta. Ela mexe na cozinha, nas plantas, dá comidas as galinhas, ao porco, e assim vai acordando todo mundo, esses são seus primeiros movimentos diários. Ao acordar a mesa já estava pronta com café quentinho feito por ela.

Ao encontrar minha mãe no terreiro dando comida as galinhas dei a benção e fomos para a cozinha tomar café. Em Extrema, dar benção é levado muito a sério e a gente precisa aprender desde pequeno. A gente dá a benção e quem abençoa responde “Deus te abençoa”, e aí começamos o dia protegidos. Ou de perto ou de longe, “bença pai, bença mãe”, e por aí vai. Algumas pessoas a gente não dá benção de longe, pois pode soar desrespeitoso, o melhor é sempre ir onde a pessoa está e pedir benção de perto.

Não se pode passar pelo pai, pela mãe, padrinho ou madrinha ou por algum parente ou mais velho sem dar benção, corre o risco de surgir comentários “fulano nem dá mais benção”. Minha mãe fala que “a benção serve é para quem dá a benção e não para quem abençoa”, então quem dá a benção é quem precisa ser abençoado, e não quem recebe a benção. Mas se está longe em outro lugar, por telefone, a gente dá benção do mesmo jeito, só não pode parar de dar.

Quando eu era criança, tinha competição entre os irmãos para dar benção primeiro, ao deitar a gente rezava e dava benção pai e mãe. Hoje, aqui em casa, meus filhos também foram ensinados a dar benção, ao deitar e ao levantar, e as vezes, eu percebo que eles também competem para dar a benção um primeiro que o outro, principalmente meu filho mais novo.

¹³ *Maloca* é uma expressão utilizada de forma estereotipada pelos brancos para dizer que são muitos negros juntos. Isso era dito, geralmente, quando íamos a cidade em quantidade de pessoas. É uma forma estereotipada de se referir a nossa forma de nos organizar ao ir a cidade, geralmente a pé, quando íamos várias pessoas juntas, para juntos conseguirmos levar e trazer as coisas nas costas, e foi ressignificada aqui nessa escrita quilombola.

Em Extrema, todos os parentes e ou mais velhos tem a autoridade para abençoar o outro. Muitas vezes alguma criança distraída *fazia cibesta*¹⁴ e esquecia de dar benção e a pessoa logo pergunta se dormiu com ele/ela “você dormiu mais eu? ” A gente usa essa expressão porque quem dorme junto, como por exemplo, marido e mulher, não dá benção um para o outro.

É melhor esquecer que deu a benção e dar benção duas vezes, do que passar pelo parente sem dar a benção, na dúvida é melhor dá de novo. Não tem limites de quantidade de dar benção, mas geralmente é ao acordar e ao deitar para dormir, ou ao encontrar algum parente por acaso a qualquer hora ou em qualquer lugar.

Passado essa parte, minha mãe começou a importante tarefa de mostrar suas amadas plantas, as inúmeras plantas no terreiro e a roça no fundo do quintal, cheia de feijão de corda, milho e abóbora, tudo verdinho, pois estava chovendo muito bem naquela época em janeiro de 2022. Mostrou as galinhas no quintal, e contou entristecida sobre a *caceteira*¹⁵ que passou nos terreiros na comunidade arrasando e matando as galinhas e frangos já grandes, até o galo foi embora, morreu, relatou ela.

Ela contou que colocou casca de pau na água (remédio caseiro), mas não adiantou, morreram quase todas, e que por isso, tinha poucos frangos no terreiro, e de acordo com ela, se não fosse a tal doença, teria muitos frangos para comer e para mandar para meus irmãos. Quero destacar que minha mãe não come galinha caipira, desde pequena, e ela não sabe o motivo de não gostar, e no caso, ela só cria as galinhas para matar para seus filhos, para comer lá ou para mandar quando vai alguém, e ou se chegar alguma visita que ela tanto gosta de agradar.

2.1 “Vadiar”, os quilombolas brincantes e a construção da identidade negra face ao racismo.

Logo cedo, deu uma estiada na chuva que caia sem parar e o meu filho Gustavo Rocha Pereira, criança quilombola de 11 anos começou a andar conosco pelo terreiro e encontrar coisas para brincar, pedaços de madeira, pedrinhas, folhas, da mesma forma que eu fazia quando eu era criança. Continuamos andando e conversando, e eu fiquei observando aquele movimento diferente dos daqui da cidade em Aparecida de Goiânia,

¹⁴ *Fazer cibesta* é o mesmo que se fazer de desentendido, por querer ou distração. É usado para explicar que você conhece o jeito certo, mas está fazendo errado, tá fazendo cibesta.

¹⁵ *Caceteira* é a denominação utilizada pelos quilombolas ao se referirem a uma doença que acomete as galinhas, causando uma cochiladeira que as leva a morte e que é de difícil cura. *Caceteira* se refere a matar com cacete, é uma metáfora aquilombolada.

que ele já acorda e senta na frente da televisão, que a criança vive presa entre quatro paredes. Eu fui pensando, e lembrando de meu tempo de criança, da forma como eu e meus irmãos brincávamos. E foi olhando meu filho brincar na comunidade, que desejei escrever esse segundo capítulo sobre *A maloca*¹⁶ de “nego preto” vão falar, e numa boa: o *vadiar*, o brincar e a luta ancestral contra o racismo.

Após desejar escrever sobre o *vadiar*, e o brincar das crianças negras quilombolas de Extrema no enfrentamento ao racismo, eu iniciei a “saga” de começar a buscar por referências, primeiro procurei entre amigos, depois no google, e no google acadêmico, entre outros. Comecei a pesquisar sobre intelectuais negros/os que trabalhassem o brincar no quilombo. Fui tentar encontrar pesquisadoras/es, intelectuais negros da Antropologia que trabalhasse esse importante e necessária temática. Infelizmente, consegui encontrar muito pouco material sobre o brincar das crianças quilombolas. Eu fiquei pensando sobre esse fato de não se ter quase nada, ou se ter muito pouco sobre o brincar de quilombo na Antropologia.

Ao fazer essa busca, uma coisa que percebi é que tratam e trabalham muito o brincar, contudo, é sem o recorte racial, sem pensar nas crianças quilombolas em todas as áreas de conhecimento, e isso explica o fato de se tratar o brincar de forma generalizada. O brincar no quilombo não deve ser medido com a mesma régua que se mede o brincar na cidade, mesmo em se tratando de corpos negros não quilombolas.

Existe um mito, um pensamento de que criança é tudo igual em todo lugar, e este é nitidamente usado para excluir, apagar, silenciar e desprezar os sujeitos afro-vadantes e afro-brincantes de importantes e decisivos espaços construtivos de identidade como é o brincar e também o vadiar no quilombo, noção que também discutiremos mais adiante. Brincando a criança além de preservar, ela resgata, constrói e propaga saberes, brincar é coisa séria no quilombo. Outra coisa que isso explica é o triste fato de quase não se encontrar brinquedos negros, bonecas negras, com características negras, cor, cabelo, para que nossas crianças negras e negros quilombolas se vejam, se percebam, e se sintam representadas desde a primeira infância, como é de direito.

O fato é que, intencionalmente, nem pensam nesse processo quando os sujeitos vadantes e brincantes são sujeitos negros. Somos sujeitos ainda objetificados mesmo que as vezes de forma sutil. Diante desse contexto, concordo com o que diz minha querida

¹⁶ *Maloca* era uma expressão utilizada pelos brancos para dizer que são muitos negros juntos. Isso era dito, geralmente, quando íamos a cidade. É uma forma estereotipada de se referir a nossa forma de nos organizar ao ir a cidade, quando íamos várias pessoas juntas, e foi ressignificada aqui nessa escrita quilombola.

amiga, mulher negra, mãe solo de uma criança negra e mestranda em Antropologia Social pelo PPGAS/UFG, Lisianne Lima de Santana que escurece que “poderia ser diferente, mas o que esperar de uma sociedade racista? Não se pode esperar que se tenha estudos sobre essa temática, a ausência também diz muito”. Diante dessa realidade, vamos seguindo e construiremos conceitos a partir da ótica de uma pesquisadora quilombola.

O brincar no quilombo de Extrema é parte importante de nosso processo educativo, de ensino e de aprendizagem. Brincando, aprendemos cuidar uns dos outros, aprendemos respeitar uns aos outros, aprendemos viver na coletividade e de forma compartilhada, aprendemos plantar e aprendemos colher, brincando construímos um mundo de saberes que carregamos pela vida a fora. O ato de brincar é parte importante, é o alicerce de nossa educação no quilombo. Brincando vamos construindo a fortaleza que nos proporciona ficar de pé em meio a tantas violências. Brincar é uma forma de resistência, e no quilombo se mistura com a educação, e sendo assim, brincar é um ato político.

Conhecendo essa realidade, gritaremos do quilombo, pois é no quilombo que se encontra o alicerce de força e as colunas de coragem e enfrentamento, e será a partir de lá que lutaremos contra o racismo nessa sociedade violenta. Grada Kilomba, (2019, p. 34), afirma que “no racismo, a negação é usada para manter e legitimar estruturas violentas de exclusão racial”, e nesses casos, a violência se faz para que nós não percebamos que o que está faltando são os nossos, como nos mostrou a educadora bell hooks (2017, p. 109), “sempre me espanto com a absoluta ausência de referências aos trabalhos de mulheres negras nas obras críticas contemporâneas que pretendem tratar de modo inclusivo as questões de raça”. A negação de nossos direitos, de nossa existência, de nossa humanidade, o racismo anestesia o povo brasileiro que vivem como se não percebessem que toda essa violência propaga ainda mais as desigualdades existentes.

Em vista disso, nós, povos quilombolas de Extrema, sujeitos brincantes e vadiantes de ontem e de hoje na esperança do amanhã, nos colocamos aqui, na exaustiva (sim, porque já estamos exaustos de necessitar passar a vida toda nos defendendo e lutando por direitos, direitos esses que vem sendo negados desde sempre), tentativa de continuar a luta por esses e outros direitos, pois todos estão entrelaçados uns aos outros.

O território quilombola é um espaço em que as pessoas estão cada dia mais sendo formadas para a luta e para a defesa de nossos direitos, de nossas vidas e de várias outras existências, humanas e não humanas. E diante de tantas violências, é por meio de nossa educação quilombola antirracista que estamos buscando a proteção dos nossos. Diante

disso, estamos buscando preservar e propagar nossos saberes, apesar da negação e das tentativas de silenciamentos e apagamentos, e essa escrita é uma forma de preservar, pois está sendo registrado, e de propagar pois muitos terão acesso.

Concordando com a professora Givânia Maria da Silva, quilombola de Conceição das Crioulas do estado de Pernambuco, que destacou durante o Curso de Formação de Professoras e Professores Quilombolas no dia 12 de julho de 2022 que quando se pensa em quilombo, quando se pensa em conhecimentos e saberes de quilombo, temos que, concomitantemente, pensar na saúde de nosso povo, no direito à moradia, alimentação, direito ao território, e sobretudo, à educação.

Assim, devemos todos entender que tudo é um emaranhado de necessidades, sendo todas vitais e que desde a invasão do Brasil nos vem sendo negado. Diante desse contexto, destacou ela que sem direito a educação não poderemos lutar pelos outros direitos, pois a educação é o caminho, é a chave. Sem conhecimento de nossos direitos como poderemos lutar por nossos territórios? Sem alimento não se aprende, ninguém aprende de barriga vazia, ninguém aprende com fome. É impossível pensar em todo restante, esses direitos precisam estar entrelaçados, pois são emaranhados de direitos essenciais para a vida do povo do quilombo.

Quando necessitamos vir morar aqui na cidade grande para estudar, meu maior receio era que os meus filhos perdessem nosso jeito de ser, nossa forma de viver lá de casa, que eles esquecessem sobre nossas coisas. Talvez por isso eu sempre fiz questão de conversar com eles sobre as coisas de lá de Extrema, passar nossos valores, na tentativa de preservar tudo isso. Hoje eu percebo que meu medo era que eles se perdessem ao conviver com as coisas da branquitude, porque sabemos que querendo ou não, estamos imersos em meio a tudo isso aqui na cidade, e corremos o risco de ser afetados.

Em Extrema, minhas crianças já amanheciam brincando. Os espaços eram amplos nos quintais e terreiros e os brinquedos estavam por toda parte, bastava um pouco de imaginação, e uma nova brincadeira nascia. Quando chegamos aqui na cidade, no início, meus filhos viviam tristes, pois acordavam e não tinham para onde ir.

Aqui na cidade, não tinha o quintal que tínhamos em casa em Extrema, não tinha o terreiro e nem os materiais que usavam para construir os brinquedos, ou seja, corriam risco de perder o olhar criativo das crianças de nosso povo, e isso me preocupava. A Professora Maria Madalena afirma que, quando meu avô mudou para Iaciara para elas estudarem, “a ida para a cidade prejudicou a construção do imaginário e da criatividade, que era favorecida no quilombo, com todas as variedades de opções para se construir

brinquedos”. E foi exatamente isso que fui percebendo que ocorreu com meus filhos, quando mudamos pra cidade grande. Ao chegar aqui, eles choravam muito, sentiam falta de casa, da liberdade, das brincadeiras e dos amigos, da vida lá em casa em Extrema. Meu esposo André e eu precisávamos sair para trabalhar, e quando não estavam na escola, as crianças ficavam o dia todo vendo televisão, e isso me entristecia. Teve uma época que estudaram em escola de tempo integral, e isso nos ajudou bastante nessa questão.

O fato é que não tínhamos nosso povo para nos ajudar a olhar e cuidar das crianças quando não estávamos, igual na comunidade, e sobretudo não tinha as riquezas que tínhamos em casa na comunidade. Em quilombo de Extrema, os parentes nos ajudavam cuidar e educar as crianças, as crianças podiam brincar e criar livremente. Por onde iam, tinha sempre um adulto por perto ajudando a cuidar, seja na casa de vó Bitá, na casa de minha mãe, ou na casa de outro parente em que se reuniam para brincar.

O brincar no quilombo é um brincar livre e necessita de espaço e materiais diversos para construção de brinquedos e invenções de brincadeiras. Raramente as crianças quilombolas possuem brinquedos comprados na cidade, mas hoje em dia já compram um pouco mais que antes, por influência do povo de fora. A grande maioria dos brinquedos são inventados pelas próprias crianças.

Existe uma brincadeira que eu brincava quando eu era criança, na comunidade, é um brinquedo chamado gira-gira, que é feito com a folha de mandioca. E eu ensinei meu filho construir esse brinquedo. Vejam na imagem a seguir, meu filho Gustavo brincando com o gira-gira que ele construiu aqui em casa na cidade, a partir da folha de mandioca que nós dois plantamos aqui em nosso pequeno quintal.

Figura 3-Gustavo Brincando com gira-gira de folha de mandioca.



Fonte: arquivo da autora

Já o brincar na cidade é completamente diferente. É só ir a uma loja e comprar o brinquedo que desejar, ou melhor, que o dinheiro conseguir comprar. Penso que talvez por isso, as crianças brincam só no momento que compram, e logo em seguida, descartam aquele brinquedo e vão em busca de outro, nunca estão satisfeitas.

A primeira vez que brinquei com brinquedos industrializados, naquela época foi quando Joaquim morava em Brasília, muitos brinquedos. Então, eu e a Maria, brincamos tanto que acabamos deixando os brinquedos espalhados no terreiro. Tinha aqueles brinquedos de plásticos, era tudo novo diferente. E naquela época o brinquedo era achado na hora, era pegar um pedaço de pau e subir e sair correndo. Era pegar um tamanco, então não tinha aquele negócio, eu não ia guardar os tamancos, pois os tamancos estavam lá no meu terreiro, então eu não ia guardar. Eu podia pegar qualquer hora, ele caía da árvore né. A cabaninha tava lá no mato, então não tinha essa questão de guardar. A gente tinha vários ali ao alcance das mãos. E esses brinquedos que chegaram, eu tinha que guardar, e eu não tinha esse hábito, entendeu, e quando chegou, esses brinquedos, nós deixamos espalhados, e chegou uma visita, essa visita chegou com criança. Eu não vou citar o nome, mas eu sem quem é até hoje. Eu sei quem é a pessoa. E os filhos pegaram nossos brinquedos e levaram. Então. Foi a oportunidade que eu tive de brincar com brinquedos que não foram criados por mim. Foi pouquíssimo né. Fizeram um cata. Eu lembro que foi triste, menina. Eu lembro que depois eu e a Maria fomos para Iaciara e lá não tinha brinquedos, não tinha por exemplo o milho para brincar. Não tinha a mangubeira para brincar. O meu mundo começou a não ter sentido na cidade, porque o meu mundo era construído aqui, com os brinquedos que eu construía. Perdeu a graça. Lá era preso, não tinha muito espaço, o lugar era brejado, não tinha o milho, não tinha a manguba. É, a questão por exemplo, os galhos, as palhas, os bichos, os coqueiros, as vacas para olhar. Porque tudo era brinquedo. Subir no curral. Tudo se transformava. Eu lembro que meu pai não tinha um costume, não comprava, não tinha o hábito de comprar brinquedo, nunca teve. (MARIA MADALENA DO SACRAMENTO ROCHA. Conversa em 15 de julho de 2022)

Maria de Fátima da Silva Sacramento 47 anos, mãe de três filhos e bonequeira, afirma que isso ocorre “porque hoje em dia as crianças ganham tudo de mão beijada e não valoriza”, e eu concordo com ela. Essa facilidade, ter as coisas ao alcance das mãos, sempre que quiser, está fazendo com que muitas crianças cresçam individualistas e achando que as coisas são descartáveis, inclusive as pessoas.

No quilombo, muitas vezes passávamos o dia inteiro construindo um brinquedo, pois esse processo de construção passa por várias etapas e envolve muito movimento. E para isso, quase sempre, é necessário fazer um trabalho coletivo. Numa construção de casinha com *rama* (galhos) de mandioca, não é possível brincar sozinho. É preciso de mais gente e cada um tem que fazer sua parte para a casinha ficar segura.

Na verdade é um ritual que a criança faz. Esse é muito interessante. Muito interessante. Não é você comprar uma boneca, geralmente branca, que já vem pronta. Para ficar só ali apertando, fazendo aqueles sons que a gente nem entende. E essa questão da criatividade, na brincadeira, no brinquedo quando a criança parte desse processo de construção, desse processo criativo, é obvio que é diferente de se comprar tudo pronto. (MARIA MADALENA DO SACRAMENTO ROCHA. Conversa em 15 de julho de 2022)

Para fazermos um estilingue, um precisa segurar a liga (elástico) para o outro amarrar no gancho, sem contar que é preciso um olhar minucioso para saber escolher um bom gancho de estilingue no quintal. E em quase todas as brincadeiras, é imprescindível fazer de forma compartilhada. Muitas brincadeiras ocorrem do entardecer para o anoitecer, e esse é o momento que ocorrem os encontros entre as crianças, principalmente para as brincadeiras de esconder e de correr. Sendo assim, trabalhar de forma coletiva inicia desde muito cedo, no momento de vadiar e segue pela vida a fora

As nossas brincadeiras eram praticamente só a noite, era brincar de esconde-esconde, era mais a noite, porque sempre reunia as pessoas, as crianças reuniam nas casas dos vizinhos, dos tios era sempre mais a noite, noite de lua clara. Tinha reunião e a gente ia brincar, tinha aquelas petequinhas de sabuco de milho e de pena galinha, jogava peteca, bola era feita de meia e de sacola, enchia com panos e de papel, porque pra nós nem existia bola, era as brincadeiras e os brinquedos que tinha naquela época, e a gente encontrava os materiais no ambiente, o que a gente encontrava era isso e a gente fazia essas coisas. Ixe, aquilo era uma maravilha. (CIPRIANO JUSTINO ROCHA, 62 anos. Conversa em 12 de junho de 2022)

Trago abaixo, duas imagens de brincadeiras, uma na cidade e uma no quilombo. Reparem na imagem abaixo, Gustavo Rocha e nosso cachorrinho Loki vendo desenho.

Figura 4-Gustavo Rocha e seu amigo Loki vendo desenho no computador.



Fonte: arquivos da autora

Figura 5-Gustavo brincando com Simbinha no quilombo.



Fonte: arquivo da autora

Quando eu era criança, o futebol era uma das brincadeiras preferidas das crianças, mas era em muitos momentos consideradas de meninos, e com isso, meninas como eu brincava escondida. As bolas eram feitas de meias velhas quando tinha, ou com uso de sacolas plásticas quando tinha também, ou até mesmo de tecidos que era mais fácil de ser encontrado. Meias velhas que não se usava mais, eram preenchidas de tecidos e colocados no formato de bola. As bolas nesses formatos duravam bastante tempo, contudo, ao molhar, as feitas com tecido ficavam muito pesadas. Sempre gostamos de futebol, e essa era uma maneira de praticar esse esporte que tanto amávamos, embora, não fosse visto como coisa para meninas.

Uns sabugos de milho com um pedaço de pano colorido, rapidamente, com uma dose de criatividade transformavam-se em uma boneca. Um pedaço de emburuçu (embiruçu, árvore nativa do cerrado brasileiro) mais umas rodela de chinelo cortado em círculo, transformavam-se em um carrinho.

Andar descalço, correr, banhar na chuva, criar, inventar, pegar coco macaúbas (xodó) no brejo, quebrar galhos de malva para fazer vassoura e varrer os imensos terreiros, buscar água na cacimba (fonte de água), ir com adultos buscar lenha, pegar

pequi, pescar traíras nas barragens, semear sementes nas covas no período de plantio, são algumas outras brincadeiras e afazeres de uma criança quilombola, que fazem parte da construção de nossa identidade negra, e do modo como nós nos fazemos presentes no mundo, pois como salienta Givânia Maria da Silva (2012), [...]nas comunidades quilombolas, assim como em outros grupos, existem outros tipos de educação que nem sempre estão sob o domínio da escola, o que não os torna menos importantes para interior destes. (p. 68)

Brincar de aulinha era uma das minhas brincadeiras preferidas. Eu juntava com as crianças que eram meus primos e atrás da casa de minha mãe ou de minha avó a gente dava muitas aulinhas e escrevíamos na parede usando carvão, e também no chão usando algum graveto seco. A gente escrevia e desenhava no chão, e mesmo antes de ir para a escola a gente já brincava de estudar, e assim, resistíamos brincando.

2.2 Resistencia e luta brincante: “na mesma hora que estamos fazendo as bonecas estamos brincando”. O trabalho antirracista das bonequeiras de Extrema.

Agora, convido-os a continuar quilombando conosco, e para isso, peço que nos acompanhe, pois começaremos com a primeira ida a Extrema para pesquisa exploratória. Destaco inicialmente o encontro de Gustavo meu filho de 11 anos, com o Luiz Henrique também com 11 anos, filho de Jocilene, minha prima, na estrada que desce para a rua 1, onde moram a família de ioiô Pedro Rocha, meu bisavô, pai de meu avô Bento, e é onde temos nossa casa em quilombo Extrema. Ao se olharem, já dialogaram, e ofereceram os brinquedos que cada um usava para brincar, um ao outro. O Gustavo de camisa branca estava com um carrinho comprado na cidade, e o Luiz de camisa azul estava com um estilingue, construído por ele no quilombo. Em seguida, um deu o brinquedo que estava segurando para o outro. E eu percebi, que apesar de serem pequenos quando se encontraram pela última vez, por causa da pandemia de covid-19, eles não tiveram dificuldades para interagir, de trocar, de compartilhar e se confluíram um com o outro, e começaram a brincar ali mesmo na beira da estrada.

No quilombo, ainda hoje, como no meu tempo de criança, a gente consegue perceber que as crianças quase não brincam dentro de casa, elas ainda brincam mais ao ar livre, embora menos que no meu tempo de criança.

Figura 6-Gustavo de camisa branca e Luiz Henrique de camisa preta brincando ao ar livre em Extrema.



Fonte: arquivos da autora

Tio Cipriano Justino discorreu que na época que ele era criança era muito mais divertido que hoje, que reparando os seus netos e bisnetos brincar, e as crianças da comunidade em geral, ele percebe que com o tempo, as crianças foram perdendo um pouco a criatividade, que na época que ele era criança, eles inventavam muitos brinquedos e brincadeiras, e se divertiam mais.

Tinha disputa, sempre tinha aqueles que jogavam melhor. Ah, fulano é melhor que você. Era muito bom, era animado demais. Eu tenho muita saudade. As crianças hoje, eles até inventam mas...é uma coisa que não é igual antigamente. As crianças no meu tempo tinham mais criatividade para criar brincadeiras e brinquedos. Durante o dia, a meninada em minha época, a gente fazia aqueles carrinhos e *umburuçu* (árvore usada para fazer carrinhos de brinquedos) com rodinha de pau, inventamos até fazer. Quando vinha aqueles litros de óleo quadrado, a gente furava ele, fazia quatro rodinhas e saía com os carrinhos. Era tão invocado pra gente fazer os carrinhos. Era o dia inteiro brincando, os brinquedos eram produzidos no ambiente com o que a gente encontrava para fazer os brinquedos que a gente brincava. Nós brincava juntos. (CIPRIANO JUSTINO ROCHA, 62 anos. Conversa em 12 de junho de 2022)

Ele falou que todos os dias a meninada se encontrava para brincar, naquela época. E eu perguntei a ele, como as crianças marcavam esses encontros, se não existia celular

ou coisa do tipo, como elas faziam essa comunicação. E ele disse que eles já sabiam a hora, que já tinham aquela meta. Disse que percebe que as crianças estão se transformando, e de acordo com ele, ficando mais individualistas, deixando de fazer as coisas juntos, como era antigamente, e parte disso se deu com a chegada de gente de fora, que não são nossos parentes.

Já tinha aquela meta que a gente já sabia a hora. Vamos lá pra casa de fulano. E já saía aqueles, e ia encontrando, ia na casa do primo ali na frente, e chamava, vamos para casa de fulano. E de repente a gente tava todo mundo junto, o grupo completo. As brincadeiras são diferentes. Hoje eu tenho netos e bisnetos. Muitas vezes, eles não brincam divertido como a gente, eles divertem menos, através da convivência de uns com os outros, de repente sai uma briguinha, eles brigam mais. É um tipo de diferença, que no nosso tempo não tinha. Eles são mais individualistas. As crianças estão perdendo a vontade de ficar junto, o comportamento de viver assim uns mais distantes um do outro. Antigamente, nossas famílias era tudo mais reunido. E geralmente, não tinha pessoas estranhas, né, e assim, quando eu digo estranha, é que não faz parte do parentesco. Foi chegando gente de fora, e isso interferiu porque já é um povo mais diferente um do outro, e foi trazendo influencia, e prejudicou a diversão das crianças. (CIPRIANO JUSTINO ROCHA, 62 anos. Conversa em 12 de junho de 2022)

Em quilombo Extrema, era preciso muita criatividade pois nós mesmos fazíamos nossos brinquedos, e essa construção, esse momento de fazer já era parte do brincar, do vadiar.

É, na minha infância, o meu brincar envolveu um pouco mais de, como posso falar, o fazer brinquedo. Eu construía meus próprios brinquedos. Eu lembro de eu brincando com as bonecas de milho. Eu de brincando de fazer tamanquinhos com aquelas frutas da manguba. Vários, vários...Era chique demais andar com aqueles sapatos de manguba, a gente amarrava, colocava tirinhas de pano e andava. (MARIA MADALENA DO SACRAMENTO ROCHA. Conversa em 15 de julho de 2022)

Compreendemos com a vivência no quilombo, trilhando a partir dos escritos de Elaine de Paula (2019), que essas e outras formas de compartilhamentos como podemos ver acima, são maneiras de trocas que compõem uma gama de experiências brincantes no quilombo e vão sendo construídas pelas crianças no momento do brincar que englobam também o fazer do próprio brinquedo.

Entendemos então que é por meio da doação no brincar, dos fluxos seguidos e dos diferentes significados para esses sujeitos, bem como, as situações ou momentos brincantes que são vividos diariamente em todos os encontros, as interligações que essas se constroem no mundo enquanto sujeitos de conhecimentos.

As experiências brincantes vividas pelas crianças nos quilombos não são apenas sinônimo de atividade, de experimento ou método, uma vez que os acontecimentos por elas construídos ou descobertos não têm caráter fugaz, mas se constituem de um fluxo de significados interligados e permanentes, pois, mesmo a subjetividade de cada uma delas, é consequência dos intercâmbios entre elas. Juntas, as crianças vão compondo o lugar e as situações, especialmente de brincadeiras, que lhes permitem ver, sentir, escutar, enfim, viver sem interrupção. (ELAINE DE PAULA, 2019, p. 281)

E na segunda ida, agora no mês de julho fomos novamente para dar início à pesquisa de campo, mas dessa vez a família foi incompleta, minhas duas filhas Larissa e Gisele não foram. Minha filha Larissa não foi porque estava tendo aula na faculdade, e minha filha Gisele não foi para ficar fazendo companhia para Larissa. Fomos somente nós três, André, Gustavo e eu. Foi um sentimento muito estranho, nunca antes havia ido para qualquer lugar que seja sem meus três filhos a tiracolo. Estávamos sentindo uma espécie de síndrome do carro vazio. Eu fiquei com o coração apertado, preocupada. Mas tudo ocorreu bem, elas ficaram bem e deu tudo certo até nossa volta. Quero escurecer que elas já estão grandes, Larissa com 21 e Gisele com 18 anos, e que por isso puderam ficar sozinhas.

Antes de ir a campo, organizamos tudo muito bem, calculamos, arrumamos todas as coisas antecipadamente. Arrumei os documentos necessários, tomamos todas as vacinas, ficamos em isolamento antes de ir, compramos máscaras de proteção individual, álcool, tudo conforme as normas de biossegurança para o combate e controle a pandemia de covid-19. Imprimi alguns materiais, outros deixei para imprimir lá. Levei formulário que havia feito com questões a serem trabalhadas nos momentos de entrevistas semiestruturadas e conversas que eu planejava ter com meu povo. Em minha cabeça, estava tudo muito bem organizado.

Contudo, o quilombo possui vida própria, literalmente. E diante disso, em basicamente todos os momentos eu fui percebendo que alguns questionamentos faziam sentido, e no mesmo momento já não fazia mais, e assim, fui sendo direcionada seguindo o fluxo de meu povo. Eu tive que me perder para conseguir me achar, e me encontrar, seguindo o fluxo determinado pelo meu campo de pesquisa, campo este que é a minha casa. Com tudo isso, o que essa antropóloga em formação percebeu foi que o meu campo quis me dizer, ou seja, não adianta chegar lá com nada muito planejado, seja você quilombola ou não, tem que se atentar aos movimentos diários, as epistemologias, ao não dito, ao não falado e ao que ele quer nos dizer.

O fato de eu ser de lá me causou alguns conflitos internos e inquietações necessárias para uma pesquisadora quilombola e aprendente de antropóloga, algumas coisas que daqui fazia sentido, lá não faz o menor sentido e ou deixaram de fazer e precisaram ser repensadas, reconstruídas a partir de afetamentos outros, de quilombo.

No mesmo dia que chegamos, após o almoço, minha mãe foi me mostrar suas plantas, ela sempre faz isso, mostrar as plantas dela. Eu comecei a brincar com ela que ia trazer de volta as plantas que eu dei para ela, porque já estavam muito bonitas, e ela sorriu dizendo “nunca, de jeito nenhum”.

Em seguida, ela entrou no quarto e pegou uma boneca de pano, e toda orgulhosa me disse que foi ela mesma quem fez a boneca. E com os olhos brilhando de felicidade, falou do projeto das Boneca Catarina, e com muito entusiasmo falou de como é bom ir para lá para o ateliê, embora fazer as bonecas fosse muito trabalhoso, afirma ela. Assim ela foi me contando de como era, do curso que fizeram para aprimorar os conhecimentos que já possuíam para a feitura das bonecas. Sentadas no sofá eu disse que queria aquela boneca, e fiquei brincando com ela. Mas ela disse que a boneca era para Maria Júlia (Majú), sua netinha mais nova e minha sobrinha. Mas que ia fazer uma pra mim, acho que foi para me consolar.

Mais tarde um pouco ela lembrou “vixe, ainda tenho que fazer os cabelos das bonecas, e é para levar amanhã”, levantou e foi lá dentro, chegou com umas linhas enroladas em palitos e me mostrou, “olha, aqui é os cabelos das bonecas, isso dá um trabalho, e sorriu”. Em seguida, ela ascendeu o fogo no fogão a lenha, e começou a procurar uma panela que cabia os palitos com os cabelos feitos de linha de crochê enrolados. Não achou nenhuma panela que cabia os cabelos, e falou:

- “E agora Toca? O palito não cabe na panela. ” (Toquinha é meu apelido lá em casa, no quilombo. Gosto mais dele do que de meu nome). Eu perguntei em que ela havia cozinhado os cabelos antes, e ela disse que foi lá em Madalena, e afirmou que Renildes era especialista nos cabelos das bonecas, e que havia feito uns bem bonitos. E assim, começamos a procurar uma panela juntas, e pensa que não, ela falou, que ia cozinhar numa forma de bolo, pois ela cabia os palitos. Pegou uma cola e colocou na forma e levando a forma ao fogo com os palitos dentro para cozinhar. Depois que eles ferveram ela me falou que estavam prontos e colocou em cima da caixa d`água para secar até no outro dia, para levar para o ateliê.

Figura 7-Minha mãe cozinhando os cabelos da Boneca Catarina.



Fonte: arquivos da autora

Dessa vez, resolvemos ficar em nossa casa, e não na casa de minha mãe como fazemos quando vamos a comunidade, pois a casa de minha mãe tem um trânsito intenso de gente e eu resolvi que ficaria em nossa casa para conseguir estudar por mais tempo no período da noite, que é o meu horário de mais rendimento.

Levamos nossas coisas lá para baixo, para nossa casa, que fica bem na frente da casa de minha vó Bitá. Nos organizamos em nossa casa, tia Domingas cuidou logo de levar rodo e desinfetantes para lavarmos a casa e tirar a poeira. Tinha muitas pererecas no banheiro, porque lá é beira de brejo, e tem muito mato e plantas, e esse era o motivo de ter essas moradoras por lá.

Depois, tia Domingas Cesário Rocha, que é irmã de minha mãe, mãe de quatro filhos, e bonequeira de Extrema, levou cobertores para a gente usar durante os dias que ficaríamos lá, pois ela disse que estava bem frio naqueles dias. De repente, quando estávamos terminando de limpar a casa, chegou nossa visita preferida, minha vó Bitá. E ficou olhando, como ela fazia antes de virmos embora de lá para estudar. Eu disse

brincando, senta aí vó para matar a saudade, e ela sentou sorrindo. Como eu amo aquele sorriso. Ela sentou e fomos conversar. Sorrindo, disse que foi bom demais a gente ter mandado rebocar a casa, pois estava perigoso cair. Perguntou pelas bisnetas, porque não foram. E eu expliquei o motivo, ela entendeu, mas estava com dó das meninas, por terem ficado, disse que poderiam ter ido pra não ficarem sozinhas, e que ela acha perigoso.

Depois elas chamaram para jantar, e nós fomos, em seguida viemos dormir. Ao deitarmos André e eu fomos conversar, sobre ir mais lá fora de pesquisa de faculdade, falamos sobre a necessidade de arrumarmos a casa, de fazer um fogão de lenha pra gente cozinhar, porque o nosso feito debaixo do pé de tamarindo era de madeira, deteriorou e caiu.

No dia seguinte, acordamos e fomos tomar café na casa de vó, lá em casa não temos mais o nosso fogão. Tomamos café e sentamos debaixo do pé de goiaba, que mesmo fora de época, estava carregado de goiabas docinhas. Tia Du pegou uma pinha madura e me deu, ela sabe que eu amo pinha. Por amar tanto essa fruta, tratei logo de plantar, e em nossa casa em Extrema eu tenho dois pés de pinha, e aqui em Aparecida de Goiânia eu tenho um pé que já deu sua primeira pinha esse ano. Tia Du e vó Bitá disseram que lá em casa esse ano deu tanta pinha que perdeu, os bichos comiam, mas não deram conta “perdeu pinha, Toca”, disse tia Domingas. “Deu tanta pinha, Toca, que ninguém deu conta de comer, disse ela”. E eu falei que aqui eu estava comprando caro, o kg de pinha, e era sem doce, não são iguais às de lá, que são sem agrotóxicos, são orgânicos.

Ainda em baixo do pé de goiaba, tia Du falou que naquele dia tinha que ir mexer com as bonecas, que Madalena já havia avisado no grupo. Elas têm um grupo para se comunicar sobre as bonecas, marcar e desmarcar os encontros. Disse que era bom demais, que Madalena chamou e ela e Carol sua filha, que resolveram participar do projeto. Passado um tempo, eu subi para casa de minha mãe e ela estava se organizando para ir para o ateliê Terezinha Rocha para trabalhar na feitura das bonecas, e me chamou para ir. Eu me organizei e fui com elas para o ateliê. Ao chegar lá, fui recebida com muitos sorrisos. E logo começamos a brincar. Eu disse que queria uma boneca pra mim, pois eram lindas. E as mulheres começaram a me mostrar as bonecas e falar delas com brilhos nos olhos. Madalena disse que o ateliê estava desorganizado naquele dia, mas que iria arrumar pra eu ver como elas fazem. E eu brinquei que não estava vendo nada desarrumado, que estava vendo era um lindo movimento de feitura das bonecas. Logo observei que elas estavam usando camisetas do projeto, e nas costas estava escrito, “Bisa,

vó, mãe minha inspiração”, e na frente estava estampada uma imagem de uma linda boneca negra.

Figura 8-Bonequeiras de Extrema no Ateliê Terezinha Rocha



Fonte: arquivos da autora

Com elas confeccionando as bonecas eu comecei a falar da pesquisa, e ali mesmo apresentei o projeto a elas. Elas demonstraram ter gostado, e disseram achar interessante. Renildes relatou que era muito necessária a pesquisa. Eu brincando disse a elas que só tinha um problema, que elas iam precisar assinar um documento (os documentos do Comitê de Ética em Pesquisa), e que o documento era para elas passarem todas as bonecas para meu nome, dando risadas. Todas ficaram morrendo de rir, e Renildes falou “olha Madalena uma desgrama dessa. Dizendo que os papéis é pra gente passar as bonecas pra ela”. No ateliê naquele dia estavam minha mãe, dona Jó, Maria Madalena idealizadora e coordenadora do projeto, tia Domingas, Ana Carolina, Fernanda, Renildes, Oraci Gomes, Maria de Fátima, Cinha, Giselan, Jocilene e Kannanda e as mulheres começaram a falar, que iam ler esses papéis direitinho e começaram a sorrir com a proposição que fiz para passar as bonecas para meu nome.

Renildes disse sorrindo que ia ficar de olho em mim e que poderíamos negociar uma boneca, sorrindo muito. Elas ainda não vendiam as bonecas, embora afirmam ter

muita procura. As primeiras foram pilotos, e cada uma ficou com a sua. As outras que estavam fazendo era para a escola da comunidade. E depois irão fazer para comercializar. O projeto é composto por mulheres quilombolas e pertencentes. Durante esse dia ficamos a tarde inteira sorrindo e brincando na feitura das bonecas.

No dia seguinte, fomos de novo. E lá em quilombo Extrema o movimento era esse, de manhã cuidar dos bichos e da casa, e a tarde ir para o ateliê. Chegando lá estava tudo muito bem organizado, pois haveria uma formação. Renildes logo me viu e disse, “tô de olho em você”, sorrindo, lembrando de minha proposta de passar as bonecas para meu nome. E eu logo disse a ela, para não vir atrapalhar meus negócios, sorrindo também. Em seguida, Madalena chamou todas para iniciar, rezamos o Pai Nosso.

Ela falou sobre como foi no início, que ela queria trazer uma artesã, mas que era caro e arrumou outra de Iaciara mesmo, mas houve um imprevisto e ela não pôde ir. E ela repensou e fez um curso pela “Educar”. Aprendeu confeccionar, ensinou as meninas em uma oficina para aprenderem e começaram a construir. Mas que ao começarem a construir elas foram modificando e fazendo com característica e cara das meninas de Extrema.

Ela contou que um dia chegou uma menina de Silvani lá e perguntou quantos anos tinha a boneca. Ela disse que nunca havia pensado sobre isso. E foi aí que pensou em construir bonecas com idades simbólicas diferentes. Elas falam que não existe uma boneca igual a outra, cada uma é diferente, assim como nós e que cada bonequeira emprega um jeitinho especial e único nas bonecas.

Na imagem abaixo, vocês verão as bonequeiras reunidas antes de iniciar os trabalhos para rezar. Somente depois de rezar, elas iniciaram as atividades na confecção das bonecas. Cada bonequeira estava vestida na camiseta do projeto. Elas nunca faltam as atividades, e muitas disseram que amam ir ao ateliê.

Eu acho muito importante esses trabalhos que fazemos aqui, além de compartilhar junto, né? Reunidas lá, ao mesmo tempo é uma terapia. É um trabalho que as vezes estressa a gente, mas no final das contas, quando a gente ver o resultado e satisfatório. E ainda ganha um dinheiro, é um extra a mais pra gente fazer alguma coisa. (MARIA DE FÁTIMA DA SILVA SACRAMENTO, 47 anos. Conversa em 11 de junho de 2022)

Figura 9- Bonequeiras reunidas antes de rezar para iniciar as atividades.



Fonte: arquivos da autora

E conforme a coordenadora do projeto disse “nunca terá uma igual a outra, assim como as pessoas são diferentes, as Boneca Catarina, são únicas”. Depois da reza do pai nosso ela começou um diálogo com as bonequeiras e passou um vídeo que discorria sobre a supremacia branca, e todas viram o vídeo com muita atenção. Após o vídeo elas dialogaram se já haviam se questionado sobre o fato de tudo ser branco. E também se elas sabiam o motivo de estar ali fazendo aquelas bonecas. Logo algumas responderam que tudo era branco por causa do racismo. E começamos um debate sobre racismo. Madalena falou que “o racismo mata, tem gente morrendo.”

Face a este debate, começamos a falar sobre a presença de situações cotidianas de racismo enfrentadas por nós todos os dias e todo sofrimento e prejuízo individual e coletivo que isso vem nos causando há anos. Diante dessa realidade, percorrendo com base no pensamento de Luciana de Barros Jaccoud (2008), a partir da conversa com as bonequeiras quilombolas de Extrema que demonstraram perceber e estão atentas ao racismo enquanto barreira que nos atravessa impedindo-nos de continuar a lutar pelos direitos de nosso povo quilombola, promovendo com isso a perpetuação de desigualdades provocando maior distanciamento para conseguirmos, inclusive, acesso a políticas públicas sociais. O que percebemos é que muitas vezes o racismo é sutil e silencioso, porém com a mesma violência. Ainda segundo Luciana de Barros Jaccoud (2008), “nem todos os mecanismos discriminatórios que operam em uma sociedade são atos manifestos,

explícitos ou declarados. Cabe destacar que a discriminação também opera de maneira difusa, sendo assim chamada de discriminação indireta ou racismo institucional”.

Durante a conversa, uma das bonequeiras, pertencente a nossa comunidade disse que ficava revoltada de ver que Madalena sendo a única mestra de nossa cidade e mesmo assim, não era valorizada como deveria. O que percebemos é que muitos momentos, a professora Madalena é vista como problema por quem está no poder em Iaciara, pois ela luta incansavelmente para fazer valer nossos direitos. Dessa maneira, a discussão continuou sobre essas práticas racistas que invisibiliza e exclui corpos negros, não importa a formação que tenhamos. Continuem acompanhando a autora abaixo.

A presença do racismo, do preconceito e da discriminação como práticas sociais, aliadas à existência do racismo institucional, representam um obstáculo à redução daquelas desigualdades, obstáculo este que só poderá ser vencido com mobilização de esforços de cunho específico. Assim, a implementação de políticas públicas específicas, capazes de dar respostas mais eficientes frente ao grave quadro de desigualdades raciais existente em nossa sociedade, apresenta-se como exigência incontornável na construção de um país com maior justiça social (LUCIANA DE BARROS JACCOUD, 2008, p. 137)

Na continuação da feitura das bonecas, Madalena falou do tempo curto que tinham para entregar as bonecas e dona JÓ, minha mãe, logo falou que elas estavam lá conversando, que tinha que ter começado logo mexendo nas bonecas. Na hora Madalena falou que não, que elas precisavam falar daquilo, pois mais na frente se elas passassem por alguma situação de racismo elas identificariam e saberiam se defender.

E foi aí que eu perguntei para ela, se aquele projeto é um projeto educativo. E ela disse que sim, “esse projeto é um projeto antirracista, é educativo, é um projeto político e visa formar essas mulheres”. Se elas precisassem fora dali a qualquer momento debater, dialogar sobre, explicar sobre, elas saberiam, pois não era apenas construir as bonecas, é com intuito de formar para enfrentar o racismo.

E eu fico pensando, como fazer isso, como alcançar algumas pessoas. Os filhos estão indo para a universidade, mas os pais ficam. E eu percebo uma certa exploração, as vezes, as mulheres, mulheres pretas. Pra que que elas servem, em Márcia? Esse projeto da Boneca Catarina, ele assim, os jovens já estão na universidade, nós já estamos caminhando lá, e as mulheres daqui? Nós temos que pensar nelas, pensar com elas, a partir dessas mulheres. Com essas mulheres que não acessaram a universidade igual eu e você. Que não tiveram por exemplo essa oportunidade. Por que a violência continua, aí eu penso, na questão por exemplo da valorização da matriarca, que contribuiu tanto dentro da comunidade, respeitadíssima, mas não reconhecida na sociedade assim. O dia que morreu doutor Jonas, fizeram uma carreata. (MARIA MADALENA DO SACRAMENTO ROCHA. Conversa em 15 de julho de 2022)

A professora Madalena relatou que o dia que doutor Jonas morreu (foi médico em nossa cidade), mesmo com alta de casos de Covid-19, ele tendo morrido de Covid-19, fizeram uma grande carreata na cidade. Mas o dia que mãe Catarina morreu, ela teve que ligar lá na prefeitura e pedir para escreverem uma nota. Mãe Catarina, além de ter sido, por anos, professora na comunidade, era benzedeira e parteira, ela pegou muitas crianças na comunidade, inclusive eu. Ela que me trouxe ao mundo. “Ela pegou os pretos, pegou os quilombolas. Ela pegou gente objetificada. Porque quem pegou gente branca, foi doutor Jonas. E aí ele foi reconhecido. Fizeram uma homenagem a ele, e a ela eu tive que pedir”, exclamou a professora Maria Madalena. Acompanhe logo abaixo a fala dela.

Essa questão da valorização da mulher. Sobre a valorização dessa mulher, essa mulher, esse projeto foi pro palácio, né. O governador, falou o nome da Catarina. Isso é pouco, muito pouco, ela deveria estar viva para sentir tudo isso, mas eu espero que ela esteja sentindo sabe, que ela merecia muito. E aí o que que acontece, além da valorização da matriarca, que é importante pra nós né, tem a questão também, do enfrentamento ao racismo, dessas mulheres. Que os filhos talvez, já estejam passando pelo processo de reconstrução de identidade, mas as mães ainda não entendem direito. (MARIA MADALENA DO SACRAMENTO ROCHA. Conversa em 15 de julho de 2022)

Diante dessa fala emocionante e que denuncia o racismo que além de estrutural é também institucional, que trata as pessoas de forma desigual, que não reconhece e nem valoriza o trabalho desenvolvido durante anos por uma matriarca quilombola, uma mulher que trouxe muitas vidas ao mundo, e que lutou para que pudéssemos chegar onde estamos, uma mulher à frente de seu tempo que enfrentava o racismo e lutava por nossos direitos de estarmos onde quiséssemos.

Observemos o que discorre Luciana de Barros Jaccoud (2008), no trecho a seguir sobre o racismo ela afirma que “sua utilização amplia as possibilidades de compreensão sobre o tratamento desigual, assim como permite identificar um novo terreno de enfrentamento das iniquidades no acesso e no atendimento de diferentes grupos raciais[...]”. Mesmo diante disso, sabemos que mulheres como ela e tantas outras que sempre foram objetificadas, silenciadas e desvalorizadas, e tiveram tratamento desiguais e que não tiveram suas lutas e conquistas reconhecidas, mas que apesar de toda violência ainda nos deu e continua dando forças para caminhar com esse projeto, com essa pesquisa.

Durante a feitura das Boneca Catarina, cada detalhe é decidido coletivamente, desde a limpeza do espaço, o lanche servido até a finalização de cada boneca. Cada mulher é valorizada, todas as bonequeiras são importantes. Lá elas dizem que trabalham

brincando. E algumas estão tendo a chance de, pela primeira vez ter sua própria boneca, e feita por elas mesma, disseram que esse trabalho significa alegria, tira o estresse, é paz, felicidade, a cabeça fica outra.

Madalena disse que se eu perguntar a cada uma, cada uma terá uma narrativa. Renildes, sorrindo muito, relatou que a boneca dela já ganhou uma dona, sua filha, mas que está com dó de ficar sem sua boneca. Tia Domingas enfaticamente afirmou que antigamente, não tinha nada em quilombo Extrema, a gente não fazia nada, não tinha movimento. Agora, a gente vai e faz, ocupa o tempo, e ainda ganha dinheiro, e é muito bom”. Veja a imagem abaixo Renildes com sua boneca.

Figura 10- Renildes e sua boneca



Fonte: arquivos da autora

No momento da feitura das bonecas, das trocas e conversas, brincadeiras e das risadas, elas mesmas falam que não separam o momento de trabalho do momento de brincar, e dizem que ao mesmo tempo que estão trabalhando estão brincando, se divertindo e sorrindo, e portanto, se fazendo presente no mundo, se transformando e transformando-o por meio de um trabalho brincante antirracista, educador, e isso é promovido por meio de uma prática diferenciada, práxis de quilombo.

Diferentemente da forma dominante, que regula as relações de trabalho da branquitude que não se pode, por exemplo, misturar o brincar com o trabalhar, que é um trabalhar que oprime, que prende dentro de um quadrado de regras e normas opressoras a serem seguidas, dificultando que o trabalhador tenha momentos afetuosos e felizes como no quilombo. O educador Paulo Freire (1981, p.55), afirma ainda que “os seres

humanos, como seres da práxis, transformam o mundo, processo em que se transformam também, significa impregná-lo de sua presença criadora, deixando nele as marcas de seu trabalho”.

Brincando e sorrindo, essas mulheres invisibilizadas, objetificadas, consideradas despossuídas de saberes, que vivem constantemente sendo atravessadas por violência como a racista, encontram alegria e com muito bom humor vão enfrentando e vencendo as lutas, construindo uma consciência antirracista de forma bem humorada, como aponta o autor abaixo que escurece afirmando que.

O mais incrível é que os despossuídos muitas vezes transformam sua impotência em algo útil e riem dela, e assim se elevam acima da desolação e do desespero. E por um triz conseguem salvar sua consciência humana, pois o humor é algo essencialmente humano. (ALBERT CHINUALUMOGU ACHEBE, 2012, p.18)

O trabalho das bonequeiras, é ao mesmo tempo um momento de diversão e um trabalho muito sério contra o racismo, pois vai fundamentar a identidade das meninas negras que com as bonecas brincar, além de ser formador de mulheres e mães, bonequeiras antirracistas. Forma e educa quem constrói as bonecas brincando e quem ao recebê-las brincar com elas. É um trabalho brincante extremamente sério como tudo que nos propomos a fazer, e não é porque é sério que precisa ser um ambiente triste. Para elas, é muito importante trabalhar feliz, e diante disso, por lá as risadas não param.

Durante a feitura das bonecas se conversa sobre tudo, sobre os filhos na faculdade, sobre rezas, sobre política, sobre políticas públicas, sobre educação e sobre racismo. É um trabalho brincante político que forma e transforma, é um trabalho antirracista educativo. E as bonecas tem as características das mulheres e meninas do quilombo de Extrema, porque são feitas por mulheres e meninas de lá.

A professora Maria Madalena fala que a ideia é, quando pegar a boneca despertar o desejo de querer brincar com elas, e se sentir ali, se vê na boneca. Mas que lá é um laboratório e todas estão aprendendo, e que aprendem fazendo e brincando. Mas que, por sermos negras, “temos que fazer duas vezes melhor” destaca ela, e que durante a feitura das bonecas “o meu erro é um erro de todas, o meu erro é um erro coletivo”. Então um dos lemas é não colocar algum equívoco, defeito na boneca, como culpa somente de uma pessoa, como fazem os brancos. No ateliê, todas têm a mesma responsabilidade, se acertam ou se erram, e assim estamos construindo bonecas, relações e identidades negras.

Nesses dias que estive com as bonequeiras do quilombo de Extrema, percebi que elas não desligam em lugar nenhum, nem por um momento, onde vão elas estão

conectadas com a luta antirracista, com as bonecas e umas com as outras, e assim elas vão sentindo e percebendo as bonecas outras, da vida real, que existem na comunidade e nos arredores. As mulheres vivem sorrindo e dizem que agora vivem brincando de bonecas, fazendo roupinhas, e que, na casa de algumas, as bonecas ficam em cima da cama. Diferente de quando nós éramos crianças e não tínhamos bonecas nenhuma, e muito menos bonecas pretas, relatou Renildes.

Nesse vai e vem na feitura das bonecas junto com elas, uma das bonequeiras me contou de seu desejo que de estudar. Falou sobre sua filha que está cursando Ciências Contábeis na UFG e de sua alegria por isso. Mas que agora fica difícil de ela estudar, e afirmou que já está formada com 6 filhos, sorrindo. Ela disse que antes do mais novo nascer ela queria, disse que ia fazer junto com filho dela o ensino médio, mas que agora já está passado, ela tem 41 anos. Aqui fica nítido as barreiras enfrentadas por uma mulher negra que é mãe, a luta se multiplica quando se é mãe. E desde sempre nossa história sempre foi marcada pela luta e pela resistência para estar nos lugares que afirmam que não podemos estar.

Nesse sentido aberto pelo conceito, resistência é agenciada como criação das possibilidades de vida que não se deixa definir pelo poder ou em relação a ele. A resistência se move como as artes, abrindo o caminho do possível, criando continuamente a vida. (SUZANE DE ALENCAR VIEIRA, 2015, p.23)

Em quilombo de Extrema como vocês perceberam ao longo dessa caminhada, alguns de nós falamos brincar e outros vadiar, os mais novos falam brincar e os mais velhos falam vadiar. Acompanhe minha tia Francisca Ferreira da Rocha, chamada por nós carinhosamente por tia Chica, ela fez 83 anos, é mulher quilombola anciã, matriarca de nossa família, filha de meu bisavô Pedro Cesário Rocha, irmã de meu avô Bento Cesário Rocha (falecido), e para ela “vadiar era quando a meninada se juntavam e vadiavam de durinho, vadiavam de roda, vadiavam de boneca de pano” que eles mesmos faziam, afirma a matriarca. E para minha mãe, dona Jó, “vadiar era brincar de boneca sentada no chão, fazendo as roupinhas”. Logo abaixo, padrinho Zé também fala do tempo de menino que ele vadiava junto com os outros meninos de sua época de infância. Vadiar no quilombo é ao mesmo tempo construir o brinquedo e brincar, vadiar passa por um processo criativo e de construção do brinquedo. Se você quer brincar, antes terá que construir o brinquedo e as regras do brincar. O processo de construção geralmente gira em torno do espaço educador, o quintal das casas.

Quando eu era menino eu vadiava naquela época era... as vezes a gente não tinha condição de comprar bola, e fazia aquelas bolas de sacolas, enchia de sacola, enchia de pano para vadiar, chutar. Era assim, as petecas também, jogava peteca. As bolas, a gente botava não sei quantas sacolas e amarrava bem amarradinho, a gente dava cada chute, metia o pé. Risadas... Era uma felicidade, era. A gente também saía e se divertia com os amigos, ia para o córrego, pro riacho ali a gente banhava, juntava aquela galera, Zé vieira, e brincava lá. Às vezes a gente pegava o Badoque e saía pilotando, vigiando as roças, pai botava a gente para vigiar as roças, né, arroz, milho. (JOSÉ EVANGELISTA ROCHA, 58 anos. Conversa em 12 de julho de 2022)

Hoje não, Márcia. A brincadeira mudou, tá mais moderno. Naquela época, a brincadeira das crianças daquela época era mais divertida, era bola e tudo mais. Hoje tá bem mais moderno, tem biloca, tem dominó, tem um bocado de coisas que eles vêm brincando. Tem celular que eles jogam muito. Criança de hoje é mais invocada com o celular. A gente nem sonhava que ia ter um dia, hoje mudou muito. Antes era mais misturado o trabalho com as brincadeiras. (JOSÉ EVANGELISTA ROCHA, 58 anos. Conversa em 12 de julho de 2022)

Tio Abadia me contou ainda que no tempo que ele era menino, ele aprontava muito e fazia muitas *estripulias*. E durante a conversa, ele escureceu que no tempo que ele era criança os brinquedos eram eles mesmos que faziam, antes de ir vadiar tinha que construir os brinquedos. Vamos seguir com ele na fala abaixo e na sequencia temos uma fotografia.

Quando eu vadiava era no Badoque pilotando. Eu já fiz estripulias que só vendo. Bola quando tinha era uma meia enchida de sacola, pano. Depois os meninos de Guilherme foram os primeiros que foram para Goiânia e trouxeram bola de dente de leite. Quando pegava na costela, chega queimava e ficava a mancha. Risadas. As bolas eram fervidas para não furar e ficavam duras. Nem bomba pra encher as bolas não tinha, enchia era de boca. Mas a gente jogava. Tinha vez que eu ficava, eu perdia o almoço vadiando de bola. A gente vadiava de dupla e trio. (ABADIA CARDOSO, 72 anos. Conversa no dia 11 de julho de 2022)

Naquela época tinha muitos jovens. A gente brigava feito o diacho, no jogo. Sempre tinha uns que puxava pra *caçar encrenca*, seu pai mesmo gostava de *caçar encrenca*. Mas era encrenqueiro que só o capeta. Eu tinha uma raiva de Alberto. Mas Alberto era bom de bola, era os melhores. Dos filhos de Leandro os melhores era Alberto e Cirnande. Aquele movimento fia, acabou. Aqui lotava de gente. (ABADIA CARDOSO, 72 anos. Conversa no dia 11 de julho de 2022)

Figura 11-Abadia Cardoso com seu rádio a pilha contando suas estripulias do tempo de criança.



Fonte: arquivos da autora

Tio Abadia é primo carnal de meu pai Alberto, o pai dele é irmão da mãe de meu pai. Ele me contou que está com 72 anos, e ainda trabalha na roça, planta e colhe, cuida das criações, porcos e galinhas, e me disse que vai e volta de bicicleta do quilombo de Extrema até Iaciara, um percurso de 6 km de estrada de chão (agora fizeram o asfalto). Ele trouxe uma questão muito relevante, sobre o que a mulher podia e sobre o que a mulher não podia, naquela época, vejamos.

Depois não, ficou bom aqui, que até as meninas entrou para jogar, mas *desmantelaram* de novo. Naquela época, ninguém queria que mulher jogasse, mulher era cuidar de casa. Mulher hoje anda voando, mulher hoje quer andar é no ar e por cima de tudo. Ontem mesmo no fantástico (programa da Globo) eu tava olhando uma mulher que desde que tinha 11 anos que o sonho dela é ser mecânica. E ela *incutiu* pra mexer foi com isso, e ela hoje ela é dona da autoescola de tirar carteira. O sonho dela era mexer com motor de carro. Bichona bonita. Risadas... Porque que não sou mecânico também. Um mecânico com uma mecânica tá bom demais. (ABADIA CARDOSO, 72 anos. Conversa no dia 11 de julho de 2022)

Contudo, no dicionário da Língua Portuguesa, Silveira Bueno (p.786), vadiar é o mesmo que “andar ociosamente; levar vida ociosa; não estudar; não trabalhar; vagabundar”. Ou seja, vadiar é uma palavra que tem relação com os negros e por ser coisa de negros é colocado de forma estereotipada. Apesar disso, seguimos firmes vadiando e

brincando, e desconstruindo conceitos estereotipados sobre o que diz respeito a nós, a partir do quilombo.

Sabemos que após a abolição da escravidão, que foi pensada justamente para manter as hierarquias e as formas de repressão e violência, e conseqüentemente, continuar mantendo o controle da população negra no país, nosso povo negro foi jogado às traças, sem um mínimo de direito. Tudo de forma articulada para assim, estrategicamente, perpetuar violência e as desigualdades que repercutem até os dias de hoje. Acompanhe os pensamentos das autoras abaixo.

Não sendo previsto aos egressos da escravidão qualquer mecanismo que viabilizasse a inserção social ou ao mercado de trabalho, a procura de um trabalho assalariado por essa população representou um inchaço dos centros urbanos de um expressivo contingente de ex-escravizados, visto que muitos não apresentavam qualificação para ofícios urbanos ou simplesmente eram rejeitados pelo preconceito estrutural. Assim, o Estado passa a dispor de novos mecanismos de controle dessa população, que egressa da escravidão, não conseguia compor um grupo de assalariado. (SILVIA CAMPOS PAULINO, ROSANE OLIVEIRA, 2020, p.97 e 98)

Ainda caminhando com as autoras, a vadiagem era usada como forma de higienização dos grandes centros urbanos, e assim, uma forma de manter o controle da população negra, tirando e afetando, inclusive, nossos direitos de ir e vir, nossos poderes de escolha de onde e quando trabalhar, impedindo e limitando a circulação de nosso povo negro, e conseqüentemente, dificultando nossa luta pela vida.

O controle populacional urbano da figura mitificada do “vadio”, como a personificação da criminalidade, incutia no imaginário social a necessidade de higienização das cidades, visto que o desenvolvimento e a “beleza” urbana perseguida não correspondiam à pobreza. (SILVIA CAMPOS PAULINO, ROSANE OLIVEIRA, 2020, p.104)

O que esperar em um país em que fomos escravizados e que negro não era considerado gente, mesmo após a suposta liberdade, e tudo que fazíamos era e ainda é demonizado, criminalizado. Em um grande descompasso com a realidade brasileira massacrada com resquícios da escravidão, embasado legalmente pela Constituição de 1937, o Decreto de Lei nº 3.688/1941, também conhecido por Lei da vadiagem, ou Lei das Contravenções Penais, considerava crime sob pena de prisão, vadiar/andar de forma ociosa. Como podemos ver abaixo, a violência era e ainda é em muitas situações, com o respaldo das Leis.

“Art. 59. Entregar-se alguém habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência, ou prover à própria subsistência mediante ocupação ilícita.”

“Pena – prisão simples, de quinze dias a três meses”. (BRASIL, 1941, Art.59)

Na capoeira, que tinha seu público majoritariamente composto por negros, também se vadia, se brinca, se joga, e nessa sociedade racista, vadiar, e portanto, vadio era posto como algo que impedia o progresso da sociedade brasileira, e sendo assim, a capoeira também era criminalizada no período da escravidão, após a abolição e até há pouco tempo, apesar do trabalho que vem sendo feito diariamente para desconstruir esses e outros preconceitos, rótulos e estereótipos no que diz respeito a nós.

Apesar de toda violência, acompanhemos o que consta na pesquisa de Isabela Guimarães Rabelo (2014, p.21), pois ela elucida que “vale ressaltar que a vadiação é o modo como a comunidade capoeira também entende a prática de estar no ambiente da capoeiragem. Vadiar é brincar, é jogar capoeira, é estar na roda.” No Brasil, a capoeira é uma das maiores manifestações populares afro-brasileiras, e “representa o trabalho de reconstrução coletiva de um passado que continua presente, fortalecendo os vínculos de relacionamento de um grupo”, salienta a autora.

Antigamente em quilombo de Extrema, lembro de ver as mulheres mais velhas dançando Sussa nos momentos festivos religiosos como nos mastros e os homens tocando e dançando Curraleira nas folias. Contudo, infelizmente, isso foi se perdendo ao longo do tempo, foi enfraquecendo, muito devido ao pouco interesse dos mais novos, como relata minha mãe, dona Jó, “o povo não interessa mais como antigamente”, e sobretudo, após as mortes de algumas susseiras mais velhas.

Existe em curso, um resgate de nossa cultura que foi sequestrada pelos colonizadores. Observe os escritos da professora Maria Madalena do Sacramento Rocha em sua dissertação de mestrado (2019, p.87) ”uma semana antes do Mastro de Santa Terezinha, Magda, Nazaré e Senhorinha ensinam algumas mulheres de Extrema dançar Sussa”. Podemos ver nesse trecho que vamos aprendendo e ensinando uns aos outros, a tentativa é para que nossa história, nossa cultura não se perca, e que as violências não roubem nossa alegria de viver, nossos sonhos e os movimentos que nos fazem sermos exatamente que somos, quilombolas.

As susseiras citadas pela professora Maria Madalena são do quilombo vizinho/irmão, do quilombo Levantado. As mulheres mais novas de Extrema, desaprenderam a dançar sussa, e precisou dos ensinamentos de outras mulheres para

reaprender a dança. Sussa é uma dança que faz parte da manifestação religiosa, é uma mistura entre o sagrado e o profano, é uma dança cultural do povo quilombola de Extrema e região. Desde que eu era criança, eu via os mais velhos dançarem sussa após a levantada do mastro. Lembro de minha tia Chica dançando Sussa, de mãe Catarina dançando sussa e muitas outras. Em sua dissertação, ela relata que “na Sussa, o som do tambor envolve as mulheres mais velhas” (p. 88), e algumas mais novas, interessadas, já se movimentam na tentativa de aprender.

Quando eu era criança, lembro de ver as mulheres dançando, girando e rodando com suas saias longas e coloridas ao final dos mastros em Extrema, era muito emocionante, contagiante. De acordo com a professora Maria Madalena (2019), “esta experiência pode ser o recomeço da Sussa em Extrema”. Os homens, após a folia, vadiam Curraleira, tocam e dançam com seus instrumentos nas casas que a folia pede pouso. Vadiar durante a os festejos é um dos momentos mais emocionantes que temos no culto religioso de giro de folia e levantamento de mastros. A professora Maria Madalena (2019) em sua dissertação de mestrado afirma que “[...] danças da Sussa e as brincadeiras da Curraleira marcam profundamente a identidade de Extrema[...]”. (p.87)

O que percebe é que existe em Extrema uma grande luta para que todas essas expressões culturais e religiosas não se percam. E tem sido feito muitos trabalhos para que possamos permanecer com nossas formas de expressões culturais. Os desafios são muitos, sabemos e sentimos na pele o preconceito e o racismo que vem sendo enfrentado diariamente. Hoje temos a Constituição Democrática de 1988, que preconiza, ao menos no papel, igualdade de tratamento independentemente da cor, e que respeita a dignidade humana.

Ainda tratando sobre vadiar em quilombo de Extrema, eu ia entrevistar Luiz Henrique, uma criança de 11 anos. Contudo, meu filho Gustavo me pediu para conversar com ele sobre a pesquisa, eu não podia negar um pedido desse. Eu fiquei muito surpresa, e pensei, será se está nascendo, se temos aí um pequeno antropólogo nesse corpinho de criança. E aí eu aceitei a ajuda de Gustavo meu filho. Vale ressaltar que tivemos autorização prévia da mãe da criança, com a assinatura dos documentos para que ocorresse a entrevista, conforme assevera o Comitê de Ética em Pesquisa da UFG.

Elaborei as questões e disse a Gustavo que, caso julgasse necessário, poderia dialogar e acrescentar mais elementos na hora da conversa com Luiz Henrique. Enquanto eu fui conversar com tio Abadia na casa dele, o Gustavo foi entrevistar o Luiz Henrique. Ele, diferente de mim, usou o bloco de notas que ele mesmo baixou no meu celular e fez

a entrevista. De longe eu fiquei observando. As duas crianças saíram e foram sentar debaixo de um pé de planta em frente à casa de tio Abadia, que é avô de Luiz. E as duas crianças começaram a conversar entre si, o Gustavo entrevistando o Luiz Henrique. Ao terminar a entrevista com o Luiz Henrique, o Gustavo veio conversar comigo

Ele disse que explicou a Luiz Henrique que a entrevista era para minha pesquisa, minha pesquisa do mestrado. Ao conversar com ele o Gustavo afirmou ter perguntado sobre o que ele gosta de brincar, e ele respondeu que gosta de brincar de “jogar bola, brincar de bandeirinha, pique-esconde e polícia e ladrão”. E Gustavo continuou, relatou ter perguntado se ele tem o hábito de comprar brinquedos, e ele respondeu que não tem o costume de comprar brinquedos, muito não. E que gosta mais é de brincar junto com outras crianças do que sozinho, igual eles brincam na pracinha.

Eu me senti provocada a saber como foi para o Gustavo participar da pesquisa nesse lugar outro, de criança que produz e constrói conhecimento e sabe a importância dele, de criança que necessitou aprender desde cedo que é preciso encarar o racismo de frente, e mesmo ainda sendo um corpo pequeno de pesquisador quilombola, ele já reconhece e reivindica o seu lugar de fala, seu espaço, e sabe que é onde ele quiser estar.

E ele expôs que foi muito bom fazer a entrevista com Luiz Henrique, e que sentiu igual a mim “eu me senti igual a senhora, mãe”. E eu questioneei, igual a mim como, em que sentido? Você sabe como me sinto? E ele narrou, que acha que me sinto feliz, porque a senhora faz o que gosta. E que ele também gosta e acha importante estudar essas coisas.

Como vocês puderam perceber, alguns mais velhos usam a expressão *vadiar*, e os mais novos usam a expressão brincar. Existe uma variação, pois as crianças pequenas já sofreram influências externas ao quilombo. Por esse motivo, uso as duas expressões, *vadiar* e brincar.

Sendo assim, *vadiar* e ou brincar no quilombo se diferem do brincar dos brancos, no sentido de que, seus processos iniciam-se na confluência entre os corpos negros dos sujeitos vadiantes e brincantes e o ambiente que também é vivo e cheio de significações. Corpos estes e processos que por serem negros, objetificados, nem se quer são vistos como construtores de conhecimentos, como saberes e momentos de aprendizagens e trocas.

Existe no quilombo uma respeitosa e necessária relação com a natureza, com o ambiente, com esse espaço formador, espaço educativo pois é lá que os processos criativos são aflorados e potencializados. O ambiente que se dá o brincar, onde são feitos os brinquedos e são inventadas as brincadeiras quase sempre é a natureza. É no quintal,

no terreiro da mãe, da tia, da avó com o olhar cuidadoso de todos ali. Isso se dá porque, tudo que é usado nesse processo são retirados da natureza, a matéria prima é encontrada nesse ambiente, ao ar livre, no *monturo*, numa volta com olhar atento que a criança dá pelo quintal. Não é uma coisa pensada e programada, do tipo, vou sair para buscar isso ou aquilo. No caso, elas saem e são surpreendidas pelo que os quintais lhes oferecem.

Os processos criativos e o imaginário são aguçados e potencializados, e é aí que ocorre as invenções de muitas brincadeiras, muitos brinquedos, e principalmente, das regras que são elementos necessários durante o movimento que envolve o brincar e o vadiar. E sendo assim, apesar de ser um vadiar inteiramente livre, existe uma organização interna, existe uma *reverência* as regras construídas durante o ato, aos espaços, ao tempo, e aos corpos envolvidos naquele momento. Para a professora Madalena, “o brincar é um ritual”. Tem etapas a serem seguidas, como por exemplo, ao brincar de pular corda, um segura de um lado, outro do outro e o que pula, antes de pular, tira o chinelo, se alinha a corda, e dá o sinal.

Tudo isso é imprescindível na vida das crianças quilombolas, pelo fato de ali começar a se dar as confluências, as construções das relações, do conhecimento mundo, conhecimento sobre a natureza e sobre o outro. Contudo, tio Manoel Bispo, Contador de História de nossa comunidade conta que, muito por causa do celular, eles estão perdendo, não constroem como no tempo que ele era criança, inclusive o respeito que é construído e exercitado na hora do vadiar. Acompanhem a explanação que ele faz,

Pai mais mãe falava, vocês tão brincando, vocês acaba a brincadeira com a brincadeira. A regra era não brigar. Cavalos de pau eles não brincam mais aqui, eles perderam, fica mais é no celular e não constrói mais o respeito como antes. Quando eu era criança, a gente conversava, sentava e conversava, e brincava. E ali ia educando. Ia ensinando e aprendendo as coisas. Eu fico em dúvida... *respirou fundo*. Às vezes a gente tá aqui e a pessoa no telefone, não escuta. Às vezes a gente quer conversar e não conversa mais. Isso prejudicou a aprendizagem, a interação. (MANOEL BISPO, 65 anos. Conversa em 14 de julho de 2022)

Na época que ele era criança, e também na época que eu era criança, não se via sequer falar sobre celular, televisão e todas essas tecnologias. Em algumas casas as pessoas tinham no máximo um rádio a pilha, mas não eram todas. E desse modo, não tínhamos acesso a essas tecnologias de branco, nossas tecnologias no quilombo são outras. E por isso, na fala dele é visível o que ele traz sobre os momentos juntos serem melhores aproveitados. Como os conhecimentos eram construídos e as relações, inclusive as de respeito, serem construídos de forma coletiva nos momentos em que estavam

vadiando. A partir dessas falas, percebemos que existe outros possíveis em espaços educativos que não são considerados e hoje sofrem com tentativas de apagamento e silenciamento.

As crianças do quilombo nem sempre possuem carrinhos de controle remoto, tampouco bonecas que falam, mas têm árvores, morros e lagos para brincar. Elas criam enredos, criam cenas e dão seu próprio desfecho a histórias das quais elas são autoras e atrizes. Portanto, falo aqui de crianças que ainda brincam...que brincam na ‘rua’, que brincam sem ter que prestar contas, que brincam, brigam, choram, ficam de mal, fazem as pazes e começam tudo de novo...a cada dia e de acordo com seus mundos e, portanto, pela perspectiva da infância e não do mundo adulto. (ELAINE DE PAULA, 2019, p. 275)

Podemos então descortinar os olhos, e nos fazer sentir, perceber o que provoca em nós o vadiar, o brincar e as brincadeiras. Elas rompem barreiras, aproxima e nos atravessa, sejamos nós pequenos e ou grandes corpos, pois são cheios de significações. Elaine de Paula (2019) assevera que “no quilombo, as crianças mantêm uma grande rede de relações, vivenciando aprendizagens e socializações em diferentes momentos e lugares, com adultos, adolescentes e, especialmente, com seus pares”.

Pedagogicamente, sabemos que o desenvolvimento das crianças ocorre quando elas essas estão brincando, vadiando, ou seja, se dá no brincar. E isso é potencializado quando no quilombo, esses brinquedos e brincadeiras são construídos pelas próprias crianças, são inventados ali na hora, e ocorrem, geralmente, em ambientes abertos, como os quintais das casas no quilombo, e assim, concordo com Cavalieri, Melo e Tiriba (2022, p.186), que salientam que “essas experiências nos provocaram a fabular outros possíveis com nossas crianças, a escavar com elas as brechas necessárias por seu direito ao brincar na natureza, repensando nossas relações com os diferentes tempos e espaços educativos”.

E para sentir e viver a potência que o aprender vadiando provoca em nossas mentes e em nossos corpos, e fazer emergir essas linhas, se faz necessário antes de mais nada ressignificar a figura do antropólogo, do etnógrafo que passa por um necessário processo de desconstrução e reconstrução, por meio da ponte que vem tentando desconstruir com um passado de objetificação para se construir uma nova ponte com a alteridade, e seus novos modos de perceber as diferenças, para assim, poder viver esse processo e acompanhar o fluxo, as mudanças, os movimentos e lidar com as novas epistemologias enquanto necessidades emergentes a partir dos sujeitos que fazem essa engrenagem movimentar. Dessa vez, a ponte a partir das diferenças, do respeito a elas, a ponte com a alteridade nós mesmos estamos reconstruindo.

Essa pesquisa, ela parte da premissa e caminha por um lugar outro, pois foi pensada e está sendo construída por uma pesquisadora quilombola na coletividade com nosso povo. Essa é a diferença quando se pesquisa de dentro do próprio quilombo e expande para fora dele, de dentro para fora, e não o contrário, como sempre foi feito.

Até aqui durante a pesquisa, foi preciso fazer um trabalho minucioso para não ser sufocada pelo eurocentrismo que ainda opera fortemente, e foi por isso que necessitei caminhar com os meus, para juntos, lutar contra a hierarquização dos conhecimentos, que o conhecimento dos negros é considerado sem valor, e por isso, quisemos juntos trazer nossas diferenças e com isso, enfrentar o racismo tendo como princípio a valorização dos nossos conhecimentos e o respeito a esses e tantos outros saberes que vêm sustentando essa sociedade racista.

É preciso repensar o fazer antropológico, sobretudo agora, pois lutamos para conquistar muitos espaços e direitos e estamos desconstruindo dia após dia e lutando contra as insistentes tentativas de sermos tratados como objetos de estudos e pesquisas, mesmo que de forma disfarçada como ainda existe hoje em dia uma objetificação sutil. Percebemos diariamente que ainda há uma objetificação disfarçada, apropriação de conhecimentos e de saberes que são ancestrais, e portanto, preciosos para manutenção de nossa existência. Assim, concordando com Ana Mumbuca, mestra do quilombo Mumbuca no Jalapão no estado do Tocantins que discorre que,

Em se tratando do universo acadêmico, o fato é que, em grande parte dos casos, as pesquisas feitas em quilombos são construídas a partir de interesse, exclusivamente, da academia ou do pesquisador, existindo assim uma correlação desigual de interesse e poder. (ANA CLAUDIA MATOS DA SILVA, 2019, p.15)

Quando chegamos em Extrema, construímos nossas casas do barro, fizemos carreiros ligando umas às outras, e nós éramos os nossos próprios educadores, e o quilombo, a casa de quem sabia ler e escrever um pouco, se tornava espaço de ensino e de aprendizagem. Mas as coisas mudaram, escolas foram construídas, e os professores passaram a vir de fora, com raras exceções de um ou outro professor quilombola, como a professora Maria Madalena que vem travando uma luta incansável com o racismo estrutural.

Hoje, estamos pesquisando e fazendo ciência no quilombo. Ensinar e aprender no quilombo como fizeram os nossos desde quando chegaram em quilombo de Extrema. Pois todos nossos conhecimentos e saberes são ciência, e o quilombo é o laboratório que nos proporciona desaprender-reaprendendo, tomando como base nossos saberes

ancestrais que sempre foram usados, contudo, nunca considerados enquanto conhecimentos nos espaços de poder e de tomadas de decisão, que decidem inclusive sobre nossa própria existência.

A maioria das coisas que aprendemos sobre nós nas escolas da branquitude foi de forma equivocada. Assim, éramos violentados dentro das paredes das escolas. Nas escolas, tentaram enfiar em nossas cabeças que nós éramos inferiores, menos capaz, não nos víamos nos livros, e quando nos víamos era de forma humilhante, entre tantas outras formas de violência explícitas e implícitas, sutis.

Ainda estamos resistindo apesar de tudo, e a partir das brincadeiras que se dão nos quintais e terreiros enquanto espaços educativos, formativos, sempre recorremos também aos saberes aprendidos com os mais velhos e também com os mais novos, e a nossa memória ancestral, pois sempre foi com os mais velhos que nós, mais novos, aprendemos sobre as coisas essenciais da vida no quilombo, por meio do fazer-brincando que abre espaços para aprendizagens diferenciadas, sobre o que uma criança negra do quilombo de Extrema precisa saber para viver, ou sobreviver aos emaranhados de desafios que já começam a surgir desde a primeira infância na vida das crianças quilombola de Extrema, e é assim que vamos construindo estruturas para sobreviver na vida adulta.

Há princípio, por meio da cosmologia quilombola precisamos levar em consideração que o brincar no quilombo vai na contramão do brincar eurocentrado, de resquícios colonialista e dominante com a hierarquização dos conhecimentos, principalmente por que no quilombo, damos valor ao que não é considerado valioso e que insurgimos nos terreiros e quintais das casas desde quando somos pequenos, a partir dos ensinamentos dos mais velhos e nas intrínsecas relações de uns com os outros, e portanto, o brincar no quilombo é vadiar, e o quilombo é um laboratório de ensino e aprendizagem.

E é assim que começamos construir os diversos mecanismos de luta e de resistência por meio das aprendizagens que se dão das mais diversas maneiras, muitas vezes sem que nos demos conta, entre elas no fazer e aprender vadiando, e no fazer das crianças com os movimentos de seus corpos negros ainda pequenos e na relação com o ambiente em que vivemos que é rico por natureza.

Em Extrema, desde que me entendo por gente, como costumamos dizer, gostamos de vadiar juntos nos enormes terreiros ou como gostamos de falar “nos *monturos* no meio das *pudiqueiras*”, local preferido de muitas crianças do quilombo de Extrema, pois lá encontramos muitos materiais necessários para se construir os mais diversos brinquedos e inventar novas brincadeiras. Os terreiros são sempre muito bem cuidados nas casas em

Extrema. Penso que as avós e as mães sabem muito bem o motivo pelo qual elas varrem o terreiro ao menos uma vez na semana, conscientes ou não, estão cuidando de um ambiente educativo.

Tudo virava brinquedo nas mãos das crianças de minha geração. Ramas de mandioca secas viravam esteios de casinhas de brinquedo, e os irmãos e primos se tornavam os compadres e as comadres, e por aí começavam as relações, que na grande maioria das vezes se davam por imitações aos mais velhos.

Simbolicamente, por meio do imaginário das crianças do quilombo de Extrema, já começavam a serem estabelecidas as relações como as de apadrinhamentos, que são elementos fortes na vida de meu povo negro e que vêm sendo alinhavadas e construídas desde pequenos, e assim vão sendo passadas de uns para outros.

Uma das coisas que eu sempre gostava muito era fazer pelotas de barro junto minha vó Bitá¹⁷ na casa dela, ela nos ensinou isso muito bem. Ela sempre diz, “tem que pegar o melhor barro, não é qualquer barro”, nesse caso do barro o melhor é o mais ligento, o que não racha fácil e é muito bom para moldar as pequenas bolinhas que depois de secas seriam usadas para correr com os animais que costumam comer nas roças.

Como uma criança arteira, cheia de curiosidade e de criatividade, eu sempre aproveitava parte do barro que ela fazia pelotas para fazer panelinhas e bonecas de brinquedo. E ela sempre brigava, pois segundo ela, se pegássemos muito barro, as pelotas não seriam suficientes para pelotar com o badoque nos bichos que atentavam nas roças e comia as plantações.

Na beira do brejo ou da barragem, depois de sentir a sensação do barro bem frio, de pegar barro e fazer panelinhas, jogo de xícaras e também bonecas de barro entre outros brinquedos, a melhor coisa era ficar perto dela, vendo como ela fazia, como ela moldava e colocava para secar com todo cuidado e paciência. Ali eu percebia que tudo que fazemos é necessário fazer com muito capricho, como minha vó amassava bem o barro, caso contrário, as panelinhas rachavam.

Eu falo dessa jornada conduzindo a casa da avó, ainda que nosso avô more ali também. Em nossas mentes jovens as casas pertenciam as mulheres, eram seu especial domínio, não como propriedade, mas como lugares onde tudo o que realmente importava na vida tomava lugar – o caloroso e confortante abrigo, o alimento para os nossos corpos, a nutrição para nossas almas. Lá aprendemos dignidade, a integridade do ser; lá aprendemos a ter fé. As pessoas que faziam essa vida possível,

¹⁷ Vó Bitá é minha avó materna, trabalhadora rural, esposa de meu avô Bento (falecido). Mãe de 5 filhos, avó de 17 netos e 9 bisnetos. Hoje ela tem 87 anos e cuida da casa, do quintal, da roça e dos animais. É benzedeira de vento caído, e de chuva de vento.

que foram nossas primeiras guias e professoras, foram mulheres negras.
(bell hooks, p.01)

Pegando algumas pedrinhas no monturo dava para brincar de coricocó, uma brincadeira que também era de brincar juntos, como muitas brincadeiras no quilombo. Essa brincadeira era uma das preferidas das crianças de minha época de infância. Sentados no chão, com as pedras em cima de uma das mãos, e outra pedra escolhida para ser o galo (galo é a pedra principal), já podia começar a brincadeira. Não era qualquer pedra, tinha que ser a melhor pedra, no tamanho e na medida certa e assim, se fazia necessário um trabalho minucioso de seleção das melhores pedras, fazendo-se necessário uma busca criteriosa pelo quintal. Eu quando era criança gostava das pedras mais brilhantes e redondas. Sempre que eu encontrava as pedras, eu lavava-as e depois selecionava as melhores. Em dupla ou em trio, sentados no chão, dada a abertura da jogada, se jogava as pedras para cima, e a ordem era pegar o máximo que puder de uma vez sem deixar cair no chão, e depois, com o galo na mão, ir jogando e pegando uma a uma, até pegar todas, ou deixar o galo cair e passar a vez.

Brincar de biloca era uma das brincadeiras de todos os dias debaixo do pé de manga da casa de vó Bitá. Lembro até hoje de ela brigar com a gente por causa dos buracos que abríamos no terreiro que ela varria com tanto capricho sempre às sextas-feiras ou aos sábados. Ao amanhecer o dia, embaixo de uma árvore bem grande com bastante sombra cavávamos três buracos rasos e alisávamos suas bordas com as mãos, e cada um com sua biloca começava a brincadeira, quem fizesse as três casas primeiro ganhava a rodada.

Fazer boizinhos com manguinhas caídas no chão era muito divertido. Alguns tinham o rebanho de boizinhos de manguinhas maiores que os outros, e a disputa era para saber quem era o maior fazendeiro, com maior número de bois. Era preciso fazer cercas e currais para prender os animais de brincadeirinhas pelo risco de eles fugir, e cuidar dando água e levando-os para pastar.

As bonecas eram feitas de pano e de algodão que colhíamos no quintal, na natureza. O tecido precisava ser bem selecionado, e eu amava os coloridos. Cortar no formato de boneca, costurar e depois preencher o corpo da boneca com o que sobrava dos tecidos. Era felicidade na certa, e com elas brincávamos de mamãe e de filhinhas.

As cosmovisões de comunidades tradicionais, avessas à modernidade, nos convidam a outras imagens do mundo e a imaginar outra educação com a natureza. Essas cosmovisões, além de trazerem alento e poesia, nos provocam a entender os movimentos políticos e epistêmicos

advindos dessas imagens. De encantamentos a enfrentamentos (de existências a r-existências) palmilhamos o devir de territórios tradicionais e das formas como as crianças neles são cuidadas e concebidas. (CAVALIERI, MELO, TIRIBA, 2022, p.178)

Fui a primeira vez à escola aos sete anos de idade, naquela época as crianças eram enviadas à escola ao fazer sete anos. Lembro exatamente como foi aquele dia. A primeira coisa que vem em minha cabeça é que fui com caderninho numa sacola de arroz. Somente com a vontade e o desejo de estudar, e talvez foi essa parte de minha vida que me fez chegar aqui.

Ingressar na escola sendo uma criança negra nos faz passar por muitos atravessamentos e ter que enfrentar muitas coisas pesadas para qualquer criança. Antes disso, eu não sabia o que era racismo. Nunca tinha ouvido ou visto alguém dizer essa palavra. Sempre vivi na comunidade e não ia muito a cidade. Hoje, quando resgato tudo isso em minha memória, penso que talvez os adultos evitavam em nos levar numa tentativa de nos preservar de toda essa violência.

E até então, embora eu já tivesse presenciado situações de racismo na infância quando, por exemplo: nos chamavam de os negos da Extrema”, “os pretos da Extrema”, entre outros, foi na escola que começou a doer em mim. Pois meu corpo negro sempre foi marcado por uma ferida que não fecha, e que sempre reabre mesmo nos corpos negros de crianças. Deste modo, mesmo que eu não compreendia muitas formas racistas e discriminatórias, elas sempre existiram e me atravessaram, mas são naturalizadas, e muitas vezes colocadas e tomadas como “brincadeiras”. Foi na escola que comecei a sentir a violência do racismo.

A alegria é uma de nossas marcas, gostamos de festejos, brincadeiras divertidas e coloridas. O recreio nas escolas sempre foi e ainda é a hora mais esperada, e já era um espaço de luta e resistência pois durante as brincadeiras, quando menos esperávamos, sentíamos o racismo nos encurralando.

Assim, desde que entrei na escola, não conseguia me perceber nos livros e materiais recebidos na escola, porque não estávamos e ainda não estamos em muitos deles, não éramos parte do processo, não participávamos do processo, diante desse contexto, podemos caminhar com a professora quilombola Givânia Maria da Silva, 2012, que discorre que:

A educação para/com/nas comunidades quilombolas reserva para si uma diferenciação particular. Entendemos, portanto, que o currículo, a formação de professores as), os materiais didáticos e a participação das

comunidades quilombolas possuem, por sua própria natureza, o papel estruturador da política. (GIVÂNIA MARIA DA SILVA, 2012, p. 67)

Geralmente, e principalmente no meu tempo de criança, esses materiais pedagógicos eram e ainda hoje são majoritariamente escritos por brancos, e devido a esse projeto com resquícios colonial, nos livros e capas de cadernos, só tinham pessoas brancas. Diante desse lamentável contexto, quando ocorria de encontrar algum negro era sempre colocado de forma pejorativa nos livros de História e nos outros também, ou colocado em posição de menor prestígio, propositalmente, como maneira de fazer perpetuar o racismo que no Brasil estrutura todas as esferas de nossa sociedade. As escolas nas comunidades quilombolas não foram pensadas a partir do olhar do negro, pelo negro com uma política que atenda nossas especificidades.

Para a elaboração e aplicação de uma política para as comunidades quilombolas, é necessário observar, em primeiro lugar, as suas especificidades, que por si só sugerem. Nesse caso, a educação passa a ser feita com os quilombolas e não apenas para os mesmos. Obviamente, não estamos falando da mesma coisa, pois pensar a educação “com” não tem o mesmo significado de pensar a educação “para” as comunidades quilombolas. Pensar com envolve, escuta, troca, partilha e se aprende coletivamente; ao contrário de fazer educação para, que elabora, define, impõe e implementa a partir da visão de quem a faz, sendo, portanto, um olhar externo e estranho, sem levar em conta os espaços os interesses e a cultura dos grupos por ela pretendida a atender. (GIVÂNIA MARIA DA SILVA, 2012, p. 70)

Todos os dias a mesma coisa, lançávamos mão do material escolar, composto por um caderno pequeno sem arame (espiral), um lápis e uma borracha, bem organizado na minha melhor sacola de arroz, objeto de disputa entre os irmãos, pois cada um queria a nova sacola de arroz, e lá íamos nós, em busca do conhecimento que era adquirido na escola.

Quando eu era criança não tinha mochilas escolares e nem os outros materiais. Poucas ou talvez, nenhuma criança quilombola de Extrema tinha esse tipo de material escolar, não lembro de alguém de nós que tivesse os materiais necessários que toda criança deveria ter direito a ter, e não somente as brancas. Então, a gente precisava de algo para colocar o caderno e o lápis que ganhávamos na escola. A maioria das famílias não tinham condições de comprar os materiais escolares que seus filhos necessitavam para estudar. Por isso, quando ganhávamos, todo cuidado era para não perder o material, caso contrário, teria que pedir o professor novos materiais e levar bronca por não ter cuidado.

Algumas crianças dos arredores também estudavam na escola João Damaceno Rocha, mas alguns não eram negros quilombolas. Alguns tinham até mochilas e cadernos com espiral, lápis, apontador, borracha, lápis de cor e o desejado caderno de desenho. Muitas eram brancas e filhas de pequenos agricultores e ou fazendeiros da região em volta de Extrema.

Naquela época, ainda não tínhamos recebido a Certidão de Autodefinição emitido pela Fundação Cultural Palmares, não se falava a expressão, quilombola em Extrema. Eu ainda não tinha minha identidade negra construída, pois com todas as tentativas de não deixar isso acontecer, sabemos que a construção da identidade é um processo lento. Diante dessa situação, eu não entendia muitas coisas que eu vivia e que passei a viver na escola, e sendo assim, estudar, embora eu amasse, passou a ser uma coisa que me causava muita tristeza, dor e sofrimento.

Foi na escola que senti pela primeira vez a dor de ser uma menina negra. Diante de todas essas situações, ser negro para mim, após eu ir à escola, passou a ser um coisa ruim, eu não conseguia sorrir, e uma violência que nos tira o riso é extremamente grave. Olhando agora enquanto mãe de três filhos e educadora quilombola, eu ainda choro com a dor sentida por meu eu criança, e isso me causa muita indignação. Por não ter tido o direito à educação escolar que respeitasse e valorizasse nossa cultura, que partisse dos conhecimentos que tanto lutamos para preservar, que trabalhasse a construção de nossa identidade, como dizem os vários documentos que, no papel, asseguram vários direitos, entre eles o direito à educação. Fica mais que evidente que a educação escolar em Extrema não era uma educação com os quilombolas, como podemos acompanhar caminhando com Givânia Maria da Silva.

Na busca de encontrar caminhos para a educação com as comunidades quilombolas e não apenas para as comunidades quilombolas, a fim de elaborar seu currículo escolar, as manifestações e o reconhecimento da identidade e a cultura quilombola são pontos de partida. Nesse sentido, ouvir as vozes, sentir os espaços, compreender as dinâmicas de vidas das pessoas, bem como trazer essas vozes para a construção currículo são elementos centrais e pontos de partida para se ter um currículo vivo. Assim sendo, os símbolos próprios de sua cultura podem e devem ser transformados em conteúdos escolares a partir dessa construção coletiva (escola e comunidade); as lutas centrais da comunidade, a exemplo das lutas pela terra, sustentabilidade, manutenção dos espaços sagrados; as alianças existentes com esses sujeitos e as conexões e diálogos entre grupos fazem parte desse olhar menos viciado que a sociedade brasileira tem em relação às comunidades quilombolas e são conteúdos desse currículo. Sendo assim, é necessário perceber como estão organizadas as escolas que atendem às crianças, aos jovens e aos adultos quilombolas, sejam eles inseridos nos territórios quilombolas

ou não. Conhecer suas dinâmicas e como se envolvem nos processos educacionais nesses espaços faz parte de um reconhecimento de outros lugares, jeitos e possibilidades de aprendizagens pela escola. O diagnóstico para se obter as informações mencionadas, por si só, constitui-se um processo de aprendizagens e de troca de saberes entre a escola e as comunidades quilombolas, sem lógica de ordem e hierarquia de aprendizagem. (GIVÂNIA MARIA DA SILVA, 2012, p. 75 e 76)

Diante desse contexto, na comunidade os materiais pedagógicos, entre eles os livros didáticos, quando recebíamos, raramente nos encontrávamos nas páginas dos mesmos, eram poucas as páginas reservadas aos povos negros. Éramos sempre colocados em situação de inferioridade, reafirmando e colocando de forma equivocada que fomos escravos, e não que fomos de forma violenta arrancados de nossas casas em África e escravizados aqui, omitindo então, uma história sombria e sangrenta de escravidão vivida por tantos anos e que ainda hoje carregamos cicatrizes como marcas desse tempo que não pode ser esquecido.

O recreio nas escolas sempre foi e ainda é a hora mais esperada por causa das brincadeiras, das diversões que ocorrem naquele momento. Durante as brincadeiras na escola, durante toda minha infância, as crianças brancas eram as primeiras a serem escolhidas, mas eu não entendia aquela situação, eu só conseguia sentir tristeza. Durante as apresentações não era qualquer pessoa que representava o papel principal. E eu em minha inocência achava que era por falta de habilidade, por eu não ser tão boa para determinadas tarefas.

Portanto, os efeitos do racismo, inclusive o institucional, podem se manifestar de várias formas, uma vez que não agem isoladamente e nem sempre suas práticas são explícitas, o que certamente dificulta ainda mais o combate, se não for por meio de ações estratégicas planejadas e efetivadas em diversos campos das políticas públicas. (GIVÂNIA MARIA DA SILVA, 2012, p.43)

As meninas negras eram consideradas “diferentes” em relação as meninas brancas. As meninas negras rotuladas e caracterizadas com cabelos pequenos, ruins e feios, e assim, sofriamos com esses estereótipos, já as meninas brancas com cabelos lisos, grandes e bonitos, tudo podiam. Grada Kilomba (2019) afirmou que “uma pessoa apenas se torna diferente no momento em que dizem para ela que ela é diferente daquelas/es que tem o poder de se definir como “normal” (p.121).

O mês de junho sempre foi um mês de muitos festejos, um de meus favoritos, e por mais que amasse tudo isso eu nunca dancei quadrilha, embora sempre amei dançar. Um dos motivos era por causa do preconceito e da discriminação racial que eu sofria por

causa de meu cabelo crespo, típico de uma menina negra. Na escola, cresci ouvindo dizer diariamente, que meu cabelo era ruim, que era de bucha, que não entrava água e que espinhava a mão quando era tocado, que não entrava pente, e assim, eu começava a enfrentar o racismo ainda na infância e por conta de toda essa violência racista, eu não gostava de mim, do que eu via no espelho, eu não queria ser negra, eu não queria ser eu.

Esses apelidos recebidos na escola marcam a história de vida dos negros. São, talvez, as primeiras experiências públicas de rejeição do corpo vividas na infância e adolescência. A escola representa uma abertura para a vida social mais ampla, em que o contato é muito diferente daquele estabelecido na família, na vizinhança e no círculo de amigos mais íntimos. Uma coisa é nascer criança negra, ter cabelo crespo e viver dentro da comunidade negra; outra coisa é ser criança negra, ter cabelo crespo e estar entre brancos. (NILMA LINO GOMES, 2002, p. 45).

Em minha infância, nunca fiz papel principal quando tinha apresentação, sempre achava que não era coisa para uma menina como eu, que todos achavam feia. Por ter cabelo muito curto e não dar para fazer tranças ou Maria Chiquinha, meu cabelo não era considerado pelos racistas o tipo de cabelo para essas ocasiões. E assim, eu não conseguia muitos parceiros que queriam dançar comigo nas festas, muitos preferiam as meninas consideradas bonitas, e que se vestiam bem.

“O racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. ele é por outro lado um conjunto de ideias e imagens referentes aos grupos humanos que acreditam na existência de superioridade e inferioridade. O racismo resulta também dá vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira” (NILMA LINO GOMES, 2005, p. 52).

A essa altura de minha vida de criança negra, eu queria ser “bonita” também, e não entendia porque umas meninas eram bonitas e outras não, não sabia o que era discriminação racial e racismo, mas meu corpo de criança negra já convivía com a discriminação e com a violência do racismo diariamente. Diante de toda essa violência sofrida por uma criança negra, Grada Kilomba, (2019), afirma que “não se é diferente, torna-se diferente por meio de um processo de discriminação” (p.121).

A educação no quilombo tem enfrentado e ainda enfrenta muitos desafios, o caminho é longo. Um deles é fazer com que nosso povo quilombola se veja e se perceba em todos os espaços e se sintam pertencentes a eles, dentro de tudo que acontece no quilombo e também fora da dele, com participação em todas as esferas de nossa sociedade, pois talvez, assim, consigamos de certa maneira, mover estruturas, conforme

escurece Givânia Maria da Silva (2012) que elucida que “a educação quilombola nasce com esse desafio: mudar as regras do jogo de forma a permitir que as comunidades quilombolas participem ativamente e tenham chances de vencer”(p.78). Para isso, precisamos trabalhar no fortalecimento de nossas raízes, e como diz professora Vera Rodrigues na aula inaugural da faculdade de Ciências Sociais da UFG em (2010) é também para “saber de onde vim, para saber para onde ir”.

Estamos há muitos e muitos anos esperneando, lutando por uma educação que proporcione equidade, que reconheça e valorize nossa luta e nossa trajetória histórica de sobrevivência. Lutamos todos os dias para, provocar abalo, nem que seja de uma viga, dessas bases que são cada dia mais racistas, e que vêm deixando feridas que não fecham. Mas já estamos exaustos, pois não é uma luta de hoje, por não poder baixar a guarda, por necessitar estar sempre alertas, por precisar estar nos defendendo diariamente, isso nos causa um desgaste, físico e emocional inimaginável.

Desta maneira, dialogando com o que diz Paulo Freire que a “a educação é um processo permanente”, e por isso, precisa proporcionar aos sujeitos a capacidade de superação e promover a luta contra todas as formas de autoritarismo e dominação, provocando nos sujeitos, dia após dia, que se tornem, cada vez mais conscientes do mundo com todos os seu direitos e deveres, pois ainda conforme Paulo Freire (2017), “uma cultura tecida com a trama da dominação, por mais generosos que sejam os propósitos de seus educadores, é barreira cerrada às possibilidades educacionais dos que se situam nas subculturas dos proletários e marginais”(p.11 e 12).

Esse projeto dominante, com as atitudes racistas, que são pensadas e calculadas para nos ferir, para nos derrubar nos causando dor e sofrimento, para diminuir nossa humanidade, nossa potência, e principalmente, para nos enfraquecer e assim, vai nos tirando dos páreos e das lutas por direitos. O racismo é crime e os estragos causados por ele são de uma dor imensurável.

Quero convidá-los para subir a Ladeira de Pedra de Iaciara-GO, e acompanhar a emocionante fala de meu padrinho Zé, um homem quilombola de Extrema, que vem constantemente sentindo as dores que o racismo vem lhe causando.

Márcia, eu não era mais criança na época. Vou te contar como foi. Eu tava indo um dia para Iaciara de carona com um fazendeiro vizinho que chamava João Palestino, você conhece a pessoa... Aí, chegou na estrada, bem na ladeira de pedra, parou um carro, e o cara do carro falou assim... (Pausa...suspiro fundo) Me dói até hoje aquela palavra. Você tá levando, vai para carvoeira, João? Aquilo, me dói até hoje, eu senti aquilo como uma pancada. Eu senti que foi comigo, porque ele falou e

fez “boca de rir”, e eu senti que foi comigo. Porque eu tava do lado, o carvão é preto, e eu sou preto. Eu sou um homem negro, sou preto. (JOSÉ EVANGELISTA ROCHA, 58 anos. Conversa em 12 de julho de 2022)

Eu falei pra Terezinha (falecida) na época, falei esses tempos pra Cinha também. Disse, eu escutei uma palavra que me doeu demais. Minha filha, quem é negro também é filho de Deus. Eles pararam bem na ladeira de pedra, e esse rapaz falou isso comigo. Nós tava indo pra cidade e ele tava vindo, parou o carro e fez chacota comigo, por eu ser um homem negro. E eu conheci na hora que era comigo, mas eu não falei nada, não respondi nada. Só pensei, Deus é mais em minha vida. Eu não conheço mais a pessoa que falou isso hoje. Seu João palestina já morreu. Ele fez esse tipo uma brincadeira, e pensou que eu nem sabia o que ele tava falando, só que eu já tinha a noção em minha cabeça, quando ele falou, “vai mexer com carvoeira”. João Palestina era um homem branco, ele também era um homem branco, eu sabia que era comigo. Até hoje... eu é ia na gabina do carro, e eu não esqueço nunca mais, e aquilo me doeu e ainda dói depois de todos esses anos.

Sempre quando a gente ia pra rua, o povo também falava e vem “os negros pretos da Extrema e Levantado”. Os negros é mais no mundo, mas isso não vai acabar tão cedo, acabar o racismo.

O racismo é assim, tipo desfazendo, acha que você não tem capacidade, uma possibilidade. (JOSÉ EVANGELISTA ROCHA, 58 anos. Conversa em 12 de julho de 2022)

Quando eu era criança, nós que estudava aqui era todos pretos, e então não via racismo entre nós. Não tinha discussão por causa de cor não, ninguém chamava o outro de negro preto, todos era preto. Quando você estudou já tinha brancos, já tinha misturado, já tinha gente branca, já tinha racismo. Nossa comunidade sempre foi de negros, nós somos quilombola. Mas hoje aqui tá mais misturado. Eu acredito, eu acredito não, eu tenho certeza que ser reconhecido como quilombola foi melhoria para nossas vidas. Deu mais força pra nós lutar e vencer. (JOSÉ EVANGELISTA ROCHA, 58 anos. Conversa em 12 de julho de 2022)

O racismo é como uma pancada que não para de doer, foi o que disse meu padrinho Zé, numa fala muito emocionada, que não consigo descrever nessa dissertação a emoção e tristeza que sentimos quando conversávamos, mesmo depois de tantos anos, como ele mesmo disse. Os relatos de ter misturado gente de fora com o povo da comunidade e vizinhança fez com que nosso povo, depois de lutarem para nos manter protegidos em quilombo Extrema, passasse novamente a ter que conviver com essas e outras práticas racistas, e passar a lutar diariamente com a onça que nos atormenta a muitos e muitos anos. Caminhemos com Maria Madalena.

O racismo é uma onça que atormenta e mata. Mas o que é notável nessa história é a luta e as tentativas contra a “traíçoeira”. Alguns chefes de famílias foram movidos pelo desejo de vencer a onça, ter um filho na universidade, ter “um doutorzinho preto”. Este pensamento foi construído no decorrer dos anos, porque de início não havia tanta

valorização do conhecimento na formação dos filhos e filhas. A realidade mudou houve desprendimento de propriedades para que as novas gerações possam estudar. (MARIA MADALENA DO SACRAMENTO ROCHA. 2019. p.17 e 18)

Maria Madalena do Sacramento Rocha (2019) afirma que “descobrimos cedo que ser negra não seria fácil, mas ser negra de Extrema era muito mais extremo” (p.18). Nilma Lino Gomes (2003), vivemos um grande desafio, que é “construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros.” Para Ella Shohat e Robert Stam (2006),

O racismo envolve um duplo movimento de agressão e narcisismo: o insulto ao acusado é acompanhado de um elogio ao acusador. O pensamento racista é tautológico e circular: somos poderosos porque estamos certos e estamos certos porque somos poderosos (ELLA SHOHAT; ROBERT STAM, 2006, p.45)

Concordo com Madalena que assevera que,

A onça foi institucionalizada há muito tempo, ainda vivemos sobre constantes ameaças e arbitrariedade aos nossos direitos sociais, culturais, econômico e ambiental. Diante dessa realidade, os negros sentem na pele o sofrimento causado por esta desigualdade. Somos maioria, na verdade. Mas ainda somos poucos que obtemos ferramentas para identificar sua institucionalidade. (MARIA MADALENA, 2019, p.20)

O Poeta quilombola Nego Bispo enriquece nosso texto afirmando que,

As comunidades contra colonizadoras, além das suas tradicionais armas de defesa, aos poucos, vêm se apropriando das armas de ataque dos colonizadores. Apesar disso, infelizmente, na maior parte das vezes as armas tecnológicas são apresentadas com um poder de destruição muitas vezes maior que o poder de defesa e de construção da vida das armas dos direitos legais, as quais muitas vezes as comunidades se apegam e seguem resistindo. (NEGO BISPO, 2015, p.77)

Nego Bispo destaca que estes “utilizam de armas com poder de destruição”, e sendo assim, percebemos que é uma “correlação de forças perversamente desigual”. Vivemos diante de uma organização de “Estado Democrático de Direito”. E assim, cabe a nós pensar, Direito de quem? Podemos levar em consideração que este dito “Estado Democrático de Direito,

[...]queima, mas também inundam, implodem, trituram, soterram, reviram com suas máquinas de terraplanagem tudo aquilo que é fundamental para a existência das nossas comunidades, ou seja, os nossos territórios e todos os símbolos e significações dos nossos modos de vida.” (NEGO BISPO, 2015, p.76)

Diante de todo nosso contexto e toda nossa realidade no quilombo, podemos seguir na mesma linha de raciocínio de Nego Bispo (2015). Para ele, nós podemos notar que nosso povo quilombola continua sendo atacado pelos colonizadores, sejamos nós crianças, adultos ou idosos. Sendo assim, precisamos escurecer que continuamos na luta por pura teimosia de quilombo e desobediência ancestral. Aprofundaremos sobre isso no capítulo a seguir.

Concordo com o poeta quilombola. Vamos partir do ponto de vista que, o brincar, o vadiar no quilombo são armas de defesa e proteção que já começamos a usar desde a infância no quilombo e fora dele, pois são os alicerces que vamos construindo para resistirmos na vida adulta, e certamente, por esse motivo ainda continuamos de pé tendo passado por todas violências implícitas e explícitas ao longo de nossas existências.

E aí é que percebemos a potência do brincar, do vadiar na construção da identidade, e sobretudo como ferramenta de luta para que nosso povo do quilombo Extrema consiga, desde cedo, se proteger da “traíçoeira, a onça” que espeita nosso povo dentro do quilombo e fora dele. Pois é conforme o que afirma a professora quilombola Maria Madalena, a onça foi “institucionalizada”, e de acordo com Eduarda Souza Gaudio (2019, p.216), “o projeto de nação brasileiro institucionalizou o racismo e criou instrumentos capazes de transformá-lo num modo de tecnologia do poder internalizado pelos indivíduos”, e as vezes ela sorratamente, age inclusive dentro de escolas e universidades, ameaçando e tentando matar nossos saberes, negando nossos conhecimentos e apagando nossas histórias de luta e resistência.

A educação escolar deve ajudar professor e alunos a compreenderem que a diferença entre pessoas, povos e nações é saudável e enriquecedora; que é preciso valorizá-la para garantir a democracia que, entre outros, significa respeito pelas pessoas e nações tais como são, com suas características próprias e individualizadoras; que buscar soluções e fazê-las vigorar é uma questão de direitos humanos e cidadania. (KABENGELE MUNANGA, 2005, p.189)

Diante desse contexto, a educação quilombola antirracista de Extrema trabalha também fundamentada pelo vadiar, pelo brincar e atua para sacudir essas estruturas racistas. Pois é evidente que, apesar de sabermos que a educação escolar sozinha não dá conta, tem um agravante, ela também não vem cumprindo seu papel, e na maioria das vezes reproduz racismo e violenta nosso povo.

A professora Maria Madalena (2019) enfatiza que “fica claro, portanto, a necessidade de uma luta diária que cria o fortalecimento de vínculo necessário neste

enfrentamento e a ampliação do nosso olhar, voz e espaço nas instituições de poder”. O brincar, o vadiar no quilombo são importantes, pois a partir daí, vai sendo construído vínculos entre os quilombolas desde pequenos, e reforçando os laços de parentescos no imaginário das crianças, que por meio do brincar, do vadiar no quilombo representam a realidade e constroem as próprias narrativas antirracistas.

“O racismo, a exclusão, tudo isso é gravíssimo. Precisamos entrar com essa força. Esse debate precisa virar ação”, afirma tio Cipriano Justino. Meu tio enfatiza que essas situações de racismo que enfrentamos são muito graves, e que nossas lutas são para que todos esses debates que vem ocorrendo saia dessa posição e vire de fato ações concretas, tamanha gravidade da situação.

CAPITULO 3 - *Teimosia de quilombo e desobediência ancestral*: porque no quilombo de Extrema respeitar nada tem a ver com obedecer.

Nessa etapa da pesquisa, depois de discorrer sobre como nasceu a educação em casa no quilombo no capítulo I, de falar sobre as lutas e resistência a partir do vadiar, das brincadeiras e dos brinquedos no capítulo II, muitas situações me levaram a pensar e escrever esse capítulo III sobre teimosia de quilombo e desobediência ancestral. Quando eu estava refletindo sobre a possibilidade dessa escrita, muitas inquietações passaram pela minha cabeça, e eu fiquei me questionando: para cada Márcia que conseguiu chegar aqui num mestrado como esse, quantas ficaram ao longo do caminho? Quantas tiveram suas vidas ceifadas para que uma de mim, para que eu pudesse está aqui hoje escrevendo junto com meu povo essa dissertação?

E assim, tomada de emoção e muitos questionamentos eu resolvi ir escrevendo e continuar a caminhada, pois são questões que precisamos falar, gritar pelos quatro cantos, pois são questões emergentes, e não podemos mais viver sabendo de toda essa realidade cruel e perversa que é o racismo, que é o que nos distancia de nossos sonhos, de nossos desejos, de nossas realizações e de nós mesmos através da violência e da manutenção de privilégios.

Agora vou falar um pouquinho da minha mãe, dona Jó que é como ela gosta de ser chamada. Quando eu era criança na comunidade, eu sempre ouvia de minha mãe “que menina teimosa, que menina desobediente”, sempre que eu ia na contramão de alguma coisa, e eu sei que realmente sou teimosa. Naquela época eu não entendia, mas hoje eu consigo entender, consigo visualizar o porquê da minha necessidade em teimar.

Depois de falar sobre minha mãe, eu vou precisar falar de respeito no quilombo e de respeito para a branquitude. Pois sabemos que o respeito para a branquitude é o respeito para obediência, é para abaixar a cabeça, é para aceitar calado, uma espécie treinamento para subserviência e para a subalternidade e sobretudo, para manutenção das desigualdades e da violência, e portanto, do racismo. E o respeito para nós não é isso, tanto é que apesar de eu saber da autoridade de minha mãe eu continuo aqui, teimando e desobedecendo esse sistema que insiste em tentar nos deixar de fora. Eu naquela época, já vivia na pele a necessidade de teimar, de desobedecer e assim, fui aprendendo a lutar pelo que acredito, fui aprendendo ser teimosa e desobediente.

É preciso conversar sobre os atravessamentos que me ocorreram ao teimar em me tornar mestra. Eu passei por um momento muito difícil após a qualificação em setembro

de 2022, mesmo tendo uma banca de excelência, uma orientadora maravilhosa. Eu não conseguia abrir o computador para escrever nenhuma letra, não conseguia ler um texto, um artigo, absolutamente nada. Eu entrei em desespero. Isso nunca havia me ocorrido antes. Quem me conhece sabe minha luta, minha dedicação, de viver tentando, tolendo de dentro, correndo atrás de meus objetivos.

Gostaria de falar sobre uma questão que me é muito cara. Peço licença para falar de minha orientadora, a professora Suzane Alencar como orientadora e sobretudo, como um ser humano de uma sensibilidade e empatia imensurável. Quando falo dela eu sempre me emociono, mas acho lindo uma pessoa se emocionar ao falar de outra. No meio dessa caminhada, eu cheguei a falar pra ela no final do ano de 2022 que eu não havia conseguido produzir nada após a qualificação, ler e ou escrever nada, e ela me abraçou, ela falou para irmos devagar, aos poucos. Falando sobre ela, eu necessito falar da importância do afeto nesse tipo de caminhada, em situações como essa durante esse percurso. A pesquisadora, doutoranda e ativista quilombola do quilombo em contexto urbano Vó Rita em Trindade Goiás, Marta Quintiliano (2019) tem nos ensinado muito sobre a importância dessas redes de afeto, do afroafeto.

Mas acredito que todo esse trajeto apesar de pedregoso foi necessário, e foi durante essa caminhada que eu consegui entender algumas questões, algumas situações que vou dizer a partir de agora. Dias após essa conversa que tive com a professora Suzane, que ela me deu uma mão, que ela conseguiu segurar minha mão, eu sentei em minha cama e peguei vários livros e cadernos e espalhei em cima da cama, na tentativa de retornar para minha caminhada. Era perto do Natal de 2022, e quando eu estava sentada em minha cama mexendo nos materiais e organizando alguns livros para tentar fazer algumas leituras que eu necessitava fazer para a escrita dessa dissertação, meu filho Gustavo Rocha (que eu costumo dizer que ele é um pequeno “antropólogo” que faz essa caminhada junto comigo, fez as aulas e está sempre comigo na UFG), veio e sentou-se ao meu lado e começou a folhear os livros junto comigo e conversar.

Em seguida, ele começou a me contar sobre algo que aconteceu a bastante tempo, quando ele ainda estava no Ensino Fundamental I. Ao mexer ali comigo nos livros, nas coisas junto comigo, ele lembrou de uma situação que aconteceu na escola. Era sobre uma atividade passada pela professora, que dizia que “Zumbi dos Palmares era um negrinho”. Ele disse que achou aquela atividade racista, e pensou na cabeça dele que não ia fazer aquela tarefa. Foi quando teve a ideia de ir falar com a professora sobre o fato de aquela atividade ser racista. Quando o Gustavo começou me contar eu rapidamente peguei a

caneta e comecei a anotar, para não perder nenhum detalhe. Segue abaixo o que ele me contou.

“Um dia eu fiz uma prova e estava escrito, “índio”. Eu risquei e escrevi “indígena”. Eu estudei sobre Zumbi de Palmares. E lá estava escrito “negrinho”. Estudei de forma racista, mãe. Foi quando eu estava no 3º Ano. Eu estava lá na sala de aula, e a professora entregou uma tarefa. Aí eu olhei a tarefa e estava escrito que Zumbi era um negrinho. Aí eu achei estranho, levei lá na professora e fui conversando com ela. Tia, isso daqui é uma tarefa racista.

E ela respondeu.

- Como assim, Gustavo?

Aí eu falei que aqui na tarefa estava mostrando que Zumbi era um negrinho, e que isso é racismo, chamar as pessoas de negrinho, entendeu?

Aí ela pegou e falou:

- É verdade

E ela foi lá e recolheu as tarefas de todo mundo na sala, de todas as crianças e deu outra para nós. Olha mãe, na tarefa tinha ele lá amarrado com as mãos para frente, e tinha também um chicote, batendo nas costas dele. Era em preto e branco e seus lábios eram grandes.” (GUSTAVO ROCHA PEREIRA, 11 anos. Conversa em 22 de dezembro de 2022)

Ao ouvir o relato de meu filho, eu fiquei muito emocionada na hora. Quando ele estava falando isso, ele não sabe, mas ele me deu a outra mão que eu precisava para conseguir sair daquele buraco que eu me encontrava, de não conseguir ler e escrever nada, no meu processo de criação, de escrever. E aí, eu consegui entender assim, o quando o Gustavo teve que teimar, e desobedecer esse sistema que é racista inclusive com as crianças, e que nos fere, que causa dores e sequelas que carregamos pelo resto da vida, o quanto ele precisou desobedecer e teimar, enfrentar ali aquela professora e mostrar para ela que aquela era uma atividade racista, argumentar e defender seu ponto de vista.

E aí eu fiquei pensando, no papel educador de uma criança, que na época ele era bem menor e hoje ele está com 11 anos. Então, precisamos pensar, partir do ponto de vista que não somos somente nós adultos que educamos. Mas as crianças, principalmente, nos educam e nos ensinam todos os dias. Agora, eu preciso falar que depois dessa conversa com meu filho, eu consegui voltar a escrever, consegui voltar a criar.

Naquele momento, com meu filho eu reaprendi a ser teimosa e desobediente, ele me fez reencontrar com o meu lado criativo. Ele me ensinou a ser teimosa de novo e a desobedecer esse sistema que não estava me deixando produzir, criar, escrever, ler. E aí, eu preciso destacar uma questão muito importante que é a educação quilombola antirracista.

Meus três filhos vieram ainda pequenos de Extrema. O Gustavo veio da comunidade ele tinha menos de dois anos, mas em nenhum dia, nenhum de meus três filhas/o, deixaram de receber a educação quilombola antirracista, porque nós somos o quilombo, estando na comunidade ou em outro lugar. Então, todos os dias, em todos os momentos, eu tentei, no meu papel de mãe, ensinar os meus filhos a partir dos princípios e da ciência de meu quilombo, da ciência de meu povo de Extrema, que já fazíamos antes mesmo de sermos reconhecidos como remanescentes de quilombo.

Como mãe, eu precisei me reinventar aqui na cidade grande. Tive que criar uma maneira de fazer, de educar e ensinar meus filhos a partir de nossos princípios estando longe de casa e não tendo tudo que dispunha em casa para nos auxiliar nessa missão, nessa caminhada, e foi e ainda está sendo desafiador e complexo, e esse processo se deu aos poucos. Eu tive que buscar dentro de mim os saberes e a ciência de meu quilombo, tive que descobrir que somos nós mesmos o nosso quilombo, e que mesmo estando longe de casa, existe uma potência que carregamos conosco onde quer que vamos ou estamos.

Meu coração de mãe e de educadora quilombola antirracista ficou alegre, por saber que apesar de toda violência ele conseguiu identificar uma escrita racista, e que principalmente, ele conseguiu levantar-se e ir até a professora e argumentar. A gente sabe o quão difícil é, até para um adulto, tamanha a violência. Por outro lado, isso me preocupa. Pois sabemos o que poderia ter acontecido se meu filho não tivesse recebido a educação quilombola antirracista que vem recebendo desde pequeno, sabemos que isso poderia marcá-lo e deixar feridas que dificilmente podem ser superadas. Não podemos baixar a guarda nem por um dia, todos os dias precisamos ensinar nossos filhos a perceber e a se defender, pois não sabemos quando terá que enfrentar um racista, uma situação de racismo, quando precisará teimar para continuar vivendo nessa sociedade.

Acompanhando a fala do Gustavo Rocha, a gente entende a importância dessa educação diferenciada, a necessidade de uma educação quilombola antirracista, do quanto é emergente educar nossas crianças para a luta e o enfrentamento ao racismo desde pequenos, mesmo em lugares inimagináveis de ocorrer, como dentro das escolas.

O Gustavo é uma criança que está sendo criada fora do quilombo como eu afirmei acima, na questão geográfica, por termos vindo para cidade grande na tentativa de conseguirmos estudar. Mas mesmo estando de longe geograficamente, ele estava dentro do quilombo por saber de onde ele veio, de onde ele é, e saber exatamente quem ele é, conhecer a verdadeira história de nosso povo, e certamente por isso ele conseguiu

identificar e se posicionar diante de uma situação de racismo, o que é muito difícil até para um adulto.

Vale destacar aqui que quando nos referimos a educação quilombola, estando nós dentro do quilombo ou fora dele, estamos nos referindo aos nossos processos próprios de educação, de ensinar e de aprender que é peculiar de cada povo quilombola, de cada comunidade e que fomos aprendemos com os mais velhos, que está sendo passado de geração em geração.

E essa educação, é que vem salvando nossas crianças quando a escola não possui e nem faz questão de trabalhar considerando seus sujeitos, a partir de uma metodologia quilombola, estando ela no quilombo ou não, como bem aprendemos com Shirley Pimentel de Souza (2017).

A gente percebe que Gustavo necessitou teimar e desobedecer a um sistema racista para conseguir ser ouvido e principalmente, para ser compreendido. Diante dessa realidade, como vem nos ensinando todos os dias a professora Dra. Givânia Maria da Silva no livro *Panorama Quilombola* (2021), a educação quilombola precisa ser capaz de romper com o adestramento que a educação escolar nos coloca, e sendo assim, em muitos momentos, quando estamos nós, criança ou adulto, no lugar de educador, podemos sim e devemos causar desconforto nas pessoas, na sociedade.

É preciso repercutir que conforme bem explana a professora Givânia Maria Silva (2021) no referido livro que, *educação quilombola* não é a mesma coisa de *educação escolar quilombola*, no caso, a primeira, é o que se ensina e se aprende no quilombo sempre com os nossos, mais novos e mais velhos, e a segunda, trabalha a partir da estrutura do estado que é uma estrutura racista, e deveria ter o currículo construído por nós, a partir de nossa realidade. Diante dessa realidade, a gente consegue entender o fato de uma professora nos dias de hoje ainda passar uma atividade que fere e que machuca uma criança. E que uma criança, tenha que se levantar para ir lá e mostrar, e ensinar professores a ensinar. Essa estrutura é racista justamente por não ter o currículo construído e pensado por um de nós, pelas partes mais interessadas nessa história.

No momento que o meu filho me contou esse fato, que eu percebi que ele conseguiu se levantar, se colocar de pé e defender seu ponto de vista, eu fiquei muito feliz, por perceber que ele está aprendendo lutar, resistir, se defender e se proteger das violências racistas.

Mas por outro lado, como mãe e professora antirracista, eu fico muito triste, me deixa ainda mais preocupada por saber que isso continua acontecendo em pleno século

XXI. Não é justo, e além de tudo é muito exaustivo ter que todos os dias ensinar os nossos filhos, crianças negras e negros quilombolas a se defender do racismo e dos racistas, a identificar essa violência, e a enfrentar o racismo. Uma criança de 11 anos ler um texto perceber que ele é racista, e principalmente ensinar a não se calar diante dessas situações, e tudo isso para que ele possa ter o direito de viver nessa sociedade. Necessitar ensinar uma criança a não se deixar ser morto pelo racismo e as perversidades dos que o praticam. Pois sabemos o quanto o racismo é violento, o quanto nos paralisa, nos silencia e mata.

Depois de reaprender a teimar e desobedecer com meu filho, voltei a ter ânimo e força para o enfrentamento, para luta, e ele me fortaleceu também aumentando meu desejo de permanecer resistindo e existindo. A gente sabe que racismo é crime e injúria racial também foi tipificado como crime de racismo. E o meu filho sabe disso, porque ele recebeu uma educação quilombola antirracista em casa, ele está sendo preparado para saber se proteger e lutar contra o racismo, ele vem desde pequeno bebendo dessa água e é conhecedor de seus direitos e de sua história.

Diante dessa realidade, os meus filhos vêm sendo preparados como em um treinamento de guerra, e de fato, vivemos em estado permanente de guerra contra o racismo, pois não sabemos quando poderemos bater de frente com ele. A educação antirracista vem nos protegendo. Precisamos ressaltar que essa educação não surgiu junto com essas nomenclaturas, o que meu povo quilombola sempre fez para que permanecêssemos vivos, desde sempre, foi uma educação antirracista.

Como venho discorrendo ao longo dessa dissertação, desde o início de minha caminhada no mestrado, eu desejei que minha escrita fosse uma escrita que atravessasse as pessoas e balançasse estruturas racistas que continuam violando nossos direitos, que alcançasse o meu povo, que todos pudessem ler e entender, que pudessem se encontrar em cada linha e se reconhecerem nelas. Meu compromisso com os meus está sendo o de fazer pesquisa junto com cada interlocutor, com cada parente, uma escrita a muitas mãos, uma escrita de dentro e não de fora, uma escrita quilombola de Extrema.

Então, durante todo trabalho para fazer nascer dissertação, eu parto dessa premissa, e é essa educação quilombola antirracista que vem me levantando, “me tirando dos buracos” que encontramos ao longo dessa caminhada dentro da universidade. Contudo, escrever para mim nunca foi uma tarefa fácil, e agora não seria diferente, eu sabia que seria bem difícil, isso porque concordando com José Maurício Arruti (2022) os quilombolas sempre são “deixadas de fora” (p.14), e colocadas dentro quando lhes é conveniente, e geralmente de forma estereotipada, equivocada, preconceituosa e na

grande maioria das vezes, é sempre de forma violenta, perversa. E no caso da escrita dos povos quilombolas não foi diferente, na história desse país houve uma tentativa de apagamento dos nossos, e nas inúmeras narrativas construídas em torno de nosso povo, sempre fomos colocados como povos da oralidade e não da escrita.

E ainda como bem foi ponderado no livro *Panorama Quilombola* (2021) que teve como parte do Comitê Editorial a professora e agora, nós enchendo de orgulho, é também Dra. Givânia Maria da Silva, que engrossa a discussão sobre os que produzem e os que consomem, os que estudam e os que são estudados, como um erro pensar sobre isso, visto que vem ocorrendo o estremecimento dessas estruturas, e os que eram colocados como objetos, como os que consomem, como os estudados estão aqui como eu, teimando e escrevendo minhas próprias letras e palavras baseando em nossos pensamentos, nossas lutas e histórias de verdade.

O fato é que eu tenho mais facilidade para falar do que para escrever, e isso talvez seja reflexo dessas narrativas propositalmente construídas, mas agora, mais do que nunca precisamos colocar no papel, precisamos escrever, e registrar, assim como sempre registramos no chão com o graveto, nas paredes com o carvão, e “fazer o papel falar”, como diz Valdelice Veron Kaiowa.¹⁸

Até pouco tempo, eu sequer havia ligado um computador, e agora estou aqui, no computador teimando a escrever mais este capítulo de minha dissertação junto com meu povo, e desse modo, estamos fazendo o papel falar, rompendo de certa maneira alguns estereótipos. Tem sido um caminho longo até aqui, muitos obstáculos me atravessam enquanto eu tento estudar. Eu precisei teimar para conseguir terminar de cursar as disciplinas obrigatórias e chegar até aqui. Fui atravessada entre tantas coisas pela covid19 que acometeu minha mãe no quilombo em 2021, perpassando todas as barreiras de proteção e levando-a a ficar 26 dias hospitalizada, deixando sequelas físicas e cognitivas que ainda não foram superadas.

Muitas coisas me atravessaram durante todo o ano de 2022, muitas coisas boas aconteceram, e coisas ruins também, e eu entendo que isso faz parte do fluxo natural da vida. O que acontece é que tudo começou acontecer ao mesmo tempo em minha vida, e eu me vi “trocando pneus enquanto o carro andava”, literalmente.

¹⁸ “Fazer o papel falar” foi dito na potente fala feita por Valdirene Veron Kaiowa na mesa1-de Retomadas de Conhecimentos Indígenas e Quilombolas no Espaço Acadêmico no I Seminário de Antropologia do Centro-Oeste: Retomadas e Resistências no Brasil Contemporâneo, no qual participamos em 03/08/2022 às 19h, mediado pelo professor Dr. Alex Ratts do PPGAS/FCS/UFV.

Estava na cidade grande, num processo para tirar minha habilitação e nesse só consegui passar somente na 4º vez, fiz um processo seletivo simplificado para professora da rede de Goiânia, passei e comecei atuar como professora da rede, estudando para dois concursos públicos, um municipal e um estadual. No primeiro concurso, passei e fiquei no cadastro de reserva, já no segundo, passei em primeiro lugar para professora quilombola no estado de Goiás. Estava cuidando de minha mãe doente com sequelas da covid-19 que há havia acometido em 2021 enquanto eu cursava as primeiras disciplinas do mestrado, e cuidando de minha família como sempre fiz e escrevendo minha dissertação de meu desejado mestrado, e de certa maneira, isso me afetou profundamente, mas ao mesmo tempo, eu não podia parar, eu tinha que continuar, teimar.

Acredito que este foi o ano que eu mais precisei ser desobediente e teimosa em toda minha existência. Eu estava lutando contra um sistema que dizia que eu não cabia ali, e eu o desobedeci, eu teimei e felizmente consegui sair do limbo e estou de volta. Não é uma tarefa fácil está aqui, essa sociedade continua mantendo um sistema violento com mulheres que ousam enfrentá-la e lutar contra as barreiras como as que eu e muitas de mim enfrentamos.

Eu que não sou muito de chorar, mas me peguei chorando por várias vezes durante esse percurso de teimar em ser uma mestra. E cheguei a me perguntar: pode uma mulher quilombola desobediente e teimosa como eu chorar? Todos os dias eu escuto das pessoas que eu sou forte e corajosa, e até acho que sou, mas agora sou também uma mulher corajosa e forte que chora, que se dá o direito de não dar conta, de não conseguir e está tudo bem.

A luta quando somos quilombola começa desde pequeno, e precisamos começar a nos preparar para as batalhas a serem enfrentadas o quanto antes, pois nunca sabemos quando bateremos de frente com um racista, com uma situação de racismo, e portanto, de violência. Diante de uma sociedade que ainda insiste em violentar seu povo negro quilombola, a educação no quilombo tem um papel fundamental em nossas vidas, e por isso, meu povo vem lutando há anos pela educação baseando em nossa ciência, pois é a nossa forma de ensinar e aprender que nos mantém de pé, como me sustentou agora.

A educação quilombola é tudo que fazemos no quilombo, como bem aprendemos com a professora Givânia Maria da Silva. Nós somos o quilombo, e tudo que se ensina e se aprende todos os dias, cada pessoa, cada canto no quilombo é educador. A educação quilombola é essencial por ser capaz de causar a descontinuidade, o quebramento de práticas racistas.

Desde quando eu era criança, eu sempre tive muita proximidade com minha tia Maria Madalena, irmã caçula de meu pai; sempre a admirei, e amava as roupas de tricô que ela fazia e os desenhos que ela desenhava a lápis em seu quarto na cidade, tenho cada desenho até hoje em minha memória. Sempre admirei sua inteligência e seu gosto para estudar. Depois que crescemos, de volta a comunidade, eu continuei admirando tudo que ela fazia na escola de Extrema, antes mesmo de sermos reconhecidos como remanescente de quilombo em 2014, mas apesar de admirá-la, eu não entendia o fato de muitas vezes eu chegar na casa dela e não ter nem lugar para sentar, com tantos livros espalhados, e ela em meio a eles, estudando.

E eu sempre brincava com ela, e a questionava em como ela aguentava ficar em meio a tantos livros e cadernos. E ela sempre sorria e me mostrava mais e mais livros e ficávamos nós conversando em meio aos livros dela. Hoje eu brinco com ela e falo que de tanto eu falar dela no meio dos livros, eu hoje estou igualzinha, e ela continua a sorrir. Agora eu consigo visualizar e percebo que ela estava me formando, e que aqueles livros espalhados eram e ainda continuam sendo estratégia para que todos que por ali passasse tivessem livre acesso aos livros, coisa que sempre nos foi negado.

Ela, que de forma intencional ou não, vem me ensinando sobre o que é ser uma professora quilombola, sobre como lutar pelos nossos direitos e resistir a “onça”, que como ela mesma afirma em sua dissertação de mestrado, vive espreitando nosso povo quilombola, tentando matar nosso povo.

E certamente por tudo isso, por saber a potência dela como mulher quilombola, liderança de nosso povo, quando fui fazer a pesquisa de campo, a conversa com ela era muito esperada por mim, e eu estava muito nervosa e ansiosa, principalmente por ela ser uma de minhas maiores inspirações de educadora quilombola, e temos muito respeito pelo trabalho que ela juntamente com nosso povo vem desenvolvendo na luta antirracista.

No quilombo, você pede a benção é porque respeita. O respeito vem de dentro para fora e não de fora pra dentro, como sempre impuseram os colonizadores. Como diz tio Manoel de Joana, “respeito é reverência” e não obediência igual da branquitude. Então, o que entendemos por respeito faz parte da nossa pedagogia de quilombo, que aprendemos uns com os outros, e que fazemos questão de repassar, de ensinar de geração em geração.

O respeito aos nossos, a todas as existências humanas e não humanas, a luta e a caminhada inspirados por eles nos trouxeram até aqui e são nossas bases de sustentação, nos matem de pé. Sendo assim, podemos concordar com o que vem nos mostrando Ana

Mumbuca (2019, p.50), ela afirma em sua dissertação de mestrado que nós “temos as nossas próprias pedagogias de estímulo ao respeito e relações interativas entre os membros do quilombo e os seres vivos, seja no Cerrado ou em outro bioma, sejam eles humanos ou não. ”

A branquitude vem tentando nos ensinar um tipo de respeito para a obediência, para que ficássemos sempre atrás deles, em lugar de subserviência, de subalternidade e em muitos momentos até falam de nós, mas é sem nós, e deste modo, o projeto é para continuar mantendo as estruturas de opressão e violência em um Brasil que nós, povos tradicionais, construímos com nosso próprio suor e sangue, mas que insistem em dizer que não nos cabe, e sempre estamos sendo colocados em último plano. E a nossa luta é “por um Brasil onde todos nós podemos caber”. Concordamos com o que disse o advogado, filósofo, professor e ministro Sílvio Luiz de Almeida no seu discurso de posse do ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania no Brasil no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva no ano de 2023.

Quando eu falo e penso em teimosia, eu lembro de muitas mulheres e homens potentes de meu povo que me inspiraram a ser desobediente, a transgredir e ir na contramão, provocando a desordem na estrutura desse sistema que é racista, teimando em fazer caber, tolendo de dentro.

Uma vez, eu ouvi a Vercilene Francisco Dias, quilombola Kalunga, advogada popular, mestra em direito agrário e doutoranda pela UnB falando que com a gente não tem jeito, muitas vezes as portas não irão abrir, e é preciso meter o pé na porta e entrar. Quero que junto comigo acompanhem Lélia Gonzalez (1984) “foi aí que a neguinha que tava sentada com a gente, deu uma de atrevida” (p. 223), é que quando uma se levanta, outras se levantam também, mexe com toda estrutura. Nesse trecho da epígrafe com Lélia Gonzalez, podemos perceber que para a branquitude ser bem educado e respeitoso é aceitar e não fazer quizumba, balbúrdia, fazer bagunça, e se ficarmos quietinhos, é assim também que nos deixam de fora.

Nós não nascemos para sermos “educado e respeitoso, obediente” com racistas, como querem a branquitude na tentativa de nos adestrar como bem aprendemos com a professora Givânia Maria da Silva, nós nascemos foi para fazer quizumba, foi para tolar de dentro, fazer caber quando nessa sociedade racista insistem em nos deixar de fora, como bem fizeram desde que chegamos nessa terra chamada Brasil.

Eu sonhei em fazer essa pesquisa em minha casa, com os meus no quilombo. Pesquisar os meus me levou de volta para casa, para dentro de mim mesma, me fez falar

de dentro para fora e me transformou numa toladora de dentro, como diz minha mãe, dona Jó. Minha mãe vive falando que eu quero tolar de dentro de tudo, e é por isso que ando cansada, e eu concordo com ela, é muito difícil, chega ser exaustivo ter que viver tolando de dentro de um sistema que tenta a todo custo nos expulsar.

3.1“ *Uma toladora de dentro e sua teimosia em fazer “caber”*: transformando essa universidade em um quilombo.

Uma das coisas que necessitamos nesse território chamado universidade é de saber lutar e saber resistir. Isso tem sido essencial para nossa permanência nesses espaços de poder. Sabemos que ser e estar aqui vai muito além do ingresso, e para isso, um dos mecanismos que utilizamos para continuar a caminhada é o da proteção, como aprendemos com a professora e liderança quilombola Maria Madalena do Sacramento Rocha, discutiremos mais adiante, e muitas vezes, uma das formas encontradas para nos protegermos é o enfretamento, o não recuar.

Tolar de dentro, é uma frase que sempre ouvi desde que ainda estava na barriga de minha mãe. Ela costuma usar diariamente essa expressão sempre que quer nos colocar em meio a algo ou algum lugar. Tolar de dentro, é uma forma de estar junto, no meio das situações, das coisas, da vida das pessoas no quilombo e fora dele. Eu me achei quando voltei a tolar de dentro de minha vida, da vida de meu povo fazendo pesquisa, em casa junto com os meus, quando com a minha presença estou transformando essa universidade que ainda carrega resquícios colonialista em um quilombo, onde nela eu estou.

Onde tem um ou mais quilombolas com nossos corpos presentes, com nossos saberes, com nossos conhecimentos e modos de vida, esse lugar é um quilombo, porque nós somos o quilombo, estando dentro ou fora de nossa comunidade. Um dos mecanismos encontrados que me proporcionou permanecer viva aqui nesse território, que me protegeu das ciladas racistas, foi lutar e enfrentar para transformar cada espaço em um quilombo onde quer que eu fosse.

Preciso que me acompanhem, para que vocês entendam, visto que muitas vezes, foi preciso ensinar professores a ensinar, a partir da pedagogia quilombola de ensinar e aprender em forma de compartilhamento de saberes. Apesar das durezas da vida, nós quilombolas colocamos muito afeto em tudo que fazemos. Quando você se propõe a

ensinar, quando você se coloca no papel de educador, você precisa de princípios como estes que são basilares.

Na função de educadora seja em uma escola ou em uma universidade, é preciso sobretudo, levar em consideração o quanto pessoas que sempre foram excluídas dos processos educacionais nesse país como os povos quilombolas necessitaram teimar para conseguir chegar em certos ambientes, em espaços de poder como este, tendo em vista que sabemos que nossa sociedade é racista, é também perversa, desigual e injusta.

Diante dessa realidade, o olhar precisa ser um olhar de quilombo, um olhar que educa, que ensina, que aprende, mas que é concomitantemente afetuosos, que reconhece e valoriza a história e a luta de quem ousa teimar e desobedecer para continuar a caminhada em busca de um direito vital como é o direito à educação.

Uma das coisas que me manteve de pé foram as redes que formamos, caminhando juntos, lutando juntos na coletividade, de forma compartilhada como no quilombo. Na universidade, também é necessário se fazer uma educação diferenciada, como nos ensina a professora Givânia Maria da Silva, pois a universidade também não é mais a mesma, nossos corpos negros estão cada vez mais acessando e ocupando espaços como estes. Dessa maneira, na maioria das vezes foi preciso arregaçar as mangas e fazer, e apesar de toda exaustão que as lutas e insistências vem nos provocando, sermos nós por nós.

Eu preciso falar aqui do trabalho que foi desenvolvido no Espaço de Convivência da UFG. Antes de eu conhecer esse espaço e as pessoas que o frequentavam, meus colegas indígenas e quilombolas, as professoras Suzane de Alencar e Marlini Dorneles, a servidora Liliene Rabelo que trabalhavam naquele ambiente, eu me sentia sozinha dentro da academia, e achava que não iria conseguir vencer todas as barreiras que estavam atravessando meu caminho nesse território, e muito menos que terminaria meu curso de pedagogia, quem dirá, que faria um mestrado. Então, com a força de meu povo, eu descobri que não estava sozinha na luta para sair dessa universidade com êxito, e que aqui nesse território haviam mais pessoas empenhadas nessa luta junta comigo.

Foi aí que iniciamos um movimento na tentativa de sacudir essas estruturas aqui na UFG. Começamos a falar de nós com nossas próprias vozes, e assim, fazer dessa universidade um quilombo, em nome de nossa permanência e de muitos outros que chegariam até aqui. Iniciamos o processo de ensinar a ensinar, de tentar transformar essa universidade em um quilombo como necessidade vital para nossa própria permanência nesse território. Foram muitos cursos de formação docente, foram muitas palestras e

seminários, só que dessa vez, do nosso jeito, ensinando como quilombolas e indígenas, de acordo e baseando em nossas ciências, conforme nossa Pedagogia.

Como podem notar, para uma mulher quilombola entrar no curso de Pedagogia numa universidade federal, num mestrado em Antropologia Social eu necessitei de muita teimosia, eu precisei meter o pé em muitas portas, e quase sempre eu precisava tolar de dentro mesmo quando os espaços diziam que eu não cabia.

O que me fez chegar até aqui está sendo a nossa teimosia entrelaçada com a nossa luta caminhando de braços dados com o povo do quilombo de Extrema, foi andando de maloca, pois eu nunca estive sozinha, como eu bem disse no capítulo anterior. Eu que sou mãe de três filhos, que até 2018 trabalhava como empregada, sabemos que a teima e a desobediência me fizeram chegar aqui, os pés nas portas, e viver tolendo de dentro está me proporcionando a escrita dessas linhas e isso me deixa emocionada.

Nossa luta vem de longe, e as mulheres tem tido um papel fundamental em nossas lutas. Mesmo após a suposta libertação, digo suposta devido a retirada de direitos, e tendo os direitos retirados, continuamos sendo violentadas, pois tudo nos foi negado e portanto, não nos deram mecanismos para viver, mas ainda assim nós resistimos. De acordo com bell hooks (1982) só restando apenas os trabalhos mais pesados em lavouras e mineração, junto com os homens, o que só aumentava as violências como estupros, e infelizmente, isso ainda é muito atual, mas apesar de tudo nós estamos aqui.

Então, é perceptível que essa desobediência não começou por mim, no meu tempo, essa luta é ancestral. Ela começou muito antes, começou quando preferimos morrer a ser escravizado. Ela começou quando lutamos pelas nossas vidas e liberdade e de nosso povo. Quando resistimos as mais perversas formas de violência. Quando não deixamos que matassem nossos saberes e conhecimentos que vivem até hoje. Começou quando mesmo tendo o direito à educação negado, ensinamos nossos filhos em casa no quilombo. Começou quando levantamos nossas casas do barro. Começou quando com nossa ciência fazíamos nossos partos em casa. Começou quando conseguimos preservar nossa história, nossos costumes e nossa fé apesar de toda violência, e muitas outras estratégias como forma de luta, como podemos acompanhar abaixo com a professora Clarisse Goulart Paradis, a partir do pensamento de Angela Davis.

Ao demonstrar que as mulheres resistiram à escravidão, a partir de diferentes estratégias, e ao visibilizar suas formas de luta, passando pelos movimentos abolicionistas, pela luta pela educação e também pela resistência à violência sistemática sofrida pela população negra na pós-abolição, Davis reconheceu as mulheres negras como sujeitos sociais e políticos fundamentais para a história da emancipação

feminina e do povo negro. (CLARISSE GOULART PARADIS, 2018, p.6)

O que percebemos é que educação quilombola antirracista atua para romper com todas as estruturas de conhecimento que a vida toda vem tentando nos aprisionar, adestrar e que nos coloca em situação de risco constante. As nossas estratégias de educação vêm tencionando nossa luta com a branquitude, pois a pedagogia quilombola se dá pelas nossas mãos, e para isso, trabalhamos de forma que descontinue as modelos de educação opressoras, causando em nossa sociedade um desconforto, uma inquietação, por meio de um conhecimento que germina, nasce, cresce é produzido e potencializado dentro de nosso laboratório, quilombo, sabendo que cada um de nós somos um quilombo, não importa aonde estejamos.

A educação quilombola vive até hoje por ser capaz de causar a descontinuidade de práticas violentamente racistas, e com isso, ela atua também no combate ao racismo e consequentemente para manutenção de nossa existência, de nossas vidas. Uma das características da educação da branquitude é para a obediência como já falamos anteriormente, para aceitação de forma imposta, de forma passiva, ou seja, atua sobretudo para manutenção e reprodução de estereótipos e de violência.

As pessoas são moldadas de acordo com a necessidade da sociedade, do sistema que opera para nos matar um pouquinho todos os dias, de um sistema estruturalmente racista. Diante desse contexto, a exigência da branquitude é por um respeito em forma de obediência, só assim poderá continuar perpetuando desigualdades e injustiças. Mas no quilombo, nosso respeito é em forma de transgressão, e nossa luta é para promover o quebramento de práticas racistas por meio da educação quilombola antirracista, de nossa pedagogia, como nos ensinou a educadora bell hooks (2017).

A base estruturante da vida e existência no quilombo é o respeito mútuo entre as pessoas, a nossa história, o compartilhamento de saberes passados todos os dias de geração em geração, mesmo que de forma inconsciente. O que não quer dizer que não há divergência, discordância e até conflitos internos e externos. O que nos mantém de pé é o respeito pela nossa história de superação e luta pelo que os nossos foram e que reverbera cada dia mais fortemente no que somos, em nossas lutas diárias.

Para meu filho Gustavo Rocha Pereira de 11 anos, sem respeito as lutas dos nossos ainda estaríamos sendo escravizados até hoje. Para ele, sem respeito, eu não seria professora hoje, a irmã dele Larissa Rocha não estaria na faculdade, Gisele Rocha não estaria na faculdade e ele não estariam na escola, pois naquela época da escravidão era

um desrespeito total as pessoas negras, afirma ele. Concordo com o Gustavo pois, a falta de respeito a nossa existência fez com que fôssemos escravizados, e a ganancia dos colonizadores vem provocando o genocídio do povo negro.

Foi por nos reconhecer uns nos outros, foi pelo respeito que confluímos (Nego Bispo, 2015) com os indígenas e isso foi essencial para que permanecêssemos vivos ao chegarmos nessa terra. “O respeito vem da mais profunda intimidade, e não é fácil” entre os quilombolas, e ele precisa fazer parte de cada canto no quilombo, afirma tio Manoel de Joana, que diz que mesmo quando estamos brincando, quando estamos lutando entre tio e sobrinho, estamos respeitando. Ele entende que cuidar e respeitar é um trabalho desafiador e de alta complexidade. Pois ao mesmo tempo ele pode nos aproximar e nos afastar uns dos outros, e isso é arriscado, diz ele.

Quando vivemos em um ambiente coletivo, aprendemos que o respeito precisa ser precedido pelo cuidado, pelo afeto e principalmente pela manutenção de uma luta que não iniciou em nós. Não respeitamos porque somos obedientes, respeitamos a partir de um olhar de dentro, um olhar de quilombo, de sentir e simultaneamente, enfrentar e lutar.

Saber ouvir, saber sentir e respeitar o que o ambiente nos oferece, e compreender aquilo que os mais velhos ensinam são lições essenciais que um quilombola de Extrema precisa aprender desde pequeno. E é por que respeitamos e cuidamos uns dos outros que somos ensinados a lutar e resistir mesmo quando nem percebemos. Respeitamos nossa história, nossa memória, os nossos sonhos, a luta de nosso povo e não abaixamos a cabeça, resistimos até hoje por pura teimosia de quilombo, e nossa desobediência é ancestral.

De que lado vem o vento, saber sobre o que quer dizer o cantar da cigarra, o agouro da coam com seu canto triste, a cor do sol mais esbranquiçado ou amarelado, um pé d’água de chuva forte ou apenas uma mangueira de chuva, e para que lado está virado a porta da casa de um João de Barro e toda sua ciência entre outras, respeitamos as histórias contadas e vividas pelos mais velhos, são coisas que começamos ouvir desde muito pequenos de nossos avós e pais, e aprender sobre todos os seus significados e os afetamentos que isso provoca na vida na comunidade.

Respeitando os mais velhos, respeitaremos nossa história, nossa cultura, nossa tradição e a natureza, e assim, saberemos construir histórias outras carregadas de todos nós, um pouquinho da luta de cada uma e de cada um. E talvez, esteja aí a uma das fontes de nossos conhecimentos que nos faz continuar e resistir até hoje, fomos ensinados desde criança a transgredir, a partir do quilombo, e esse é também um dos mecanismos utilizados por nós para nos protegermos e enfrentar a traiçoeira.

3.2 Educação para a proteção: é assim que enfrentamos a onça

Na comunidade, marcamos um dia para conversarmos depois do trabalho que minha tia Maria Madalena do Sacramento Rocha desenvolve no ateliê Terezinha Rocha junto com as bonequeiras de Extrema, nome dado em homenagem a minha madrinha Teca (Tereza Rocha), mulher de meu padrinho Zé. Minha madrinha que também era educadora quilombola, merendeira e pedagoga e nos deixou tão precocemente.

Foi uma conversa muito tranquila, que aconteceu já ao anoitecer, bem no finalzinho das atividades no ateliê. No momento da conversa, discorremos sobre inúmeros assuntos, como a importância da construção da nossa identidade, dos nossos que têm bebido dessa água do conhecimento que liberta e emancipa e prepara esse alicerce para o enfrentamento, para a luta e proteção e também dos que ainda não beberam dessa água, entre muitos outros. Falamos da educação e o quanto isso tem sido fundamental para que possamos nos proteger de toda violência que ainda nos rodeia.

Hoje nós nos protegemos Márcia, você consegue se proteger, eu consigo me proteger, os meninos já conseguem se proteger, seu filho já está aprendendo a se proteger. Se você não tivesse na universidade, ele ia ter essa visão, nunca! Então é aí que entra a questão do conhecimento que liberta e emancipa, que Paulo Freire traz. (MARIA MADALENA DO SACRAMENTO ROCHA. Conversa em 15 de julho de 2022)

A educação quilombola, vem direcionando nossa caminhada, vem nos ensinando a sair das ciladas do racismo, nos ensinando a nos proteger da opressão e da violência.

A educação no Quilombo é aquela desenvolvida pelos sujeitos nas suas práticas cotidianas, seja, na família, no trabalho, na comunidade, nas lutas sociais, nas manifestações das tradições culturais, na relação de sustentabilidade com a natureza, enfim, no modo de ser e estar no mundo. (CLEMILDA SANTIAGO NETO, EDIMARA SOARES E EDNA COQUEIRO, 2022, P.09)

Mas a luta ainda é grande, tem muito chão pela frente, como discorreu a bonequeira Renildes Maria Rocha em sua fala no capítulo anterior, pois sabemos que muitos dos nossos ainda não acessaram ou foram acessados pela educação quilombola antirracista. A violência e as feridas do racismo são extremamente profundas, dificultando que as pessoas sejam atravessadas por uma educação emancipadora, para a construção da identidade, valorização de nossos saberes e luta por aquilo que é nosso por direito.

Esse negócio da educação, eu já percebi e senti, sobre querer crescer por meio da educação, com meu pai. Ele falava assim pra mim, quando ele via que eu sobressaía em algumas coisas, ele gostava de fazer

algumas perguntas, $8+8=16$ nove fora? Ele fazia isso. Oito mais oito era importante, mais o mais importante era o nove fora. E ele fazia umas perguntas e eu pensava, pensava e dava as respostas pra ele. E ele dizia assim, se você puxar seu avô, você vai longe. Nicolau, professor Nicolau. Ele não falava assim você é inteligente, minha filha. Ele falava assim se você puxar seu avô, você vai longe. (MARIA MADALENA DO SACRAMENTO ROCHA. Conversa em 15 de julho de 2022)

Enquanto professoras quilombolas, trabalhamos a educação quilombola para proteção de nosso povo. Um dos lugares que minha tia Maria Madalena desenvolve e potencializa essa luta é dentro das paredes da escola João Damaceno Rocha. Começando pelas crianças, resgatando formas de brincar que nós também utilizávamos durante nossa infância e levando tudo isso para dentro da sala de aula, pois concordamos com a também professora quilombola Givânia Maria da Silva (2012, p.166), quando afirma que a “educação escolar quilombola é um instrumento de luta, de identificação, de acolhimento dos conhecimentos locais e universais, de valorização da pessoa, da afirmação enquanto sujeitos de direitos, conforme mencionado”.

Sendo assim, compreendemos quando a professora quilombola Maria Madalena tenta levar para dentro da escola em quilombo Extrema nossas brincadeiras, um brincar que afasta, por exemplo, as crianças do uso excessivo de tecnologias da branquitude, que conforme ela, está intoxicando as crianças e fazendo-as perder a potência criativa de quilombo, e conseqüentemente, mecanismos de proteção, que se dá, inclusive e principalmente nos momentos das interações e fortalecimento dos laços de parentescos durante as brincadeiras.

Como eu vejo esse brincar hoje. Hoje eu busco isso mais na escola, quando eu faço minhas atividades com os meninos, eu faço jogo de biloca, eu mesma amo jogar biloca, e os alunos adoram. Eu faço com eles assim, essas atividades, esses tempos nós fizemos de queimada, eu procuro fazer e trazer pra minha aula. Sabe por que? Hoje nós precisamos pensar essa questão da tecnologia, do uso da tecnologia, e o exagero tá o que? Tá criando aí crianças que não estão pensando, estão intoxicadas, não podem ser frustradas. Precisamos de uma desintoxicação, é fazer o corpo suar, sabe, suar aqui, sabe. Eu gosto quando o Caio (filho dela) chega aqui sujo e suado. Cheio de marcas. Gente nosso corpo precisa suar, movimentar. Na cidade é muito difícil, principalmente pra você Márcia, aqui eles têm encontros. Aqui a gente não preocupa, aqui não tem, eles saem e brincam. (MARIA MADALENA DO SACRAMENTO ROCHA. Conversa em 15 de julho de 2022)

Então, a educação no quilombo que levamos para dentro das escolas, é um trabalho que prepara nossas crianças para a vida, para aprenderem lidar com diferentes questões que atravessam nossos caminhos, e sendo assim, precisamos atuar de diferentes

maneiras para protegermos nosso povo. De acordo com Clemilda Santiago Neto, Edimara Soares e Edna Coqueiro (2022, p.09) “entende-se que a educação no quilombo consiste nos conhecimentos ancestrais repassados de geração a geração, e contempla todas as dimensões sociais do cotidiano da comunidade”. E embora em nossa sociedade que além de racista é também patriarcal e machista, isso ainda seja muito forte, a professora enfatiza sobre as intervenções que vem fazendo e o reflexo disso na vida de nosso povo.

Aqui na Extrema, quando eu trabalho com meus meninos, com minhas meninas, é tudo misturado, eu trabalho essa questão da criança as vezes. São coisas assim, que eu acho. Como eu posso te falar, Márcia. Às vezes, vem algumas expressõezinhas, sabe. Igual o dia que fomos brincar de bonecas. O dia que estivemos lá na casinha, aí tem criança que fala que não pode brincar. Não pode brincar de boneca. Aí eu tenho que trabalhar essa questão antes. A desconstrução do machismo com essa criança. Aí eu falo, olha você pode ser o papai, o titio, o irmãozinho, você pode ajudar a cuidar. Eu trabalho todas essas questões com as crianças, brincando e na roda de conversa. Brincando e falando sobre isso, sabe por que? Alguns pais não tiveram oportunidade de beber um pouco desse conhecimento, da desconstrução tanto do racismo, quanto do machismo, sabe. Tudo que nós discutimos dentro da universidade. Isso vai, isso reflete nos filhos, nas falas dos filhos. Eles levam isso, é a partir do que eles falam, nós vamos fazendo intervenção. (MARIA MADALENA DO SACRAMENTO ROCHA. Conversa em 15 de julho de 2022)

Sabemos que tudo isso que nos atravessa é herança da colonização, e foi feito de forma intencional, premeditada. Uma das formas de violência foi naturalizar muitos comportamentos que ainda hoje lutamos para desconstruir no nosso dia a dia, e de nossa maneira, nos protegermos resgatando nossos saberes e preparamos os nossos para enfrentar por meio de nossa educação quilombola.

Se essa relação familiar que é construída, relação familiar, se é construída de forma violenta, e nós não fizermos essa intervenção, aquela criança pode carregar aquilo e pode repetir o mesmo comportamento por não entender. O que eu fiz, eles repensaram e se colocaram no lugar de pai e de mãe numa idade de que não tem nem a maturidade que deveria. A forma como cada um falou.

Às vezes eu me pego, às vezes eu reproduzo muita coisa. Porque isso foi internalizado, porque a forma que os nossos pais nos educaram foi a mesma que o tataravô educou o filho, porque na época da colonização, quando acontecia qualquer coisa errada, desobediência, o erro era punido, era de punição, então o corpo punido né, lá daquela época, ressoa aqui. (MARIA MADALENA DO SACRAMENTO ROCHA. Conversa em 15 de julho de 2022)

E nós, muitas vezes a gente faz isso, né. Às vezes eu me pego né, é violento, é forte. As coisas, sabe. E, às vezes, a Amanda (filha dela) fala, né. As meninas falam, né. E eu falo, minha filha, foi a melhor forma que eu encontrei de educar vocês, pode ter certeza disso. Hoje a minha cabeça é diferente. Quando eu tive você, eu era jovem, seu pai era jovem. Hoje é diferente. Vai agregando e vai desconstruindo. A Kananda (filha dela) vai educar diferente a filha dela. O que eu errei com ela, ela vai tentar acertar com a filha. Por exemplo, o meu pai, ele não nos deixava sair, nem eu e nem Maria. Era uma proteção. Eu vi que meu pai, não era uma forma de me punir não, era de me proteger. (MARIA MADALENA DO SACRAMENTO ROCHA. Conversa em 15 de julho de 2022)

Sendo assim, a gente percebe a luta de nosso povo para nos proteger, e eles faziam isso do jeito deles, com os mecanismos que tinham. Hoje em dia, continuamos lutando pela proteção dos nossos, e a educação quilombola continua sendo um dos mecanismos utilizados por nós. Ela falou sobre meu avô Leandro Cesário Rocha, filho do professor Nicolau Cesário “ele viajou pra Brasília, ele viajou pra Goiânia, meu pai foi apontador, meu pai trabalhou, meu pai ajudou construir Brasília, meu pai foi a pé pra Brasília. Ele só mudou essa questão sobre educação depois que ele voltou de lá. Por que os mais velhos não tiveram essa oportunidade sabe, tiveram esse direito negado”. Nossa geração está cada dia chegando mais longe, chegamos na graduação, no mestrado e no doutorado.

Quantos de nós, quantos deles eles teriam derrubado com esse conhecimento? E já derrubou tendo estudado tão pouco. Você tá entendendo, Márcia? Márcia o nosso povo, tem gente que eu fico pasmada, quando eu vou conversar. É por isso que eu aprendi muita coisa. Foi com eles. A primeira coisa da pesquisa foi a conversa com os mais velhos. Eles têm respostas que fazem a gente refletir, que faz a gente pensar. Eu aprendo muito mais pesquisando com os interlocutores do que na né... (na universidade) ou qualquer outra coisa, e o melhor de tudo é que vamos aprendendo com os nossos. (MARIA MADALENA DO SACRAMENTO ROCHA. Conversa em 15 de julho de 2022)

Nossas crianças estão aprendendo a se proteger, estão aprendendo a sonhar e desejar ocupar espaços que até pouco tempo nos era negado. Hoje muitos pais em quilombo Extrema têm filhos na universidade, minha mãe dona Jovelina Pereira Rocha do Sacramento, que teve o direito de estudar negado, tem quatro filhos na UFG e duas netas, e outros em outros cursos e faculdades. Eu tenho duas filhas na UFG, a Larissa Rocha no curso de Jornalismo, e a Gisele Rocha que acabou de passar em Fisioterapia, meu filho Gustavo Rocha fala que quando crescer ele vai estudar na UFG também, e muitas outras crianças e jovens da comunidade expressam esse desejo e sonho, e recebem todo apoio de nosso povo.

Conforme Maria Madalena do Sacramento Rocha, temos percebido uma mudança no comportamento das crianças e jovens. Eles aprenderam por meio da educação quilombola e da educação escolar quilombola desenvolvida por professores como Maria Madalena que uma das maneiras de enfrentar a “onça” e proteger os nossos das violências racistas, de proteger nosso território é a educação. Então, é preciso esse entrelaçamento entre a educação quilombola e a educação escolar quilombola. Pois conforme a professora Givânia Maria da Silva (2012, p.167), a

Educação escolar quilombola é a educação viva, que nasce do saber do próprio povo, para devolver a esse mesmo povo o que lhe foi negado e por isso, valoriza, reconhece, fortalece, identifica, partilha, qualifica os saberes e os conhecimentos locais, sem com isso abandonar os conhecimentos universais. É uma educação que busca emancipar o homem e a mulher e se transforma em instrumentos de luta. GIVÂNIA MARIA DA SILVA (2012, P.166)

A professora Maria Madalena afirma que vem percebendo mudanças no comportamento das crianças e jovens. Acompanhe!

Houve uma mudança de comportamento na comunidade. Eu percebi primeiro nas falas das crianças. Quando eu percebi algumas criancinhas falando assim: “quando eu crescer eu vou pra Goiânia estudar”. Pra UFG. A Rubia falou, ela que é especial, ela falou de ir. (MARIA MADALENA DO SACRAMENTO ROCHA. Conversa em 15 de julho de 2022)

Na minha colação de Grau, eu falei para o Caio Vinícius meu filho. Meu filho, quando você crescer você vai estudar aqui, né meu filho. E ele falou “eu vou ser aquele lá”. E eu disse quem, meu filho? “Aquele lá de capa branca”. Eu pensei que era o professor. E ele apontou para o reitor, e eu pensei, ixé. Eu fiquei assim, eu fiquei besta. Eu nem lembro se falei amém, para falar a verdade. Você tá entendendo. Isso é muito forte. Aí que eu comecei a perceber. Essa criança tem percepção da realidade, ela vive um contexto, que os sonhos estão sendo construídos. (MARIA MADALENA DO SACRAMENTO ROCHA. Conversa em 15 de julho de 2022)

A educação quilombola vem proporcionando que sujeitos que antes era objetificados tenha a possibilidade de lutar pelo direito de sonhar e alcançar os objetivos, mas para isso, de acordo com a professora quilombola Givânia Maria da Silva (2012, p.166) e necessário “socializar os conhecimentos gerais já normatizados e convencionados nos sistemas de ensino e aqueles conhecimentos que a comunidade entende serem importantes, mas ainda não são vistos ou aprendidos por meio da escola”.

No Brasil, vem ocorrendo um movimento muito intenso na luta pelos direitos dos povos tradicionais brasileiros, e isso só está sendo possível, a partir do momento que nós passamos a estar, a ocupar muitos espaços que antes nos era negado, e que não podíamos

sequer passar na porta. Nos últimos anos, pudemos vivenciar e participar de diversas *lives online* e cursos de formação antirracista. O que percebemos é que esse movimento só tem crescido no Brasil. Nas mídias brasileiras, podemos ver com mais frequência debates quando o assunto é o racismo, mas sabemos que isso tudo ainda é insuficiente, visto que não raro, sujeitos negros estão sendo vítimas de violências e continuam sendo mortos diariamente. Isso porque,

Uma das perspectivas evidenciadas sobre essa relação trata-se do direito como um modo efetivo de combater o racismo, seja pela penalização individual ou através da criação de políticas de ações afirmativas. Por outro lado, embora o direito possa possibilitar avanços, permanece fazendo parte de uma estrutura social que transmite o racismo, por meio de ações políticas e ideológicas. (EDUARDA SOUZA GAUDIO, 2019, p.216)

As leis precisam atuar de forma efetiva em relação ao crime de racismo e injúria racial. Precisamos de implementação de políticas públicas que nos proporcione estar em posição de igualdade de oportunidade, de equidade, e elas precisam ser pensadas e construídas por nós, e assim, vamos lutando pela vida dos nossos, pela existência nosso povo. Para Louise Rodrigues Campos e Sullivan Ferreira de Souza (2015), “o movimento quilombola luta contra essa classificação como sujeitos inexistentes, desde luta pelo reconhecimento de seus territórios, por políticas públicas e garantia de direitos, combate ao racismo e luta pelo respeito à diversidade cultural”. (p. 37325)

3.3 As fazedoras de perguntas esquisita: “*mas a gente não é besta não*”

Enquanto eu ainda estava na comunidade, em um dia normal, depois do almoço, eu deitei um pouquinho para tirar um cochilo e tentar descansar um pouco, pois ao contrário do que pensam os de fora, embora seja um ambiente calmo e tranquilo, a vida na comunidade é muito corrida e cheia os afazeres diários, idas e vindas, subindo e descendo da casa da minha mãe para casa de minha avó, do meu padrinho Zé, da minha tia Mada e minha casa.

Eu deitei, meu esposo André deitou também e o meu filho Gustavo pediu para ver um pouco de desenho no celular. Mas logo eu percebi que vó Bitá estava sentada na área da casa dela, na paredinha, como fazia todas as tardes. Eu levantei e fui sentar-me com ela. Tia Du também veio sentar. Em seguida, elas falaram para mim que ainda tinha melancia, que nós poderíamos chupar. Eu respondi que ainda estava com a barriga cheia

do almoço e sorrimos. Tia Du disse que estava cheia também, mas que ia chupar melancia, às vezes até ajudava esvaziar e sorrio, e sendo assim eu disse que queria também.

Estávamos comendo a melancia, quando a gente olhou na subida que dá de encontro com a estrada que passa ao lado da nossa comunidade, GO 110, vimos que estava vindo um carro, e não era do povo de Extrema, era uma caminhoneta, e ninguém lá tem uma caminhoneta daquela. O carro foi encostando, e tinha um povo de fora dentro do carro que a gente não conhecia.

Pensa que não, eles perguntaram onde era a casa de José Evangelista, meu padrinho Zé, e mesmo cismadas, minha vó e minha tia falaram, “é ali, é aquela lá”. Eles agradeceram e foram em direção a casa dele. E nós ficamos de olho. De repente, eles desceram do caro e ficaram conversando com meu padrinho Zé no terreiro, passando um tempinho, eles entraram na área da casa dele. Nós ficamos especulando, quem será esse povo de fora, e nós deduzimos que era conhecido dele, e ou talvez algum amigo.

Passou mais um pouquinho, é vem padrinho Zé com duas mulheres, o homem ficou no carro. Chegou lá na casa de vó, ele apresentou-as como sendo pesquisadoras da UFG. E disse que elas haviam ido fazer uma pesquisa com os quilombolas, com a gente. Minha vó e minha tia aceitaram participar e contribuir com a pesquisa delas. Meu padrinho deixou-as lá e voltou para a casa dele, pois o homem havia ficado lá, no carro.

Minha vó e tia Du receberam as mulheres da UFG. Uma era branca, e a outra era negra. E eu pensei, está parecendo que eu conheço essa mulher, a que é negra. As mulheres começaram a entrevistar a minha vó e minha tia Du, e eu continuei comendo um pedaço de melancia. A mulher negra foi entrevistar tia Du, e a mulher branca foi entrevistar vó Bitá. Ao terminar de entrevistar tia Du, a pesquisadora veio falar comigo, perguntando se eu moro na casa com elas, minha vó e minha tia. Eu respondi que não, que minha casa é aquela lá, mostrando para ela. Mas que eu estava lá fazendo pesquisa, e por enquanto, eu morava em Aparecida de Goiânia. Ela então, resolveu não me entrevistar, pois eu não morava lá. Enquanto isso, eu fiquei conversando com a pesquisadora negra, e ela me disse que era quilombola de Cavalcante, e que me achou parecida com Bruna, quilombola que estuda na UFG, e eu disse que Bruna é minha prima. Ela disse, que era muito legal isso.

Enquanto isso, a outra pesquisadora entrevistava minha vó. Quando a outra pesquisadora terminou de entrevistar minha vó Bitá, a outra falou para ela sobre mim, que eu estava fazendo pesquisa, e que não morava lá, e ela autorizou a outra mulher a me entrevistar. A mulher começou a me entrevistar. Começou as fazer as perguntas. E nisso,

a outra foi embora, voltou para casa de meu padrinho Zé, onde estava o homem que veio dirigindo e o carro deles.

A mulher me explicou que eu só poderia responder “sim, não, talvez, nem sempre, quase sempre”. As perguntas eram sobre a nossa saúde na comunidade, se íamos ao médico, como fazíamos... Ela começou a entrevista, e de cara eu fui vendo que as perguntas eram muito repetitivas, mas até aí tudo bem.

Quando terminou a entrevista, a mulher também subiu para a casa de meu padrinho Zé. Minha vó me falou que vai gente de fora lá direto fazer pesquisa e ficam especulando as coisas. Minha tia Du disse que achou as “perguntas esquisitas”, e que lá a gente adocece e melhora e “nem vai ao médico”, e que as mulheres perguntavam a mesma coisa, “parecendo que a gente é besta e não entende, mas a gente não é”.

Enquanto isso, as mulheres e o homem da UFG ainda estavam lá na casa de meu padrinho, passou um pouco eles desceram pelo mesmo lugar de onde vieram e subiram a ladeira na GO 110. E nós ficamos lá conversando sobre as perguntas que as pesquisadoras fizeram, que repetiam toda hora a mesma coisa.

Quando as pesquisadoras chegaram, eu fiquei observando o comportamento delas no momento da pesquisa, da entrevista, e já foram fazendo logo a entrevista e indo embora, parecendo que foram “buscar fogo” como diz minha vó. Segundo minha vó, quando as pessoas vão buscar fogo, elas vão com pressa, não botam assunto, não se demoram, assim como fizeram as pesquisadoras.

Eu fiquei pensando, refletindo e me perguntando se com aquelas perguntas e respostas realmente dava para saber sobre nossa saúde, sobre a saúde dos quilombolas, sobre nossas vidas, sobre os mecanismos que utilizamos para cuidar da nossa saúde, que vai muito além de uma ida ao médico, de tudo aquilo que elas já chegaram com as perguntas prontas, com questionários prontos, e que sequer faziam sentido para a gente.

Isso tudo me fez pensar na minha pesquisa. Sobre a pesquisa fazer sentido para os interlocutores, e não somente para o pesquisador, o que sabe ou que acha que sabe. Fiquei pensando que naquele momento da pesquisa com aquelas pesquisadoras, continuávamos como objetos de estudo, em que a própria opinião não importava, que não podia falar, contextualizar, falar de nossos remédios caseiros, dos chás, dos benzimentos que são os que vem nos curando há anos de todos os males todos os dias no quilombo.

Durante a entrevista comigo, toda vez que eu tentava contextualizar, a mulher dizia enfaticamente, “responda sim, não, talvez, nem sempre, quase sempre”, e eu parava de falar. Eu fiquei pensando, no quanto isso nos afeta, pois essas pesquisas irão implicar

diretamente em nossas vidas, em nossas existências, em como nós cuidamos dela, em como fazemos para manutenção e cuidados com nossa saúde, e tudo isso é feito sem nós, e o que é pior, feito sem nós em nossa presença, na nossa frente. A pesquisa é sobre nós e temos que responder o que lhes convém

Eu fiquei encabulada, pensando em minha pesquisa. Fiquei pensando em como nós pesquisadores podemos ser invasivos, violentos e desrespeitosos com a vida, com a história das pessoas. Eu observei pela fala de minha tia Du “eu respondi foi logo tudo”, e sorriu. Percebi que ela usou esse mecanismo de responder logo tudo, porque aquilo ali não dizia de nós como somos de verdade e foi para se livrar daquela gente de fora das perguntas esquisitas.

Após observar essas pesquisadoras de fora, surgiram em minha cabeça algumas questões. Uma coisa é o que de fato vivemos no quilombo, outra coisa completamente diferente e o que dizem e escrevem sobre nós quando o pesquisador não é um de nós, e isso é feito por meio de pesquisas assim, como essa. Outra questão que pensei foi em como pode ser perigoso pesquisas assim, sobre o discurso que é construído baseando nos dados que foram coletados e que não condizem com o que vivemos pois sequer podemos falar nesse tipo de pesquisa, e como isso é desrespeitoso e violento. Mas o meu povo por meio da transgressão, “do respondi logo tudo”, vem a cada dia que passa se defendendo e se protegendo dessas ciladas, de gente de fora a partir do que lhes convém.

Eu não soube usar esse mecanismo na hora que fui entrevistada. Fiquei incrédula. E tentei a todo custo contextualizar, sem sucesso. Depois, minha vó, minha tia e eu ficamos rindo delas, com as perguntas bestas, e minha tia disse que “tem gente aqui que nem sabe o que é ir em um médico”. Acredito que aquela gente de fora, não levou em consideração a vivência das pessoas, a história e os inúmeros outros tipos de mecanismos de proteção e cuidado com a saúde que meu povo utiliza.

Desde quando essa dissertação ainda era uma ideia, eu já me preocupava em como se daria minha pesquisa, pois eu não queria reproduzir esse tipo de violência, que infelizmente é comum na academia. Meu maior medo enquanto professora e pesquisadora é justamente fazer igual todo mundo. Eu precisava fazer do jeito certo, e o jeito certo era com eles, que meu povo pudesse participar e falar sobre nós do nosso jeito, a partir do ponto de vista de quem é parte da pesquisa, de quem é de dentro, e sendo assim, tudo muda de figura, pois o olhar e as percepções são outras. Fazer uma pesquisa etnográfica me ajudou nisso.

Conversar com as pessoas, convivendo e vivendo considerando o fluxo diário do quilombo fez toda diferença no andamento e na minha luta em fazer uma pesquisa de dentro para fora e não de fora para dentro. Respeitar os corpos, os pensamentos e os tempos de cada um. Tudo que levei pronto não foi usado, que bom, pois certamente minha pesquisa e dissertação não seria tão potente quanto estou sentindo. Não foi usado, pois ao chegar lá em casa, andando no quilombo, observando o movimento, conversando com as pessoas, sentido as reações das pessoas, o movimento do corpo, os olhares, o tom de voz, o silêncio, as risadas, eu senti dentro de mim que aquilo não fazia sentido para meu povo e nem para mim, e eu percebi que o meu povo era quem me mostrava o que fazia sentido e o que não fazia em um momento e ou em outro.

3.4 Necroeducação em Iaciara: “se eles pensaram que iam me calar, estavam enganados”

Durante o período que estive em campo, todos os dias eu ia até o ateliê Terezinha Rocha, ao lado da casa de minha tia Maria Madalena do Sacramento Rocha, para tentar conversar com ela, e era lá também que se concentravam as mulheres na feitura das bonecas. Eu sempre ia junto com tia Domingas, Carol e minha mãe, pois elas fazem parte do projeto. Mas com o movimento no ateliê, era sempre muito corrido, pois a confecção das bonecas, o trabalho desenvolvido pelas bonequeiras tomava muito tempo daquelas mulheres, e com isso, fomos adiando nossa conversa.

Conseguimos marcar uma conversa, que coincidiu com o dia que ela havia ido até a cidade vizinha em Posse, dia também em que as pesquisadoras da UFG haviam ido fazer a pesquisa em Extrema. Conteí para ela sobre as pesquisadoras, e ela me disse que não estava na comunidade, e que por isso, as pesquisadoras foram à procura de meu padrinho Zé. Ela me mostrou um material deixado pelas pesquisadoras da UFG. Nele tinha alguns dados, inclusive sobre a educação. E constava que em nossa cidade de Iaciara, temos 1,1% de pessoas no mestrado. Ou seja, na cidade de Iaciara, só tem a professora Maria Madalena do Sacramento Rocha que é mestra.

Só temos uma mestra em nossa cidade, e ela é quilombola de Extrema. A minha tia, professora Maria Madalena disse que aquele 1% é ela, e que logo terá 2% que seria eu, e em seguida, mais uma que seria Amanda sua filha, que também está cursando mestrado em Antropologia Social na UFG, que em breve seremos três mestras em nossa cidade de Iaciara, todas do quilombo de Extrema. Mada salientou ainda que “é por meio

desses espaços, desse lugar de conhecimento que nós vamos fazer as mudanças que precisamos”.

Durante nossa conversa, eu disse a ela sobre a importância de nosso povo falar, de gritar para que todos saibam que em Iaciara nós temos uma mestra, e ela é quilombola de Extrema, e o quanto nos orgulhamos disso, e que onde quer que eu vou sempre faço questão de falar. Ela discorreu sobre o quanto essa luta por garantias de direitos é desgastante e adoecedora. E que por causa de sua luta diária pelos direitos de nosso povo, ela vive levando chibatadas, mas que ela não se deixa intimidar, e continuar esperando e lutando, e que isso só aumenta a cada dia. Acompanhem a fala dela.

E aí você vê, né Márcia, o tanto que isso é adoecedor. Mas eu sou assim, quanto mais me batem, quanto mais a chibata canta, mais eu esperneio e luto, mais eu tenho vontade de lutar, se pensaram que iam me calar estavam enganados. Não reconhecendo uma professora dentro dessa necroeducação de Iaciara, eles se enganaram. Quanto mais fazem isso, mais eu sinto necessidade de lutar, de ser reconhecida. E eu falo isso, eu tenho sede. (MARIA MADALENA DO SACRAMENTO ROCHA. Conversa em 15 de julho de 2022)

O não reconhecimento ao trabalho de educadores e suas histórias de luta por uma educação diferenciada é um sintoma do racismo, da violência que enfrentamos diariamente, da política de morte de nossos conhecimentos que apesar de nossa luta e resistência, continua existindo.

Existem projetos de apagamento das histórias do povo negro e isso ainda reverbera em nossos corpos nos dias de hoje. Não reconhecer o trabalho de uma educadora quilombola é o reflexo disso. É o reflexo do racismo institucional que operam de forma significativa para nos excluir de espaços de poder, dizer quem deve e quem não deve existir.

Associando a necropolítica como construção institucionalizada da morte à escola, um espaço para matar, uma vez que constrói trajetórias de vida de quem pode ser explorado e quem pode explorar, propomos o conceito de Necroeducação, como uma espécie de Necropolítica aplicada à educação, podendo ser definida como a prática educacional que, fundada na cultura, nos valores, nos saberes e conhecimentos (linguísticos, éticos, estéticos e morais) do grupo branco dominante e na desqualificação do sujeito histórico não pertencente ao colonizador, está embasada no padrão epistemológico eurocentrado, nega outras formas de pensar, de viver e de produzir conhecimentos que não os do europeu, além de elaborar negação da memória histórica dos povos colonizados e a inferiorização da sua cultura e dos seus saberes. A Necroeducação mata não somente os corpos pretos dos discentes, mas também os docentes, em sua maioria preta, com a desvalorização de sua prática, com baixos salários e sem condições dignas de trabalho. (JANETE FERNANDES SUZART DA SILVA SANTOS, 2021, p.67)

Agora, é preciso partirmos do pressuposto que sempre existiu essa política de educação que vive tentando dizimar nossos conhecimento e saberes. E uma das formas encontradas para continuar perpetuando toda essa violência após a escravidão foi nos deixando de fora e nos culpando por isso. Negando ao meu povo o direito à educação e todos os outros. Em uma conversa que tive com meu padrinho Zé, ele falou sobre minha madrinha Teca (falecida), sobre o sonho dela em ser professora, assim como eu. Ele discorreu sobre a falta de oportunidade, e o valor que é dado a cada uma com base na cor da pele, mesmo ela sendo formada em pedagogia. Acompanhem conosco.

Minha esposa, sua madrinha era quilombola, meus filhos também são, todos é quilombola. Ela era professora, era merendeira aqui na escola, e fez pedagogia como você. Mas não teve a oportunidade de trabalhar como professora. O interesse dela era dar aula, o sonho dela era dar aula. Ela sonhava em dar aula, porque ela gostava muito de crianças. Gostava de mexer com criança. O sonho dela era dar aula, mas assim, como ela não pôde, não teve oportunidade aqui, que nossa cidade é meio devagar, né, meio para trás um pouco. O valor do branco é muito maior, né. Mas ela tinha vontade de dar aula, mas aí na escola daqui ela era merendeira. Ela gostava da merenda também, o trabalho que ela fazia. (JOSÉ EVANGELISTA ROCHA, 58 anos. Conversa em 12 de julho de 2022)

Vemos com bases nas falas acima, como se desenha a necroeducação em Iaciara. Mas podemos afirmar que apesar de toda violência, essa política de morte de nossos conhecimentos vem falhando, pois nossos conhecimentos continuam vivos e cada vez mais potentes. E é essa potência que faz com quem meu povo continue esperneando, conforme relatou a professora Maria Madalena. A educação quilombola de quem não se cala, de quem continua se movendo é que vem nos salvando, desde quando nem mesmo existia o termo quilombo até os dias de hoje. Sabemos que não vem sendo uma tarefa fácil, e muitas vidas ficaram ao longo dessa caminhada, muito sangue foi e continua sendo derramado para que hoje um de nós tivesse o direito de colocar os pés dentro de uma sala de aula, seja como aluno ou como professor.

Mas apesar das lutas, nossos corpos ainda seguem sendo subjugados pela branquitude que perpetua e reproduz a mesma educação colonizadora e portanto, racista e de morte. A necroeducação, política de morte aplicada a educação é um instrumento utilizado pelo racismo para continuar mantendo os privilégios de quem continua no poder.

Ela é uma das mulheres de minha comunidade que vem me ensinando a lutar. Minha tia Maria Madalena é uma de minhas maiores inspirações, e é admirável o trabalho que ela desenvolve em minha comunidade e também fora dela. Ela vem abrindo caminhos

para que bebêssemos dessa água, para nossa própria proteção e defesa de nosso povo, de nosso território. E todo esse trabalho que ela faz, de formar pessoas antirracistas, incomoda muita gente. A branquitude sente-se ameaçada com o trabalho que ela desenvolve, e isso faz com que essas pessoas não reconheçam e nem valorize o trabalho que ela faz. Mas o meu povo que vive a luta antirracista sabe e valoriza o trabalho desenvolvido por ela junto a toda comunidade.

Madalena é uma grande liderança. É uma líder em nossa família, todo que ela chama pra fazer, nós estamos prontos pra ajudar ela e fazer tudo que precisa pra nossa comunidade, buscar as coisas, nós apoia ela. Aqui é ela e Terezinha, que também buscou muito com Madalena. Quando ela era viva, me chamava direto para associar na Associação dos quilombolas. Mas aí depois eu fui. Nós associemos todo mundo. E aí, nós temos uma Associação. Temos muitos projetos na nossa Extrema. E isso antes nunca teve. É igual a Boneca Catarina, foi um sonho dela também, fazer essa boneca, muitas melhorias vieram pra nossa comunidade. Apesar das diferenças políticas, nós fazemos as coisas juntos. E quem ganha mais é a maioria. (JOSÉ EVANGELISTA ROCHA, 58 anos. Conversa em 12 de julho de 2022)

A história de luta dela é contagiante. Ela acreditou que venceríamos através da educação e aqui estamos, e já somos muitos na universidade e em muitos outros lugares que assim desejaríamos estar. Meu avô sonhou, ela sonhou, e eu estou aqui sonhando e caminhando para que outros de nós possam ao menos ter o direito de sonhar resguardado. Muitas meninas e mulheres em quilombo Extrema se inspiram na trajetória que ela vem construindo. Estamos todas passando pelos carreiros que ela vem abrindo. Sua teimosia de quilombo respingou em nossos corpos e estamos rompendo cada dia um pouco mais, e é isso que a branquitude racista não quer.

Mas a gente sabe o quão difícil vem sendo para ela, pois quem vai na frente vai sofrendo as maiores violências, vai levando mais espinhos no lombo, como ela mesma diz. É como eu sempre falo para ela, que apesar de toda minha luta, devo está pegando menos espinhos que ela. E o desejo é esse, que um dia as nossas e os nossos possam passar por onde quiser sem se ferir tanto como nós, sem se machucar tanto, com menos dor e sofrimento. Ela fala sobre a importância de marcarmos território nesses lugares, nesses espaços de poder que estamos alcançando, apesar dos espinhos, e de como isso provoca o quebramento inclusive os olhares perversos e objetificadores sobre nós. Mas que ainda existe muito a caminhar no quebramento dessas estruturas, e um dos caminhos que precisamos percorrer é para chegar na elaboração das políticas que regem sobre nossas existências.

Essa questão de estar nesses lugares, não é só receber essa política assistencialista. Nós precisamos elaborar essas políticas, tanto na educação, nas políticas públicas no geral.

E outra coisa, que eu vejo assim, que é um avanço e um desafio pra nós, de termos deixado de ser pesquisado para ser pesquisador. E isso é, como que eu posso te falar...quebra estruturas, Márcia, isso está quebrando olhares perversos, objetificadores, que tinham sobre nós. A questão que te contei sobre o autor lá definir quilombola como selvagem.

Quando que eu ou você vamos colocar em nossos escritos que somos selvagens?

Isso é violento demais. E nós estamos nesses espaços, para contestar esses conceitos que ainda faz parte dessa ementa e incluir os nossos. Porque é o nosso lugar de fala. E eles tem que nos ouvir, eles são obrigados a nos ouvir. E é assim que vamos construído esses espaços. Porque do jeito que está, minha filha, continua violento. (MARIA MADALENA DO SACRAMENTO ROCHA. Conversa em 15 de julho de 2022)

Concordo com ela quando afirma que precisamos ir construindo os espaços que necessitamos e que queremos para os nossos, pois a branquitude nunca fará isso. Caso contrário, tudo vai permanecer violento como sempre foi. E um dos caminhos é nos fazermos ser ouvidos, como ela mesma disse acima “eles são obrigados a nos ouvir”. Ao ocuparmos esses espaços, seja como educador ou educando, iremos provocando o descontinuação de estruturas que reproduzem o poder dominante e isso é uma arma contra a necroeducação.

Conversamos também sobre minha pesquisa de campo, principalmente sobre o que passou a fazer sentido para minha pesquisa quando eu cheguei em casa, no quilombo, a partir do que faz sentido para o meu povo. Sobre o quanto é relevante ocuparmos esses espaços enquanto pesquisadoras para inclusive, contestar conceitos que nos inferioriza, nos objetiva e sobretudo, para que possamos incluir os nossos conceitos, nosso jeito de fazer pesquisa.

Tendo aprendido com ela, a minha luta em campo foi para que o meu trabalho de campo fizesse sentido para cada um de meu povo, diferente de como sempre fizeram conosco. E para isso eu necessitei repensar e reinventar a forma de se fazer etnografia no quilombo, a partir de nosso lugar de fala, um lugar que é nosso por direito. Diante disso, eu necessitei ir de encontro com os meus, com as maneiras que os meus ensinavam e aprendiam quando nem ao menos podíamos pisar na calçada de uma escola. Conversando com meu povo, aprendendo com eles a pesquisar e ensinar. Uma antropologia de dentro, feita e pensada por quem é, por quem vive o quilombo com todo cuidado, respeito e verdade que é necessário e todas as suas formas de afetamentos.

Eu falei para ela que durante a minha pesquisa de campo até aquele momento, eu não havia feito as perguntas que eu havia elaborado, que eu havia pensado antes de chegar na comunidade. Enquanto antropóloga quilombola em formação, acredito que essa foi uma das mais importantes etapas de minha pesquisa, foi aí que se deu o meu renascimento, desfazer e fazer de novo, só que junto com eles, caminhando lado a lado. Pois ao chegar no quilombo, ele me mostrou o caminho onde eu deveria trilhar, e tudo saiu conforme o campo e seu movimento me levou, me direcionou. A professora Maria Madalena afirmou que “essa é a diferença, Márcia. Essa é a diferença de você ser uma pesquisadora quilombola, de dentro do quilombo, de nossa comunidade, para um pesquisador de fora”. Meu quilombo está me fazendo ser a antropóloga que o meu povo tanto necessita.

A professora Suzane de Alencar já havia me alertado, falado sobre os afetamentos, mas eu nem imaginei que seria assim, que eu seria atravessada pelo meu campo de forma tão potente e necessária. Observem a fala dela, “não se preocupe, o campo é quem vai dizer, o campo é quem vai ditar as regras, o movimento do campo, o fluxo”. Agora, dissertando baseada nos ensinamentos da etnóloga francesa Jeanne Favret-Saada, (2005, p.160) elucida que “ Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assume o risco de ver seu próprio projeto de conhecimento se desfazer”. Quer dizer, estava pronta para ser afetada, mas eu confesso, ainda assim, fui surpreendida, que bom!

O campo ditou as regras, e as coisas que pensei quando me programei antes de ir a campo não faziam o menor sentido, porque o sentido quem dá são os quilombolas, e é com a vivência, com as conversas nos terreiros, nos encontros nos quintais, na lida diária, pois o quilombo está em constante movimento.

Mesmo sendo quilombola, mesmo sendo de dentro eu necessitei usar a mais profunda de minha sensibilidade, eu precisei sentir o campo, ouvir o campo, prestar atenção em tudo que ele queria me dizer, e o que ele também não estava deixando que eu visse. O dito e o não dito. O que dava para ver, e outras coisas que só nós quilombolas podíamos sentir e que não cabe no papel e nem nas palavras ditas.

Eu necessitei aguçar todos os meus sentidos e com isso, foi necessário renovar o meu ser quilombola. No meio de nossa conversa a professora Maria Madalena falou que se eu fosse uma pesquisadora de fora eu não ia rever o que eu levei a campo, eu ia fazer aquilo que fui fazer independente daquilo fazer ou não fazer sentido para nosso povo, pois isso foi o que a branquitude sempre fizeram. Precisamos concordar com ela que

afirma que “se você não fosse quilombola, ia chegar aqui, assim como as pesquisadoras que estiveram aqui, e iria fazer as perguntas que trouxe”.

3.5 Nossos saberes não têm preço, tem valor.

Para mim, ser quilombola é viver a arte dos encontros, é aprender uns com os outros, é ensinar uns para os outros, é lutar para ensinar nossa força, nossa história de luta e resistência, nossos saberes e conhecimentos que resistiram à violência e ao tempo. Ninguém é quilombola sozinho, mesmo estando longe do quilombo. Existimos porque outros existiram antes de nós, e lutaram para que chegássemos aqui.

Sendo assim, nosso conhecimento é coletivo, todos devemos cuidar para ensinar outras gerações. Sabemos que muitos de nós perderam a vida para que nossos saberes fossem preservados, para que não se perdesse com a violência que passamos, e até hoje vemos gente nossa morrendo no enfrentamento de batalhar para tentar preservar nossa existência, para que possamos viver. Estamos cansados de tentar sobreviver, queremos viver.

Somos quilombolas estando em nosso território de origem ou não. Mas independentemente de onde estivermos, nós existimos e não somos quilombolas sozinhos, pois os nossos estão sempre conosco. Houveram muitos antes de darmos os primeiros passos, e haverá muitos depois de nós. Sendo assim, não podemos decidir sobre um conhecimento que já existia antes mesmo de eu estar aqui, que não foi construído somente por mim, no meu tempo. Isso é muito complexo, pois os saberes que tanto lutamos para preservar são muito valiosos para nós. Sendo assim, qual o direito que temos sobre um conhecimento que é coletivo?

A branquitude tem o costume de colocar preço em tudo. Vale lembrar que colocaram preço e venderam, inclusive nós, povos negros, escravizando-nos. E ainda hoje costumam querer comprar tudo, até mesmo o conhecimento, os saberes que protegemos com nosso próprio sangue, com nossas vidas para mantê-los vivos. Resistimos a toda violência sofrida, e nossos saberes foram preservados, apesar da violência vivida no período da escravidão, que repercute em nossas vidas após o fim da escravidão, e que continua até os dias de hoje.

No ano de 2020, eu trabalhava em uma escola em Goiânia. Assim que me formei em pedagogia, fomos assustadoramente atravessados pela pandemia de Covid-19. Em

março do fatídico ano, as aulas precisaram ser suspensas, uma situação nunca antes vista. Tivemos que aprender a aprender dar aulas naquele novo contexto. Um cenário assustador, sombrio, de medo, de luto e muitas lágrimas, com tantas mortes. Foi praticamente um ano inteiro de aulas on-line em plataformas digitais. Isso levando em consideração as pessoas a quem era delegado o direito de estudar nessa ocasião. Porque sabemos que muitas crianças não conseguiram estudar durante a pandemia, principalmente os quilombolas e indígenas. No ano de 2021 é que as aulas começaram voltar a ser presencial, no início, eram híbridas as aulas, e depois passamos todos para o presencial, respeitando o distanciamento conforme as normas de biossegurança em saúde.

Assim que as aulas voltaram a ser de forma presencial, em meados de outubro a escola que eu trabalhava convidou uma escritora, autora de livros infantis, escritora goiana. A escritora é uma mulher branca e de renome em nosso estado de Goiás. Eu fiquei muito feliz em conhece-la, sobretudo por haver um livro dela no qual eu gosto muito, que sempre trabalhava com as crianças e lia com meu filho. Naquele dia, conversamos bastante, sobre os livros, sobre quilombo. E ela me contou que estava com um trabalho sobre os povos negros, povos quilombolas, e que a ideia era escrever um livro. Eu gostei muito, achei interessante, pois sei que trabalhar as questões raciais é uma obrigação de toda a sociedade que sempre negou a existência do racismo, e sendo assim, não vi nenhum problema até aquele momento.

Ela me falou que conhecia Cavalcante, os Kalunga, e estava querendo desenvolver o trabalho lá. Eu alertei-a que não sou Kalunga, sou quilombola de Extrema, em Iaciara Goiás. Pois ela, e a maioria das pessoas pensam que todo o quilombola é Kalunga e de Cavalcante. Aqui em Goiás, onde quer que eu vá, as pessoas perguntam se sou Kalunga. E eu sempre respondo que nem todo quilombola é Kalunga.

Podemos explicar isso, pois além da falta de estudar mais sobre os povos e comunidades tradicionais de nosso estado, tem o fato de o quilombo Kalunga, situado na região de Cavalcante, composto por várias comunidades quilombolas ser o maior quilombo no que diz respeito a extensão territorial do Brasil, e é também o mais conhecido de nosso estado. E sendo assim, muitos desavisados deduzem que todo quilombola é Kalunga.

Ser chamada e ou considerada Kalunga, não é nenhum problema, muito pelo contrário, tenho muitos amigos Kalunga, entre eles a Vercilene Francisco Dias, advogada, mestra e doutoranda pela UnB, Jeronilson Quirino, pedagogo, cientista político e mestrando em ciência política pela UFG, entre outros. Passados alguns dias, recebi uma

mensagem no celular. E na mensagem, veio uma proposta. A proposta era para eu ler o livro, e depois “dar minhas contribuições”. De cara eu senti um negócio esquisito.

E para completar, a autora propôs me pagar mil reais pela minha leitura, por minhas contribuições, ou seja, pelo conhecimento de meu povo. Eu também deveria assinar um contrato, como disse ela, por motivo de segurança. O livro, teria meu nome, porém eu iria assinar como uma espécie de ajudante, de auxiliar, coisa do tipo, era o que constava na mensagem.

Eu fiquei muito encabulada com aquilo. Conversei aqui e casa com minha família e achamos muito estranho, conversei com alguns amigos e alguns até chegaram a pensar e falar que poderia ser bom para meu currículo, tendo em vista que a autora é famosa, e que independentemente de qualquer coisa, meu nome estaria no livro. Outros, acharam muito estranho, assim como nós aqui em casa, pois no mínimo, eu teria que ser co-autora do livro.

Aqui em casa, todos nós tirávamos sarro de tal proposta. Conversei com minha tia Mada, liderança de minha comunidade e ela disse “esse povo, é cada uma em”. Resolvi conversar sobre o assunto do tal livro com minha orientadora, professora Suzane. Ela, assim como as demais pessoas, também achou a proposta muito esquisita. E de cara me alertou “isso é apropriação cultural”, exatamente o que eu e minha família havíamos pensado. E eu pensei, vou cair fora disso.

O pior de tudo, é que além de tantas coisas, colocou preço em meu conhecimento, no conhecimento de meu povo, que como eu já disse, não é uma propriedade minha, é ancestral. Eu enquanto quilombola, não sou proprietária individual de nossos conhecimentos. O conhecimento é de meu povo, eu não tenho a autoridade para “dar minhas contribuições” pensando somente em mim. Minhas contribuições são enraizadas de outros, muitos outros que vieram antes de mim, pois eu não estou só, não cheguei aqui só. Obviamente eu não aceitei a proposta. Respondi a escritora que eu não poderia aceitar a proposta por diversas razões, entre elas, por respeito ao meu povo quilombola, e tudo que lutamos para manter de pé, que lutamos para preservar e construir, e também por questões éticas.

O que ela queria com minhas contribuições? Se ela já é uma escritora consolidada, porque ela precisava de minhas contribuições? Por que ela queria pagar por minhas “contribuições”? Por que eu tinha que assinar o contrato e recibo de pagamento? São questões que eu levantei e refleti sobre. Não era só minha contribuição que ela queria, fiquei pensando. Ela queria dar validade ao livro dela. Um livro escrito por uma branca,

que fala de negros quilombolas. Nós sabemos é que estamos constantemente levantando o debate e crítica que não se pode falar de nós sem nós. Ela precisava que tivesse um negro na construção daquele livro, para legitimar, para dizer que tinha aquela autorização. Eu jamais faria isso com meu povo. Se eu “desse minhas contribuições”, recebesse aquele dinheiro, com que cara eu iria olhar para meu povo quilombola de Extrema? Eu não sou dona e proprietária de nossos saberes, eu não tinha esse direito.

Eu achei isso de uma violência terrível, muito grande. Parece que as pessoas não entendem o sentido da vida no quilombo, do ser quilombola, da palavra quilombo, de viver o compartilhamento, de coletividade, como diz o poeta quilombola, Nego Bispo (2015). Ainda hoje, mesmo depois de todos esses anos, ainda continuamos sofrendo violência, desrespeito, mascarado de coisa boa. Um livro sobre nós, para ganhar dinheiro em nosso lombo, como sempre fizeram a branquitude. Usurpam os nossos conhecimentos, e nossos nomes sequer são citados, e assim, são apagados como bem sabemos.

Violentamente, entre tantos outros direitos, foi retirado de nosso povo o direito à educação. Nas escolas, não podíamos passar nem na porta, e muito menos adentrar a elas. Fomos colocados a vida toda como menos inteligentes, como incapazes de ensinar e de aprender. Fomos colocados a margem dessa sociedade racista e portanto, criminosa, apesar de ela toda ter sido construída em cima de nosso sangue e suor, não fomos e ainda insistem em não nos considerar sujeitos de conhecimentos e saberes, e assim, insistem em nos colocar em lugar de menor prestígio.

Mas quando vivemos no coletivo, a gente não faz nada sozinho, tudo é feito pensando no outro. Não queremos ninguém escrevendo por nós, usando nossos conhecimentos, e é por isso que estamos aqui, dizendo nossas vozes, fazendo o papel falar, escrevendo na academia. Usar nossos conhecimentos e nos transformar em meras peças decorativas, objetos. Um lugar que nunca deveríamos ter estado e não vamos voltar a estar. Estamos aqui estudando, conhecendo as artimanhas da branquitude, para conseguir defender o nosso povo das jogadas da branquitude contra nós.

Nossa educação precisa ser pensada para nossa liberdade e não para o aprisionamento, silenciamento, para aceitação de cima para baixo, e é por isso mesmo que precisa ser feita com nossa participação, e não para nós, e para isso é preciso dialogar e ser implementada de forma efetiva. Uma educação diferenciada tem que ter nossa marca, nossos dizeres e pensamentos, e precisa ser uma educação de dentro, de baixo pra

cima, como afirma a professora quilombola de Conceição das Crioulas, Givânia Maria da Silva (2012).

A nossa educação quilombola antirracista está fazendo chegarmos onde estamos hoje e onde quisermos estar. Nos negaram a educação e todos os outros direitos que são vitais, mas não conseguiram arrancar de nossos corpos negros os sonhos, apagar os desejos de construir conhecimento, nossa arte de ensinar e aprender que vem sendo ensinada de geração em geração, e por meio de nossa pedagogia de quilombo, começamos ensinando os nossos em casa, em quilombo Extrema.

Nossos conhecimentos são ancestrais, e por meio de nossa educação, vem nos proporcionando reencontrar com os nossos. Aprendemos fazer isso brincando, vadiando nos quintais e nos terreiros, fazendo ciência desde pequenos. Perdemos muitas pessoas ao longo dessa caminhada, e apesar de toda dor, resistimos as mais perversas violências e tentativas de tirar nossa humanidade. Mas nossa desobediência ancestral e teimosia de quilombo tem nos sustentado de pé, e por meio de nossos saberes e conhecimentos estamos dando outro sentido e significado a nossas vidas e sacudindo estruturas racistas, inclusive por meio da escrita dessa dissertação.

Nossa vida em quilombo Extrema sempre esteve permeada pelas brincadeiras inventadas por nós e dos brinquedos que sempre construímos, como pudemos acompanhar ao longo dessa dissertação. Vadiando, tolendo de dentro, fazendo caber e lutando, resistimos as violências racistas e todas as outras que vem com ela. Foi tirando sarro da cara deles que construímos nossa história e estudando em casa em quilombo Extrema, transgredimos.

Nosso vadiar, nossa teimosia de quilombo, nossa desobediência e toda nossa ciência precisam perpassar os muros das escolas e fazer parte do currículo a partir de nossa educação diferenciada, de nossa pedagogia contracolonial, com os nossos participando diretamente da construção e organização de tudo que é ensinado aos nossos.

Cada um de nosso povo conhece nossa história e cada vez mais estamos sendo preparados para nos proteger do racismo e defender nossos direitos por meio de nossa educação. As narrativas que foram construídas para negar nossa existência, que fez de nosso povo uma imagem estereotipada, que levaram muitos de nós a morte vem sendo desconstruídas e estamos ingressando e conseguindo permanecer em lugares que antes não podíamos entrar, como nas escolas, universidades e muitos outros espaços de poder, porque somos quilombo.

CONCLUSÃO

“Somos começo, meio e começo”

Antônio Bispo dos Santos – Quilombo Saco-curtume em São João do Piauí/PI.

Essa pesquisa me é muito cara, e acredito que para grande parte de meu povo quilombola de Extrema que são os responsáveis por mandar os jovens de nossa comunidade para a universidade também é. Muitos sonharam em ver os nossos trilhando por esses caminhos e por caminhos outros, que assim desejamos.

Por muito tempo eu também sonhei e desejei fazer essa pesquisa, e resolvi escrever e enfrentar o racismo por meio dessa etnografia, de uma pesquisa de dentro, que tem os intelectuais quilombolas de Extrema como protagonistas, feita pelas nossas mãos. Uma dissertação de mestrado que mostra quem somos, mostra nossos saberes e conhecimentos, e que também denuncia a ausência do estado que segue insistindo em nos deixar de fora de espaços que são nossos por direito. E estamos fazendo isso através da ciência do meu povo, uma ciência antirracista ancestral que vem vencendo o tempo, e em favor da vida, de todas as existências, por meio de nossa pedagogia quilombola do quilombo Extrema. Chegamos a essa etapa da pesquisa, e é preciso escurecer que toda essa luta e enfrentamento que meu povo apresentou aqui faz parte de um trabalho educativo e político, que vem trazendo todas essas denúncias.

Chegar até aqui é motivo de muita alegria, mas temos consciência que ainda existe muitos caminhos a percorrer, muitas portas para meter o pé, e que não podemos e nem vamos baixar a guarda nessa guerra contra o racismo. Poder contribuir para a construção da história da educação de nosso povo, de nosso estado de Goiás e do Brasil através dessa pesquisa, ou seja, contribuir por meio de nossa educação quilombola antirracista do quilombo Extrema na luta contra o racismo, me deixa emocionada.

Aqui chegamos, mas aqui não é o fim, é o começo de uma história de vida de um povo que a cada dia que passa, que conhece a história de luta e resistência dos seus, tem mais certeza ainda da potência que existe em seu conhecimento que vem vencendo o racismo com seus saberes e que luta, incansavelmente, para que toda essa ciência permaneça viva, pois conhecemos nossa história que tentaram apagar e negar, e sabemos quem somos. Luta que apesar de desafiadora, é necessária.

Pudemos perceber ao logo dessa caminhada antropológica durante a arte de etnografar essa dissertação de mestrado junto com meu povo quilombola de Extrema, que

a educação que o projeto de morte da branquitude tanto insistiu em nos negar foi construída em casa no quilombo de Extrema do nosso jeito, tendo como fundamento teórico, nossa educação quilombola, nossa desobediência que é ancestral, nossa teimosia de quilombo e nosso trabalho brincante em quilombo de Extrema, e por ser um conhecimento que vem sendo passado de geração em geração, por ser uma pedagogia de dentro é imensamente mais potente, visto que ela vem conseguindo permanecer viva, e apesar de todas as violências racistas e portanto, de morte, nos encontramos uns nos outros e continuamos aprendendo uns com os outros.

Sendo assim, é nítido que projeto de morte da branquitude segue falhando. O fato de uma mulher negra quilombola e mãe está aqui escrevendo todas essas linhas em um curso de Antropologia Social, a partir de uma ciência quilombola, diz muito sobre isso.

Até pouco tempo, nosso povo sequer podia passar na calçada de uma escola ou universidade e éramos considerados selvagens, pelos ditos intelectuais da branquitude. Tiraram de nós o direito de expressar e registrar nossos conhecimentos no papel e falavam por nós dizendo que não tínhamos voz. Construíram narrativas e histórias que negam, inclusive, nossa humanidade. Tentaram apagar nossas histórias construindo narrativas que nos colocam em lugar de inferioridade, de subalternidade. Fomos violentados das mais perversas formas durante anos, e ainda hoje, percebemos as tentativas da “onça”. Nos tiraram todos os mecanismos que poderíamos usar para conseguirmos continuar existindo, vivendo, mas nós resistimos.

Mesmo com toda essa perversidade, não conseguiram tirar a sabedoria de nossos corpos negros, de nossas mentes, de nossas memórias. E do nosso jeito, fizemos com nossas próprias mãos a educação quilombola antirracista que vem salvando nosso povo e nos “protegendo da traiçoeira” como diz a professora Maria Madalena do Sacramento Rocha (2019). Fizemos isso vadiando, brincando no quilombo e ensinando em casa, baseados numa teimosia de quilombo e desobediência que é ancestral, por meio de uma pedagogia quilombola de Extrema, que nasceu em casa no quilombo.

Estamos ensinando os nossos, por meio de uma ciência que é nossa a se proteger, lutar e resistir ao racismo, projeto de morte da branquitude. Escrevíamos com torrão, com graveto, com carvão e por essa a branquitude não esperava, transgredimos em meio a essa violência, e fizemos isso com o uso de tecnologias outras, de quilombo. Nossos trabalhos enquanto educadores quilombolas, nosso papel vai além de ensinar conteúdos, mas é sobretudo ensinar lutar e ensinar se defender, é ensinar se proteger das ciladas e violências racistas baseados em nossa pedagogia quilombola do quilombo Extrema. E

sendo assim, já no vadiar, no brincar somos fortalecidos para enfrentar as batalhas contra o racismo ao longo da vida.

Desse modo, é importante repercutir que o brincar, o vadiar entrelaçados a teimosia de quilombo e desobediência ancestral são armas de defesa e proteção que tem as bases construídas desde a infância e vamos nos fortalecendo e com isso conseguindo enfrentar as tentativas da traiçoeira.

Estamos trabalhando para que os nossos conheçam nossa história de luta, de resistência, e principalmente de vitórias. Estamos cada dia que passa nos preparando mais para enfrentar o racismo, e com isso, vamos desconstruindo narrativas perversas sobre nosso povo quilombola, e o fato de estarmos aqui dissertando essas linhas é o resultado de anos de luta contra a negação de conhecimentos e de nossas histórias.

Concordo com meu tio Cipriano Justino quando ele afirmou anteriormente que esse debate precisa virar ação, que precisamos entrar com muita força nessa batalha pelos direitos dos nossos. Pois como ele mesmo falou, toda essa violência é extremamente grave, e de fato, precisamos começar a sentir e viver as ações de forma concretas. Precisamos entender que essa luta não é só de nosso povo, esse país tem uma dívida histórica com meu povo negro e negro quilombola.

Toda essa caminhada só foi possível porque eu nunca estive sozinha, como puderam acompanhar ao longo dessa dissertação, e as mulheres de Extrema que seguem me inspirando têm papel fundamental nessa caminhada. O fato é que nunca estivemos sozinhos como queriam que pensássemos.

Diziam que não existiam intelectuais negros e negros quilombolas, e mal sabiam que os intelectuais somos cada um de nós e todos nós juntos, e foi assim que conseguimos preservar todos esses saberes e ensinar os nossos no quilombo, em nossas casas de adobe. Não reconhecem nossos conhecimentos, não valorizam nossos saberes, mas vivem atrás de nosso povo em busca dos mesmos saberes que tentam invalidar, que tentam apagar, e que não conseguem, porque eles estão em nossos corpos. Enquanto existir um de nós de pé, haverá luta e resistência por nossas existências e haverá quilombo.

REFERÊNCIAS

ACHEBE, CHINUA. A educação de uma criança sob o Protetorado Britânico: ensaios/Chinua Acheb; tradução Isa Mara Lando – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília (DF). Senado Federal, sine nomine - [s. n.]. 1988.

_____. Constituição (1937). Constituição dos Estados Unidos do Brasil. Brasília (DF). 20/08/2022.

_____. Decreto de Lei nº 3.688, de 03 de outubro de 1941. Lei de Contravenções Penais. Brasília (DF). 20/08/2022.

_____. Lei nº 9.394. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 20 de dezembro de 1996. Presidência da República. Brasília, DF.

_____. Lei nº 11.645/08 de 10 de Março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

_____. Presidência da República. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.

_____. Ministério da Educação (MEC). Conselho Nacional de Educação (CNE). Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. MEC, 2012.

CAMPOS, Louise Rodrigues; Souza, Sullivan Ferreira. Educação quilombola e decolonialidade: um diálogo intercultural. Formação de professores, complexidade e trabalho docente. 2025.

CAVALIERI, L; MELO, T.F.O; TIRIBA, L.V. Notas de uma Metodologia Contracolonial Teórico-Brincante: encontro de Educadoras e Educadores a “Qual” distancia? Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp., Salvador, v. 31, n. 66, p. 173-190, abr./jun. 2022

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa /Paulo Freire – 55ª ed- Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2017.

_____. Paulo. Ação cultural para liberdade. 5º ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.

GOMES, Nilma. Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/2003. Brasília: MEC, 2005.

_____. Nilma Lino. Educação, identidade negra e a formação de professores (as): um olhar sobre o corpo e o cabelo crespo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

_____. Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? Scielo.br. Nº 21, Set/Out/Nov/Dez2002.

GLAUDIO, Eduarda Souza. Resenha do livro “O que é racismo estrutural” de Silvio Almeida. 2019.

GONZALEZ, Lélia. Lélia Gonzalez: primavera para as rosas negras. São Paulo: UCPA Editora, 2018.10 de jul. de 2018

HOOKS, Beell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade / Bel Hooks; tradução de Marcelo Brandão Cipolla.-ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

JACCOUD, L. B. Racismo e República: o debate sobre o branqueamento e a discriminação racial no Brasil. Brasília: IPEA, 2008.

SANTOS, Janete Fernandes Suzart da Silva. Necroeducação: racismo, juventude e enfrentamento na escola pública em Salvador / Janete Fernandes Suzart da Silva. - 2021.

SIQUEIRA, Paula. “Ser afetado” de Favret-Saadaa, Revista Caderno de Campo. nº13:155 -161. 2005.

KILOMBA, Grada, 1968- Memórias da Plantação - episódios de racismo cotidiano/Grada Kilomba; tradução Jess Oliveira.- 1.ed.-Rio de Janeiro: Cobogó,2019

NETO, Clemilda Santiago; Soares, Edmara; Coqueiro, Edna. Do quilombo à escola: ancestralidade e práticas pedagógicas. 2022.

NUNES, G. H. Educação quilombola: orientações e ações para educação das relações étnico-raciais. Brasília: [s.n.], 2006.

PANORAMA QUILOMBOLA / José Maurício Arruti (editor) ; Amanda Jorge... [et al.] – Campinas,SP : UNICAMP / BCCL, 2022.

PAULA. De Elaine. “Aqui é o lugar que a gente vive” As brincadeiras das crianças de um quilombo catarinense. Revista Contrapontos. Eletrônica. vol. 19. Nº1. Itajaí. Jan-jun 2019.

PAULINO, Silvia Campos. OLIVEIRA, Rosane. Vadiagem e as novas formas de controle da população negra urbana pós-abolição. Direito em Movimento, Rio de Janeiro, v.18-nº 1, p.94-110, 1ºsem.2020.

PARADIS, Clarisse Goulart. A tradução do pensamento de Angela Davis para o Brasil:por uma História das origens interseccionais do feminismo. 2018.

QUINTILIANO, Marta. Afro-Indiginoafetivas [manuscrito]: Uma autoetnografia sobre trajetórias, relações e tensões entre cotistas de Pós-Graduação e Políticas de Ações afirmativas na Universidade Federal de Goiás/ Marta Quintiliano 2019.

RABELO, Isabela Guimarães, 1985- A ecologia da ecologia: os saberes no grupo nZambi de capoeira angola em Florianópolis- Santa Catarina/Isabela Guimarães Rabelo. 2014.

RATTS, A.; DAMASCENA, A. A. A incisiva marca africana na cultura brasileira. In: MEIDEIROS, C; IRADJ, R. E. (Coord.). História e Cultura Afro-Brasileira a Africana na Escola. Brasília: Ágere Cooperação em Advocacy, 2008.

ROCHA, Maria Madalena do Sacramento. Na Caçada da Onça: Curraleira e Sussa enquanto Performances Culturais Quilombolas [manuscrito] / Maria Madalena do Sacramento Rocha. - 2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, Quilombos: Modos e Significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SILVA, Ana Claudia Matos da. Uma escrita contra-colonialista do quilombo Mumbuca Jalapão-TO. 2019. 107f.,il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

SHOHAT, E.; STAM, R. A crítica da imagem eurocêntrica. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SILVA, Givânia Maria da. Educação como processo de luta política: a experiência de “educação diferenciada” do território quilombola de Conceição das Crioulas. 2012. 199 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação) —Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

SILVA, Vera Regina Rodrigues. Aula Inaugural “ Eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer”. Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (UFG). Transmitido ao vivo em 04 de setembro de 2020 às 18h:00min.

SOUZA, Shirley Pimentel de. Educação Quilombola: Os Saberes e Fazeres da Experiência Sociocultural e o Currículo Escolar. Revista Humanidades e Inovação v.4, n. 4, 2017.

VIEIRA, Suzane de Alencar. Resistência e *Pirraça* na Malhada: Cosmopolíticas Quilombolas no Alto Sertão de Caetité. Suzane de Alencar Vieira – Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2015.